

O  
LIVRO  
DE  
MELQUISEDEQUE

*(Uma Parábola)*

Diógenes Lopes de Oliveira

# O LIVRO DE MELQUISEDEQUE

*“Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos” Sl.78:1,2.*

## Os Rolos do Mar Morto

No deserto da Judéia, no litoral do Mar Morto, próximo a Jerico, acampava-se uma tribo semibeduína conhecida como Taamireh. Era o início da primavera de 1947, quando um dos filhos daquela tribo, Muhammad edh-Dhib, um jovem de apenas 15 anos de idade, pastoreava o rebanho de seu pai. Ao retornar para casa, descobriu que estava faltando uma cabra. Deixando o rebanho seguro no curral, retornou sem demora à procura da que havia se transviado.

Depois de caminhar por muitas partes em busca da cabra perdida, o beduíno sentou-se junto à uma gruta, vencido pelo cansaço. Não sabia que os seus passos errantes o conduziram naquele entardecer para próximo de um tesouro de inestimável valor. Ele encontrava-se naquele momento na região noroeste do Mar Morto.

Ao arremessar uma pedra para dentro da caverna, o beduíno ouviu um ruído surdo que pareceu-lhe o som de um vaso de barro quando cai. Achou muito estranho aquilo e, movido por um misto de curiosidade e medo, aproximou-se da abertura para ver o que se encontrava lá dentro. A princípio, somente conseguiu ver a escuridão que reinava dentro da caverna que voltara a ficar silente. Depois de alguns instantes, seus olhos começaram a avistar contornos que lhe pareceram grandes jarros. Vieram-lhe então à lembrança histórias que ouvira desde mui pequeno, sobre Sheitan, o espírito mau que vive nas cavernas. Não seria aquela gruta a sua morada? Este pensamento o fez fugir dali apressadamente, em direção de sua tenda. Tão grande era o medo, que se esqueceu inteiramente da cabra que se perdera.

Ahmed, o seu irmão mais velho, ao ouvir sua história, riu de sua falta de coragem. Ahmed, contudo, não conseguia esquecer-se daqueles vasos que seu irmão afirmara ter visto no interior da caverna; E se existisse dentro deles tesouros? Esse pensamento fez com que perdesse o sono naquela noite. Assim que o dia raiou, pediu que seu irmão o levasse àquele lugar de onde fugira.

Cheios de esperança e coragem rumaram naquela manhã em direção ao possível tesouro. Olhando atentamente para o interior da caverna, Ahmed constatou que, realmente, havia jarros ali. Cheio de euforia, passou a remover os pedregulhos que estreitavam aquela abertura, até que conseguiu resvalar-se para dentro da gruta. Estava muito escuro a princípio, mas suas vistas foram-se acostumando e, dentro de instantes, viu-se cercado pelos vasos de barro. Com muito cuidado, evitando que se quebrassem, foi tomando-os, um por um, e passando-os para o irmão, que ficara do lado de fora.

Curioso para ver o que havia naqueles vasos, Ahmed saltou para fora da Gruta. Ao introduzir a mão num daqueles vasos, tirou um embrulho feito de panos de linho. Abriram-no na expectativa de encontrar ouro ou pedras preciosas, mas os irmãos ficaram decepcionados ao descobrirem apenas um rolo, feito de coroa de cabras. Em todo o rolo, havia uma escrita que não puderam decifrar. Os demais jarros traziam igualmente grandes rolos de couro.

Os beduínos ficaram, inicialmente, sem saber o que fazer com aqueles rolos. A primeira idéia foi a de devolvê-los à caverna; Mas, pensando melhor, decidiram vendê-los para algum sapateiro ou colecionador de coisas antigas.

Khalil Iskander Shahin, conhecido como Kando, tinha uma sapataria em Belém. Remendava uma bolsa quando dois beduínos entraram em sua sapataria, arrastando consigo sete grandes rolos.

Colocando-os sobre o balcão, perguntaram o quanto ele poderia pagar por todo aquele couro. Analisando os rolos, viu que estavam muito envelhecidos e, com certeza, não lhe seriam úteis.

Khalil estava para despedir os moços quando, atraído por aquelas escritas, resolveu adquiri-los, pensando em revendê-los para algum colecionador de antigüidades. Pagou então uma ninharia por eles, e os rapazes, ainda que cansados por todo esforço, saíram felizes.

Durante alguns dias, os rolos permaneceram esquecidos em um canto da sapataria, enquanto Khalil, procurava em vão despertar o interesse de seus clientes por eles.

Athanasius Y. Samuel, arcebispo metropolitano do Mosteiro São Marcos, em Jerusalém, tomou conhecimento sobre os rolos através de um membro de sua paróquia que os vira na sapataria de Khalil. Dirigiu-se até lá e, como não conseguia carregar todos, adquiriu quatro deles. Alguns dias depois, Khalil vendeu os outros três para o professor Eleazer Lipa Sukenik da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Ao analisar os quatro rolos, Athanasios conscientizou-se de haver adquirido uma preciosidade. Decidido a fazer fortuna com sua venda, levou-os clandestinamente para os Estados Unidos, onde passou a oferecê-los para pessoas e instituições que acreditava poderem se interessar por eles. Ninguém, contudo, aceitou sua proposta, pois o preço exigido era muito alto.

Desanimado, Athanasios decidiu, numa última tentativa, colocar um anúncio no Wall Street Journal.

## Preço Multiplicado

Era início de 1954, quando o General Yigael Yadin, Chefe do Estado-Maior do Exército Israelense, ao ler o Wall Street Journal, foi atraído para o pequeno artigo que falava daqueles quatro rolos encontrados no Mar Morto, contendo manuscritos bíblicos datados entre 100 a 200 anos a.C.; Sua aquisição poderia ser ideal para instituições educacionais ou religiosas.

Yigael era filho do professor Eleazer, que comprara os três últimos rolos. Desde então, eles estavam desesperados à procura dos outros quatro.

Depois de recortar o anúncio, Yigael ligou imediatamente para o aeroporto, exigindo uma passagem no próximo vôo para os Estados Unidos. Jamais fizera uma viagem sentindo-se tão ansioso; Aquelas horas de vôo pareciam-lhe uma eternidade.

Ao desembarcar, dirigiu-se imediatamente ao endereço indicado no anúncio. Chegando ao local, viu que várias pessoas, atraídas pelo anúncio, faziam uma grande fila para conhecerem os tais rolos. Seria uma loucura permitir que elas entrassem antes dele, por isso, encaminhando-se para junto da porta, colocou-se como o primeiro da fila. Alguns começaram a reclamar, mas ele, tocando na porta, desculpou-se, afirmando ser amigo de Athanasius.

Ao ouvir os toques na porta, Athanasios, que mostrava a um possível comprador os pergaminhos, foi ver quem era. Sem saber que tinha diante de si o General do Exército Israelense, Athanasios foi rude, mandando-o esperar pela sua vez. Isto o fez passar vergonha diante das pessoas, a quem havia afirmado há pouco ser amigo daquele homem. Começaram então fortes protestos e, alguns se adiantaram querendo tirá-lo a força de seu primeiro lugar na fila. Nesse momento, Yigael, que não queria revelar sua identidade, vociferou com fúria, mostrando sua alta patente confirmada por uma credencial que ergueu aos olhos de todos. Esse gesto fez com que o sentimento de humilhação e vergonha se transferisse para aqueles que o afrontaram.

Ao chegar a sua vez, Yigael, sem se identificar, perguntou para Athanasios o valor que ele esperava receber pelos rolos. Não querendo ainda lhe dar o preço, convidou-o a ver os pergaminhos. Yigael, ressentido pelo tratamento que havia recebido, disse secamente que não estava ali movido pela curiosidade, querendo simplesmente admirar-se ante aqueles rolos; Estava ali para comprá-los. Assim, para não perderem tempo, gostaria de saber o quanto pagaria por eles.

Athanasios que, dominado pelo desânimo, estava a ponto de vendê-los por qualquer preço que cobrisse suas despesas de viagem, abaixou, a cabeça e meditou: Se conseguisse vendê-los por \$ 5.000 já estaria bom; Mas não lhe custaria pedir mais: quem sabe dez vezes mais, \$ 50.000; Ou mesmo cinqüenta vezes cinco. Seus lábios então pronunciaram o preço de \$ 250.000.

Prontamente, Yigael tomou seu talão e preencheu um cheque de 250.000 dólares. Ele o faria com a mesma determinação, ainda que o processo multiplicador continuasse na mente do ancião em dezenas de outras operações.

Ao conferir no cheque o valor daquela fortuna, Athanasios ficou possuído por um sentimento misto de alegria e vergonha, pois o mesmo continha a assinatura do Chefe do Estado-Maior do Exército Israelense, a quem pouco antes tratara com estupidez.

Quando a porta novamente se abriu, a fila de curiosos foi aniquilada pelos passos daquele que já havia sido herói de muitas batalhas, e que conduzia, sob os poderosos braços, os rolos da Gruta 1, a sua maior conquista. Agora, os sete rolos eram propriedade do Estado de Israel, que desfrutava seus primeiros anos de independência, depois de um desterro de milênios.

Ao serem os sete rolos cuidadosamente analisados por eruditos em Israel, comprovou-se que se tratavam dos mais antigos manuscritos já descobertos pelo homem, datados de tempos anteriores aos dias de Cristo. Um dos rolos, o mais conservado dos sete, apresentava uma cópia do livro de Isaías que, ao ser comparado com as cópias modernas, trouxe a certeza de que não houve nesses dois milênios nenhuma alteração de sua mensagem profética.

Os demais manuscritos, também de grande importância, são: O Manuscrito de Lameque, conhecido como O Apócrifo de Gênesis, que apresenta um relato ampliado do Gênesis; A Regra da Guerra, que descreve a grande batalha final entre os filhos da luz e os filhos das trevas, sendo os descendentes das tribos de Levi, Judá e Benjamim retratados como os filhos da luz, e os edomitas, moabitas, amonitas, filisteus e gregos representados como os filhos das trevas. Há também um pergaminho com Os Hinos de Ação de Graças (Hodayot), uma seqüência de 33 salmos que eram cantados, em cultos de adoração ao Criador, o grande Adonai.

## O que os Eruditos Encontraram

Dois anos depois da experiência daqueles jovens beduínos, dois arqueólogos, G. L. Harding e R. De Vaux, auxiliados por quinze habitantes daquela região do Mar Morto, começaram novas buscas nas proximidades daquela caverna que viria a ser conhecida como Gruta 1. Em dois anos de incansáveis pesquisas, descobriram as ruínas do Mosteiro de Khirbet Qumran, uma propriedade dos essênios. Dentre os muitos objetos ali descobertos, encontraram uma sala onde os manuscritos eram preparados, ao qual deram o nome de *scriptorium*. Foram encontrados naquela sala dois tinteiros, ambos contendo restos de tinta de carvão do tipo usado nos pergaminhos. Encontraram também uma escrivãzinha, ao lado da qual havia concavidades que, possivelmente, eram usadas para armazenar água limpa, com a qual o piedoso escriba purificava as suas mãos, ao iniciar as cópias das Sagradas Escrituras, ou mesmo antes de escrever o nome divino.

Um grande terremoto, ocorrido no ano de 31 a.C., trouxe muitos danos ao Mosteiro de Khirbet Qumran, exigindo a reconstrução de alguns de seus compartimentos. Em 68 AD, com o avanço da Décima Legião Romana, comandada por Vespasiano, o Mosteiro foi completamente destruído, e a maior parte de seus ocupantes mortos ou levados cativos. Existem muitos indícios de que tenha sido por esta ocasião que os essênios, no intuito de preservar seus preciosos rolos, esconderam-nos nas cavernas.

## As Grutas 2 a 10

Enquanto os arqueólogos prosseguiam as escavações das ruínas do Mosteiro Essênio, alguns beduínos, incentivados pelas descobertas da Gruta 1, empreenderam-se em incansáveis buscas, vasculhando toda aquela região montanhosa do Mar Morto em busca de novos vasos.

No mês de fevereiro de 1952, descobriram finalmente, ao sul da Gruta 1, a Gruta 2, na qual encontraram partes de dezessete manuscritos bíblicos e uma porção maior de manuscritos não-bíblicos. Ao todo, eram 187 fragmentos.

Com a descoberta da Gruta 2, a atenção dos arqueólogos e de todos aqueles pesquisadores do Mar Morto, voltou-se para as cavernas. Deixando as escavações daquele Mosteiro, iniciaram uma

exploração sistemática em toda a área de Qumran. Um mês depois, no dia 14 de março, encontraram a Gruta 3. Além de centenas de fragmentos de outros manuscritos, encontraram nesta caverna um documento muito especial: eram três folhas de cobre muito fino, cada qual medindo 0,30 m por 0,80 m. Examinando aquelas lâminas de cobre, descobriram que compunham originalmente um único rolo, pois suas extremidades traziam as marcas de seu ligamento. O estudo posterior deste documento revelou-se de grande importância, pois trazia detalhadas informações sobre as demais grutas que continham documentos e tesouros.

À medida que novas grutas eram descobertas, novos documentos vinham à luz, fazendo crescer o interesse pelo assunto que passou a ser amplamente divulgado pelos jornais e revistas, criando um clima de grande expectativa. Tudo era tão fantástico que até mesmo pessoas incrédulas começaram a pressentir naquelas descobertas algo miraculoso, como se um poder sobrenatural houvesse reservado, nas entranhas daquelas rochas, uma mensagem para um mundo que, somente naquela metade de século, havia experimentado os horrores de duas grandes guerras, que pareciam prenunciar o fim do mundo, como retratado em muitos daqueles manuscritos.

Depois da descoberta da Gruta 6, em setembro de 1952, as buscas foram intensificadas, não trazendo, contudo, nenhuma nova descoberta por um período de quase três anos. Na manhã do dia 2 de fevereiro de 1955, quando, vencidos pelo desânimo, estavam a ponto de suspenderem as buscas, foram agraciados pela descoberta da Gruta 7. Ainda que os documentos encontrados nessa caverna se mostrassem muito danificados, os arqueólogos sentiram-se renovados em seu ânimo de prosseguirem com as procuras, certos de que teriam novas recompensas. Esta perspectiva não foi frustrada, pois entre os dias 2 de fevereiro e 6 de abril de 1955, haviam sido agraciados com os tesouros das Grutas 7, 8, 9 e 10. Com todo esse sucesso, intensificaram ainda mais as buscas, porém sem nenhum resultado.

## O Presente de um Rei

### (Uma Parábola Baseada em Fatos Reais)

Dez grutas já haviam lançado de suas escuras entranhas centenas de documentos de incalculável valor, enriquecendo toda a humanidade com um patrimônio jamais sonhado. Muitos arqueólogos, satisfeitos com o que fora encontrado até então, empreendiam, ao lado de peritos, a organização de todos aqueles documentos, muitos até então mantidos empilhados em seus acampamentos. Nem sequer passava-lhes pela cabeça o pensamento de que a maior de todas as descobertas ainda estava para vir.

Num dia ensolarado de janeiro de 1956, quatro beduínos irmãos caminhavam errantes por entre as rochas que se elevam ao norte do Mar Morto. Não haviam saído naquele dia com a intenção de procurar cavernas; Contudo, num gesto involuntário, seus olhos detinham-se em cada fenda de rocha, pois, no decorrer daqueles anos, procurar buracos nas rochas tornara-se um hábito na vida daqueles beduínos. Quando os encontravam, imediatamente enfiavam neles a cabeça à procura de vasos. Muitos deles já haviam conseguido, por causa desse costume, elevadas somas de dinheiro que, dificilmente ganhariam em todo um ano.

Foi assim que o mais velho deles, ao descobrir numa das rochas uma pequena abertura, correu para lá para observar. Tudo o que conseguiu ver a princípio foi a escuridão que reinava no silêncio da caverna. Contudo, pondo em prática um dos segredos que somente os beduínos caçadores de vasos conheciam, permaneceu encarando as trevas, esperando vê-las fugir. Unicamente aqueles que eram suficientemente corajosos para encararem as trevas por alguns minutos, sem se moverem, poderiam ser agraciados com os tesouros das cavernas.

Pouco a pouco, o interior da gruta foi clareando aos seus olhos, e a figura nítida de um jarro começou a revelar-se. Feliz, o beduíno correu para os seus irmãos, contando-lhes sobre sua descoberta.

Aquele, abaixo do mais velho, correu para certificar-se, e encontrou um segundo vaso ao lado do primeiro. Cheio de alegria, correu para anunciar aos irmãos.

Veio então o terceiro beduíno que, sem nenhuma pressa, passou a encarar a escuridão, até vê-la desfazer-se quase por completo. Aos seus olhos revelaram-se três vasos, sendo o terceiro um pouco maior que os dois primeiros. Estava muito contente com esta descoberta, mas não tinha pressa em revelá-la aos irmãos, por isso, permaneceu por longo tempo observando-os.

Os beduínos, imaginavam, agora, a forma como poderiam retirar aqueles jarros. Ficaram a princípio desanimados, ao perceberem que a boca da caverna era muito estreita. Concluíram que, para apossarem-se daquele tesouro, teriam de quebrar e remover muitas pedras, até que a boca da caverna pudesse engolir um deles.

Estavam ao ponto de desanimarem, quando aquele que descobriu o terceiro vaso teve uma idéia: apontando para o irmão mais novo, que era ainda uma criança, disse aos irmãos:

*- Se jogarmos o garoto dentro da caverna, ele poderá nos passar os vasos.*

A idéia, comemorada com risos, foi ouvida com angústia pelo menino. Ele começou a chorar, implorando que seus irmãos não o lançassem naquele lugar escuro, de onde não saberia sair.

Rindo da agonia do garoto, os três beduínos agarraram-no com força, lançando-o de cabeça para baixo.

-----\*\*\*\*-----

A caverna, por milênios adormecida, tinha agora o seu silêncio quebrado por gritos de agonia e dor. Ao cair no fundo daquela gruta escura e fria, o garoto ficou ferido, e, em seu desamparo, passou a clamar em vão por socorro. Em meio àquelas profundas trevas, o menino temia ser devorado por Sheitan, o espírito mau das cavernas.

Pouco a pouco, os gritos de desespero do pequeno beduíno começaram a cessar, à medida que as trevas iam fugindo de seus olhos. Contudo, a dor dos ferimentos era intensa, e somava-se a ela o desamparo de seus irmãos. Foi em meio a esse sofrimento que o menino começou a descobrir, um por um, aqueles três vasos anunciados por seus irmãos.

Observando-os de perto, o menino conseguia ver neles belezas as quais seus irmãos não conseguiam perceber, por estarem do lado de fora da caverna.

O primeiro jarro tinha dentro de si dois rolos muito conservados: o Livro de Levítico e o Livro de Ezequiel.

Assentando-se sob a abertura da caverna, onde havia claridade, o beduíno abriu o Livro de Levítico, encontrando um texto que o consolou, pois falava de livramento:

*"Contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, isto é, o tempo de sete semanas de anos, quarenta e nove anos. No sétimo mês, no décimo dia do mês, farás vibrar o toque da trombeta em todo o país. Declarareis santo o quinquagésimo ano e proclamareis a libertação de todos os moradores da terra. Será para vós um jubileu: cada um de vós retornará ao seu patrimônio, e cada um de vós voltará ao seu clã"(1)*

A leitura sobre o ano jubileu, devolveu-lhe ao coração ferido a certeza de que seria liberto daquela gruta em que seus irmãos o lançaram.

Depois de reler várias vezes o texto sobre o jubileu da libertação, o garoto começou a entender que ele falava de um tempo determinado para o livramento.

-----\*\*\*\*\*-----

Com o coração renovado pela certeza de que seria finalmente liberto, o beduíno tomou o segundo rolo, o Livro de Ezequiel. Naquele livro, encontrou uma história muito parecida com a sua: a história de Israel.

Quando era menino, Israel vivia feliz em sua tenda, gozando dos favores de seu pai. Muitas vezes, por cometer pecados, sofria terríveis conseqüências que afetavam não somente a sua honra, como também a de Seu Criador. Por causa de suas transgressões, Israel foi levado para um longo e doloroso cativeiro entre as nações. Nos últimos dias, contudo, retornaria para a sua terra, tornando-se

novamente uma nação independente. Chegaria então o dia em que numerosos exércitos, comandados por Gog, o chefe de Meseque, procurariam destruí-lo. Quando esse tempo chegasse, haveria uma terrível batalha como nunca houve, ficando Israel retido sob um grande cerco. Sem possibilidades humanas de escaparem, clamariam pelo socorro divino, e seriam acudidos no momento de maior aperto, através de um grande livramento. Esse acontecimento marcará o início de uma semana de anos que será decisiva para toda a humanidade. Naquele tempo os filhos de Belial se aliarão contra os filhos da Luz, mas serão finalmente eliminados com a manifestação do Messias(2).

O livramento prometido nos livros de Levítico e Ezequiel, para um dia determinado no calendário bíblico, trouxe alegria ao coração daquele beduíno. Consolado por esta esperança, tomou o segundo jarro que continha um rolo igualmente conservado do Livro de Salmos e, abrindo-o, passou a ler as seguintes palavras:

*"Não te indignes por causa dos malfetores, nem tenhas inveja dos que obram iniquidade. Porque cedo serão ceifados como a erva, e murcharão como a verdura.*

*Confia no Senhor e faz o bem; habitarás na terra, e verdadeiramente serás alimentado; Deleita-te também no Senhor, e ele te concederá o que deseja o teu coração.*

*Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele e ele tudo fará. E ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia.*

*Descansa no Senhor, e espera nele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos. Deixa a ira e abandona o furor; não te indignes para fazer o mal. Porque os malfetores serão desarraigados, mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra. Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; olhará para o seu lugar, e não aparecerá. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz.(3)*

Enquanto meditava nas palavras de consolo do Livro de Salmos, o pequeno beduíno ouvia os gritos irados de seus irmãos exigindo-lhe os jarros. Depois de retirar deles todos os rolos, entregou-os aos irmãos que, silenciando-se, prosseguiram em seu caminho.

-----\*\*\*\*\*-----

Aproveitando a luminosidade que descia pela abertura da caverna, o beduíno abriu o quarto rolo que falava sobre a Nova Jerusalém. A leitura daquele livro pareceu transportá-lo para distante daquela caverna, para as glórias de um reino de eterna paz. Revelou-se aos seus olhos um novo céu e uma nova Terra, nos quais habitará a justiça e o amor. Naquele reino de perfeição, incontáveis galáxias, repletas de mundos de luz girarão harmoniosamente em torno de uma nova Terra, povoada por um povo santo e feliz. Ocupando todo o Oriente Médio, encontrar-se-á a Nova Jerusalém, cujas muralhas serão de pedras preciosas e os portais de pérolas. As avenidas da cidade serão de ouro puro, e suas mansões de finos cristais. Dentro dos murais da cidade, ao norte, estará para sempre o jardim do Éden no meio do qual eleva-se o monte Sião, o lugar do trono divino. Do trono jorra o rio da vida, brilhante como cristal, fluindo lentamente pelo meio da cidade rumo ao Sul (4).

Enquanto aguardava uma possível salvação vinda da parte de seus irmãos, o beduíno abriu o quinto rolo que trazia lindos salmos que descreviam a felicidade e a paz que os remidos desfrutarão na Cidade de Deus, onde não haverá mais morte, nem pranto, nem dor.

Com o coração repleto das alegrias expressas pelos salmos do quinto rolo, o menino tomou o sexto rolo. Ao abri-lo, encontrou o Livro de Jó. Relatava a história de um homem muito rico, possuidor de muitas fazendas, servos e gado. Ele tinha uma linda esposa, três filhas e sete filhos. Jó era temente e íntegro, e desviava-se sempre do mal. Todos os dias, oferecia sacrifícios em prol de seus filhos, e orava pela sua proteção.

Certo dia, Satanás fez um desafio ao Criador, afirmando-lhe que a fidelidade de Jó era resultado de seu egoísmo, pois era homem próspero. Aceitando o desafio, Deus permitiu que seu servo fosse severamente provado. E aconteceu que, num único dia, Jó perdeu tudo: suas três filhas, seus sete filhos, seus servos, suas fazendas e seu gado. Mesmo assim, Jó louvou ao Criador, recusando blasfemar de Seu nome.

Ao ler sobre a desgraça que se abateu sobre Jó, o menino começou a temer que tudo aquilo viesse a se cumprir em sua vida. Há poucos instantes, haviam-lhe tirado os três vasos, será que haveria de perder também seus rolos?

Com esta preocupação, envolveu-os em seus braços, evitando que escapassem. Mas ao olhar para eles, ficou consolado com a certeza de que suas promessas finalmente se cumpririam, e viveria liberto e feliz no Reino da Luz.

Enquanto meditava, esperando por um possível livramento, viu apagar pouco a pouco a luminosidade do entardecer que chegava a ele através da pequena abertura. À medida que as trevas iam aumentando, crescia-lhe no coração o medo de estar sozinho. Agarrando-se aos rolos, procurava não se desesperar, lembrando-se das promessas de que seria liberto.

O pequeno beduíno, com a alma dilacerada, começou a gritar por socorro, mas ninguém estendia-lhe a mão. Lembrando-se do jubileu, passou a clamar desesperadamente pelo socorro do Senhor, mas foi massacrado pelo Seu silêncio. Começaram a sobrevir-lhe então terríveis tentações, induzindo-o a pensar que o Criador fora injusto com ele, abandonando-o naquelas trevas. Mesmo assim, o pequeno beduíno continuava abraçado aos pergaminhos, esperando pela salvação prometida.

Uma voz rouca, cheia de ira, bradou-lhe do fundo da caverna:

- *Você ainda mantém-se apegado a esses rolos que o enganaram? Lança-os por terra, pois são manuscritos falsos, sem nenhum valor.*

Aflito, o menino respondeu:

- *Ainda que eu morra nesta escuridão, eu jamais deixarei estes rolos, pois eles me dão esperança.*

-----\*\*\*\*\*-----

Naqueles momentos difíceis, o menino começou a pensar em seus irmãos. Imaginou-os carregando aqueles jarros vazios e teve por eles compaixão. Eles não sabiam que, ao excluírem-no de seu meio, deixaram de receber importantíssimas revelações contidas naqueles rolos que, ainda que envoltos em trevas, traziam a certeza de um alvorecer.

Enquanto pensava em seus irmãos, o medo de estar sozinho foi diminuindo, dando lugar a um sentimento de paz, como se houvesse ao seu lado a presença de um amigo. Subitamente toda a caverna iluminou-se, como se fosse dia. Ao olhar para a cavidade de onde emanava a luz, viu um lindo vaso. Ao aproximar-se dele, prostrou-se agradecido ao ver nele o desenho de um rei que sorria, tendo nas mãos um alaúde. Aos pés do rei,

est\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*sedeque e de Abraão com sua oferta figurados no jarro, e a declaração de que se comemorava um grande livramento, devolveu ao menino a paz e a certeza da salvação. Abraçando o vaso numa tentativa de abraçar seus dois amigos, passou a amá-los profundamente.

Com muito cuidado, para não danificar o vaso, o beduíno conduziu-o para debaixo da boca da caverna, onde deixara os demais rolos. Ao olhar para o seu interior, sua alma ficou inundada por uma indizível paz, e pareceu ouvir acordes cheios de ternura vindos do alaúde do rei.

-----\*\*\*\*\*-----

Dentro do jarro o beduíno encontrou um grande rolo: O Livro de Melquisedeque. O rolo era composto por dois manuscritos, costurados um ao outro. Eles traziam caligrafias distintas, com assinaturas de Abraão no primeiro e de Melquisedeque no segundo.

Em seu manuscrito, o patriarca conta a fascinante história do livramento de Ló e de muitos habitantes de Sodoma, levados cativos por um poderoso exército. Acompanhado por apenas 300 pastores armados com tochas, bordões e chifres de carneiro, ele obteve completa vitória sobre os numerosos inimigos. Abraão continua contando a história de Salém, conforme ouviu dos lábios de Melquisedeque por ocasião de um banquete que seguiu ao livramento, quando entregou-lhe o dízimo de suas riquezas e alegraram-se comendo pão e vinho.

Abraão termina contando sobre outro encontro que teve com o rei de Salém sete anos depois, quando o presenteou com um lindo jarro que continha o seu manuscrito.



Melquisedeque que no decorrer daqueles anos registrara em um rolo revelações detalhadas sobre a história do Universo, num gesto de humildade e gratidão, uniu os dois manuscritos formando um único rolo, no qual os seus escritos vieram a ocupar o segundo lugar. Depois de selado, aquele tesouro foi colocado no jarro, sendo levado pouco tempo depois para um esconderijo seguro: uma caverna situada ao norte do Mar Morto. O grande rolo permaneceria em silentes trevas até chegar o momento de sua revelação ao mundo, por ocasião do último jubileu

-----\*\*\*\*\*-----

Tendo em mãos um tesouro tão precioso, o beduíno esqueceu-se de toda a agonia vivida naquela caverna. Sua atenção voltava-se agora para a última parte do rolo, onde Melquisedeque descrevia a Nova Jerusalém. O relato era muito parecido com as revelações do quarto manuscrito. Sua linguagem tinha igualmente o poder de transportar o leitor para aquele reino de amor e paz, dando-lhe uma visão nítida das glórias da Cidade de Deus: seus murais de pedras preciosas; seus portais de pérolas; suas avenidas de ouro puro; suas mansões de refulgentes cristais; o rio da vida que nasce do trono; o jardim do Éden. Podia-se até mesmo ouvir o cântico dos anjos e das multidões de remidos reunidos diante do trono.

Cheio de alegria, o menino uniu a voz ao coro angelical, louvando ao Eterno, cuja bondade é infinita. Enquanto cantava, notou um brilho que saía de dentro do jarro, inundando toda a caverna. Ao olhar, descobriu no fundo do jarro uma caixinha de ouro com adornos de pedras preciosas. Na tampa da caixa havia uma inscrição em hebraico que dizia: *Um presente do Rei de Salém para aquele que encontrar o jarro com o rolo, revelando-o ao mundo.*

Sentindo-se indigno de estender a mão para tomar para si aquele presente, o menino ficou ali encurvado por algum tempo. Finalmente, ganhou forças e coragem, tomando a caixinha de ouro, a qual abriu cuidadosamente.

Havia nela lindas pérolas de tamanhos variados. O brilho dessas jóias espalhou-se por toda a caverna, criando um ambiente de muita alegria e paz.

Tomando uma das pérolas, o menino sentiu que dela emanava energia que dava-lhe forças e paciência para aguardar pelo livramento. Ao observá-la, descobriu nela três inscrições em hebraico: *Melquisedeque que significa Rei da Justiça, Jerusalém e o seu nome.*

Depois de contemplar demoradamente a pérola que trazia o seu nome, ele olhou para dentro da caixinha e viu muitas outras; Eram ao todo 144 pérolas. Depois de contá-las, lembrou-se de sua missão: deveria, o quanto antes, sair daquela caverna com o tesouro, compartilhando-o com o mundo.

-----\*\*\*\*\*-----

Consciente da urgência de sua missão, começou a procurar alguma maneira de sair dali. Pareceu-lhe inicialmente impossível sair, pois a boca da caverna ficava muito acima de sua cabeça, não podendo alcançá-la.

Depois de raciocinar em busca de uma alternativa, concluiu que, se subisse no vaso, alcançaria o buraco. Na primeira tentativa, obteve vitória, saindo da caverna. Estava agora livre, sob o sol de uma linda manhã, respirando, depois de muitas horas, o ar fresco.

Depois de saltar de alegria pela liberdade alcançada, o pequeno beduíno lembrou-se dos rolos e do vaso que o salvara daquele abismo. Sabia que, depois de toda aquela experiência, não conseguiria jamais viver longe daquele tesouro. Lembrou-se também de sua missão de tirar da caverna o vaso com o seu tesouro, revelando-o ao mundo.

Decidido, saltou novamente para dentro da caverna, evitando, na queda, tombar sobre o vaso. Feriu-se novamente, mas estava consolado pela certeza de que muito em breve todo aquele sofrimento passaria, e veria muitas pessoas alegrando-se com sua mensagem

Imaginava agora o que poderia fazer para levar o vaso para fora. Teve inicialmente a idéia de colocar o jarro sobre a cabeça, empurrando-o para fora. Essa solução, contudo, o deixaria retido na gruta, pois não teria depois em que subir para alcançar a abertura da caverna. Mesmo assim, se não descobrisse uma outra maneira de sair juntamente com o vaso, ele daria a ele preferência, para que o

mundo conhecesse a mensagem dos rolos. O pensamento de ficar retido naquela prisão, contudo, o entristecia, pois ficaria impossibilitado de testemunhar o engrandecimento do vaso perante as nações.

Não encontrando nenhuma outra solução para libertar o vaso com os rolos, levantou-os cuidadosamente rumo à passagem, mas a mesma revelou-se por demais estreita para contê-los.

Desesperava-se por não encontrar uma solução, quando uma voz soou-lhe aos ouvidos, dizendo:

*- Leia a última parte do rolo, onde a sua história é contada.*

Imediatamente abriu o rolo, e procurou pela sua história. Ao encontrá-la, saltou tudo o que já sabia, até chegar àquele momento em que estava com o Livro nas mãos. Passou a ler as seguintes palavras:

*"Na hora de sua maior angústia, o beduíno lembrou-se do meu Rolo, e, ao lê-lo, ficou sabendo sobre uma machadinha e sobre os restos de tecidos deixados junto ao vaso: Com a machadinha ele ampliou a boca da caverna, e com os tecidos fez uma corda com a qual puxou o vaso para fora".*

Depois de ler esta declaração do Rei de Salém, o pequeno beduíno começou a procurar, até que viu a machadinha descrita, como também os restos de tecidos, com os quais preparou a corda.

Começou logo em seguida a executar sua tarefa: com a machadinha nas mãos, subiu no jarro e, depois de jogá-la para fora, saltou atrás. Sob um sol escaldante, passou a escavar a rocha, removendo muitos pedregulhos que entulhavam a boca da gruta. Era um trabalho muito cansativo, tendo muitas vezes de parar para descansar. Ao chegar à noite, saltou novamente para junto do vaso, retornando na manhã seguinte ao trabalho.

Ao ver que a fenda fora ampliada o suficiente, o menino pulou para dentro da cova a fim de concluir os últimos preparativos. Depois de colocar os sete rolos dentro do jarro, amarrou-o firmemente com a corda de pano, retornando ao exterior da caverna, pronto para realizar a parte mais emocionante de todo aquele trabalho.

Ao puxar com todas as forças da alma e dos músculos aquele jarro para fora, ele sentia pela primeira vez a emoção de um pai que, depois de ansiosa espera, vê sair do ventre de sua esposa o primeiro filho.

Quando os sete rolos, protegidos por aquele lindo jarro, chegaram à superfície a salvo, o beduíno chorou de alegria. Todo aquele passado de lutas e sacrifícios ficaria agora no esquecimento. Lembrando-se de seus três irmãos, passou a sentir um grande amor por eles. Tinha vontade de saltar-lhes ao pescoço, para agradecer todo o bem que haviam lhe feito, lançando-o naquela escura gruta.

Foi com esse espírito de alegria, amor e perdão, que o pequeno beduíno, tomando sobre si o pesado fardo, começou uma longa e penosa caminhada em direção ao acampamento de sua tribo Taamireh, junto ao Mar Morto.

Referências: (1)Levítico 25:8-10) (2)Ezequiel 38,39;(3).Salmo 37;(3)Salmo 46:4;48:1,2;(4)Apocalipse 21 e 22.

## A História de um Jarro

(Manuscrito de Abraão)

PRIMEIRA PARTE

Eu estava descansando sob a sombra do Carvalho de Mambré, junto à tenda, quando vi chegar apressadamente um dos servos de meu sobrinho Ló. Quase sem fôlego, ele passou a relatar-me sobre a tragédia: houvera no dia anterior uma batalha entre as cidades da planície, envolvendo quatro reis contra cinco. Como resultado, Sodoma fora derrotada e muitos de seus habitantes levados cativos, entre eles o meu sobrinho Ló. A notícia deixou-me muito aflito, pois ao mesmo tempo em que sentia que precisaria sair em seu socorro, via-me frágil, sem nenhuma possibilidade de me sair vitorioso.

Sempre fui um homem pacífico e detesto aqueles que derramam sangue. Tenho muitos servos, mas poucos sabem manejar espadas e lanças, pois desde a infância são treinados como pastores. Em lugar de espadas, eles manejam bordões com os quais conduzem os rebanhos. Em lugar de escudos, carregam vasos em suas cinturas, sempre cheios de água fresca para matarem sua sede e refrigerarem as ovelhas cansadas. Em lugar de vinho para se embebedarem, carregam presos em seus cintos pequenas botijas com o azeite das oliveiras, com os quais untam as feridas do rebanho. Em lugar de ressonantes trombetas eles sopram pequenos chifres, com os quais convocam o rebanho para o curral.

Imaginando como seria um combate entre os meus servos e os exércitos daqueles cinco reis vitoriosos, comecei a rir. Enquanto gargalhava, a voz d'Aquele que sempre me guia, soou aos meus ouvidos, dizendo:

- *Abraão, Abraão! Não menosprezes os instrumentos dos pastores, pois santificados pelo fogo do sacrifício, haverão de conquistar o grande livramento.*

O Eterno passou a dar-me ordens, fazendo-me avançar pela fé, sem saber como tal livramento haveria de realizar-se.

O primeiro passo foi a convocação de todos os pastores que, deixando seus rebanhos, dirigiram-se ao Carvalho de Mambré, trazendo seus instrumentos pastoris. Eram ao todo 600 pastores.

Ordenei que eles esvaziassem os jarros, colocando neles o azeite da botija.

Depois de cumprirem esta ordem, pedi que tomassem cada um a lâ de uma ovelha, misturando-a com o azeite dos jarros.

Depois de transmitir todas as ordens aos pastores, o Eterno falou-me:

- *Toma agora o teu vaso, o teu único vaso, e traga-mo a mim para que eu te mostre o que deves fazer”.*

Tínhamos na tenda três jarros adquiridos na cidade de Harã; Nos dois menores, guardávamos o azeite para as lâmpadas, e no terceiro que era o maior e mais bonito, guardávamos pérolas e pedras preciosas, jóias reunidas por Sara ao longo de nossas peregrinações. Julgando ser o terceiro jarro o escolhido, estendi as mãos para toma-lo, mas o Senhor impediu-me de fazê-lo, afirmando que, ainda que ele fosse portado de riquezas que seriam essenciais para o livramento, Ele escolhera um jarro especial – aquele que fora rejeitado e esquecido.

Lembrei-me do grande jarro de barro que nos fora presenteado por um humilde oleiro, quando estávamos próximos de Canaã. Nós o pusemos inicialmente ao lado dos três, e nele colocamos os primeiros frutos colhidos na terra prometida. Não havendo, contudo, nenhuma beleza nele, Sara o rejeitou, lançando-o para fora da tenda. Sete anos depois, o oleiro visitou-nos e, ao encontrá-lo abandonado junto à tenda, mostrou-nos uma maneira em que ele poderia ser útil. Amarrando-o firmemente com uma corda de linho, lançou-o ao fundo do poço; Por meio dele, os pastores passaram a tirar água para os rebanhos.

Seguindo as orientações do Eterno, dirigi-me ao poço, fazendo emergir de suas profundezas o jarro esquecido; Ao vê-lo repleto de água, lembrei-me do momento em que ele fora lançado ali, vazio e seco.

Depois de esvaziá-lo, o Eterno ordenou-me transferir para ele o azeite dos dois jarros menores bem como as jóias do terceiro. Como sobrara muito espaço vazio no jarro, o Eterno ordenou completá-lo com azeite novo de oliva.

Ao concluir essa tarefa, o Senhor mandou-me fazer um longo pavio de lâ, devendo ficar uma de suas pontas mergulhada no azeite e a outra suspensa sobre o vaso.

Depois destas coisas, o Eterno ordenou-me a acender o pavio com o fogo do altar.

Ao aproximar-me do fogo sagrado que ainda ardia sobre o sacrifício da manhã, uma pequena fagulha saltou para o pavio, e pouco a pouco foi-se alimentando do azeite, até tornar-se numa labareda que podia ser vista de longe.

-----\*\*\*\*\*-----

Com o vaso nos ombros, comecei uma longa caminhada rumo às cidades da planície, sendo acompanhado pelos pastores. Logo começaram a surgir escarnecedores que, ao verem-me com aquele vaso incandescente em pleno dia, passaram a dizer que eu ficara louco. Ao espalhar esta notícia, muitos vieram ao meu encontro, aconselhando-me a retornar para a tenda, abandonando aquele jarro que seria capaz de destruir a boa reputação que eu havia conquistado entre eles.

Quando eu lhes falei sobre os exércitos e sobre minha missão juntamente com os pastores, eles concluíram que de fato eu ficara louco. Tentaram tirar-me o vaso pela força, mas, agarrando-me a ele, impedi que o tirassem de mim.

Envergonhados diante de tudo aquilo, muitos pastores começaram a afastar-se: alguns retornaram para suas tendas, enquanto outros, uniram-se àqueles que riam de meu comportamento estranho.

Sentindo-me sozinho com aquele pesado vaso sobre os ombros, comecei a angustiar-me. Ansiava encontrar alguém com quem pudesse compartilhar minha experiência, mas todos lançavam-me olhares de reprovação.

Lembrei-me de Sara, minha amada esposa. Em obediência à voz do Eterno, havíamos trilhado por muitos caminhos, estando ela sempre ao meu lado, animando-me a prosseguir mesmo nos momentos mais difíceis. Com certeza Sara me traria consolo e forças para continuar firme, conduzindo o jarro da salvação.

Enquanto avançava pelo caminho pensando em Sara, ela surgiu no meio da multidão. Ao dirigir-me a ela, fiquei surpreso e desalentado ao notar em seus olhos o mesmo menosprezo daqueles que zombavam de mim.

-----\*\*\*\*\*-----

Lembrando-me da ordem do Criador de que teria de libertar meu sobrinho Ló, fui andando sozinho pelo caminho. Ao colocar-me no lugar daqueles que me achavam louco, eu dava-lhes razão, pois, em condições normais, nenhuma pessoa sai de casa, sem rumo definido, levando em pleno dia um vaso com uma labareda, afirmando estar marchando contra o exércitos de cinco reis. Realmente parecia se tratar de uma grande loucura. Mesmo assim, a despeito de todas as humilhações e palavras contra mim, eu avançava rumo ao vale.

Toda aquela zombaria foi finalmente diminuindo à medida em que me distanciava do Carvalho de Mambré.

Começaram a sobrevir ao meu coração muitas dúvidas quanto ao meu futuro. Ficava às vezes aflito com o pensamento de que toda a minha experiência, desde a convocação dos pastores até aquele momento, poderia ser, de fato, demonstração de insanidade.

Cheio de dúvidas, comecei a pensar na possibilidade de abandonar à beira do caminho o jarro, retornando para a tenda. Esses eram os conselhos de alguns pastores e amigos que, condoídos de minha solidão, ainda vinham ao meu encontro, aconselhando-me a retornar. Ali, diziam, eu poderia conquistar novamente a confiança dos pastores, voltando a ser, quem sabe, até mesmo um sacerdote honrado como antes. Sobre o altar, diziam, havia um fogo muito maior do que aquele que eu carregava sobre os ombros.

Estava a ponto de retornar, quando Sara veio ao meu encontro, contando-me sobre o desprezo que muitos pastores lançavam contra mim. Ela estava consternada, pois toda aquela desonra recaía também sobre ela, ao ponto de não sentir mais desejo de permanecer junto ao altar.

Depois de alertar-me, Sara passou a falar-me de um plano: poderíamos, quem sabe, nos mudar para uma cidade distante, onde esqueceríamos todo aquele vexame.

Esquecendo-me da voz que me mandara seguir rumo à planície, respondi que eu estaria disposto a acompanhá-la para qualquer lugar, se ela permitisse que eu levasse aquele jarro; Ele seria o nosso altar, aquecendo e iluminando nossas noites com sua chama.

Ao ouvir sobre o vaso, Sara ficou novamente irada, afirmando não entender minha teimosia em continuar levando sobre os ombros aquele símbolo de vergonha e desprezo. Depois de dizer-me tais palavras, voltou-me as costas, retornando para a tenda.

-----\*\*\*\*-----

Angustiado por não poder agradar Sara, prossegui rumo ao futuro incerto, sendo orientado unicamente pela chama, cujo brilho aumentava à medida em que as trevas adensavam-se. Comecei a meditar sobre aquele fogo que me acompanhava com seu brilho e calor.

Eu estava acostumado a ver o Fogo Sagrado entronizado sobre o altar de pedras, em meio aos louvores de muitos pastores, entre os quais me destacava como mestre e sacerdote. Naqueles momentos de adoração, eu me vestia com os melhores mantos, e fazia questão de realizar o sacrifício somente quando todos os meus servos estivessem reunidos ao meu redor, para que ouvissem meus conselhos e advertências. Na hora do sacrifício, eu erguia minha espada desembainhada e, com palavras amedrontadoras, proclamava a grandeza do Senhor dos Exércitos, o Deus Todo Poderoso que domina sobre os Céus e a Terra. Vibrando a espada num movimento ameaçador, eu representava diante de meus pastores a imagem de um Deus severo, que está sempre pronto a revidar qualquer afronta. Depois dessa demonstração de soberania e poder, eu tomava uma ovelha das mãos de um pastor, e a amarrava sobre o altar. Para que ficasse patente a ira divina, eu pisava sobre o seu pescoço, golpeando-a severamente, até vê-la perecer. Depois eu descia do altar e ficava esperando pelo Fogo Sagrado que jamais deixou de manifestar-se sobre o sacrifício.

Eu aprendera desde a infância a reverenciar o Fogo Sagrado, crendo ser ele uma revelação visível do Eterno, o Grande Deus Invisível. Até então, eu o vira como um Fogo Único e Indivisível. Agora, ao transportar em humilde jarro a chama que se desprendera do Altar, meus pensamentos agitavam-se com o surgimento de um novo conceito sobre o Criador: o conceito de um Deus Sofredor que é capaz de desprender-se do grande Ser representado pelo Fogo, para acompanhar o pecador em sua jornada.

Arrependido, prostrei-me diante do jarro e chorei amargamente. Estava consciente de que todo o zelo demonstrado junto ao Altar, tinha por finalidade a exaltação de meu orgulho, e não do amor daquele que me acompanhava pelo caminho.

Subitamente, gravou-se-me na mente a convicção de que aquela pequena chama que se desprendera do Fogo Sagrado, era uma representação do Messias prometido, que Se desprenderia do Eterno para ser Deus Conosco, companheiro em todas as nossas jornadas. Ao sobrevir-me esta convicção, a chama alegrou-se, tornando-se mais brilhante e calorosa.

Com o coração transformado, prossegui pelo caminho rumo ao vale, levando sobre os ombros o jarro que me trouxera depois de tanto desprezo, a alegria de uma nova compreensão sobre o caráter do Criador.

-----\*\*\*\*-----

Momentos difíceis começaram a surgir em minha caminhada, quando ventos frios vindos do Mar Morto começaram a arremeter-se contra a pequena chama, procurando apagá-la. Eu a amparava com o meu corpo, andando muitas vezes de lado e mesmo de costas, mas sempre avançando rumo ao vale.

Ao romper a luz do dia, achei-me a um passo da planície. Comecei então a encontrar pelo caminho muitos rebanhos que eram conduzidos por rudes pastores. À medida em que avançava entre eles, ocorriam tumultos e confusões, pois muitas ovelhas e cabras assustavam-se com a chama de meu jarro, debandando-se por todas as partes. Isto fez com que a maioria dos pastores ficassem irritados com a minha presença em seu meio.

Sabendo que não poderia ficar retido naquele vale, prossegui rumo a Sodoma. Enquanto avançava, começou a acontecer algo interessante: muitas ovelhas, meigas e submissas, começaram a

acompanhar-me. Eram poucas a princípio, mas pouco a pouco seu número foi aumentando, até que passei a andar com dificuldade, devido ao grande número de ovelhas que me seguiam. Ao longe eu podia ver os pastores, enfurecidos, pela perda de suas ovelhas mais bonitas.

Ao chegar à cidade de Sodoma, encontrei-a vazia e devastada. Seguindo os rastros deixados pelos exércitos e pela multidão de cativos, fui aproximando-me cada vez mais do alvo de minha missão. Ao chegar à campina de Dã, pude avistar ao longe o grande acampamento dos soldados, ao pé de um outeiro. Sem pressa, encaminhei-me para lá, conduzindo o meu novo rebanho.

Do alto do monte, pude observar o acampamento em toda a sua extensão. Havia ali milhares de soldados comemorando a vitória. Enquanto isso, centenas de cativos jaziam amontoados no meio do arraial, humilhados e sem esperança. Diante desse quadro, fiquei imaginando como poderia se dar o livramento.

Minha presença despertou curiosidade em alguns soldados que, ao ver-me com o vaso fumegante, aproximaram-se. Quando me perguntaram sobre o motivo de minha presença naquele lugar, eu disse-lhes que viera libertar meu sobrinho Ló. Minhas palavras tornaram-se motivo de muitos gracejos em todo o acampamento. Depois disso, passaram a escarnecer de Ló.

Em pouco tempo, toda aquela zombaria transformou-se em gritos de vingança, e proclamaram que, na manhã seguinte, todos os cativos seriam exterminados, começando pelo meu sobrinho.

-----\*\*\*\*\*-----

Enquanto eu tentava imaginar o que o Eterno poderia fazer para alcançar o livramento, vi surgir ao longe o vulto de pastores que se encaminhavam em minha direção, vindos de Sodoma. Pensei a princípio que fossem os pastores inimigos que vinham arrancar-me o rebanho conquistado com amor. Tal receio logo desapareceu dando lugar a um sentimento de muita alegria, quando descobri que eram os meus pastores fiéis. Eles foram aproximando-se em pequenos grupos de doze, até alcançarem o total de 300 pastores. Ao olhar para eles, pude notar em seus semblantes os sinais de uma grande luta espiritual que tiveram de enfrentar, para estarem do meu lado. Contaram-me da experiência de muitos companheiros que, desanimados, haviam lançado fora o azeite e a lã de seus vasos, retornando para as suas tendas. Falaram-me de como, na noite anterior, haviam aprendido a amar a luz de meu jarro, que para eles tornara-se como uma estrela que os guiava na escuridão.

Alegrava-me com a presença de meus humildes pastores, quando vieram em nossa direção Aner, Escol e Manre, acompanhados por 15 homens armados; Eram eles fiéis amigos que, conhecendo os perigos que enfrentaríamos naquele vale, vieram socorrer-nos. Para que não atrapalhassem o plano divino, pedi-lhes que permanecessem escondidos até o alvorecer, quando receberiam orientações sobre como participar da missão.

Comecei a orientar os pastores, seguindo as instruções da voz divina que soava de dentro da chama: A primeira tarefa dos pastores seria cuidar do rebanho até o anoitecer.

Ao retornarem, ordenei que amarrassem os novelos de lã embebidos em azeite na ponta de seus bordões, colocando-os dentro dos jarros que deveriam ser mantidos suspensos de boca para baixo.

Passei a incendiá-los com o fogo de minha labareda, até que as trezentas tochas ficaram ardendo, mas, ocultas no interior daqueles vasos.

Ordenei a quarenta de meus corajosos pastores que, no momento indicado por um sinal, deveriam avançar silentes para o meio do acampamento, circundando todos os cativos que jaziam amontoados no meio do arraial. Ao mesmo tempo, os 260 pastores restantes deveriam circundar todo o acampamento, aguardando pelo sinal de quebrarem os vasos com os chifres.

Orientado pela voz da chama, indiquei-lhes os sinais: quando a última tocha se apagasse no acampamento, deveriam ficar atentos, pois uma pequena lamparina seria acesa por um dos cativos. Assim que a lamparina começasse a arder, deveriam correr cada um para o seu lugar, evitando qualquer ruído para que não fossem notados.

O sinal para quebrarem os vasos com os chifres, erguendo bem alto a tocha, era o apagar da lamparina.

-----\*\*\*\*\*-----

Depois dessas orientações, os 260 pastores, ocultos pelas sombras da noite, espalharam-se pelo vale, e ficaram esperando pelo momento de se posicionarem ao redor do acampamento. Enquanto isso, os 40 se posicionaram próximos a uma passagem vulnerável, através da qual haveriam de alcançar os cativos.

Já era alta noite quando a tocha do último soldado apagou-se, sobrevivendo completa escuridão e silêncio sobre o arraial.

Entre os cativos, havia um homem que naquela noite vivia a maior angústia de sua vida. Era o meu sobrinho que, depois de tornar-se alvo de tantos abusos e humilhações, tomara conhecimento do castigo que os aguardava pelo alvorecer.

Naquela noite, Ló tinha seus pensamentos voltados para o seu tio. Lembrava-se com arrependimento do momento em que me deixara, mudando-se para as campinas de Sodoma. Em seu desespero, sentiu desejo de rever minha face e pedir-me perdão por ter-se afastado de mim. Justamente naquele momento, Ló foi atraído pelo brilho de uma tocha que ardia sobre o outeiro. Ao fitar o brilho, imaginou estar tendo uma visão, pois o mesmo revelava-lhe a face de seu querido tio.

Querendo mostrar-me o seu rosto, Ló apalpou em meio às trevas, até encontrar uma pequena lamparina que trouxera em seu alforje. Frustrado, percebeu que não havia nela nenhum azeite. Concluiu que a lâmpada apagada e seca era um símbolo de sua vida vazia e sem fé.

Sem desviar os olhos de meu rosto iluminado pela chama do jarro, num desesperado gesto de fé, Ló apalpou o pavio de sua lamparina, descobrindo nele um resto de azeite. Curvando-se, passou a ferir as pedras do fogo, até que uma faísca saltou para o pavio. Sem que soubesse, Ló estava comandando, com seus gestos, os passos para um grande livramento.

Os trezentos pastores ao verem o tênue brilho da lamparina, encaminharam-se rapidamente para os seus postos e ficaram aguardando o apagar da pequena chama.

Desde o momento em que Ló erguera-se com sua diminuta chama, fiquei olhando para os seus olhos que fitavam os meus. Vi que sua face trazia sinais de indizível angústia e maus tratos. Mesmo assim pude ler em seus olhos que a esperança e a fé ainda não o haviam abandonado. O foguinho de sua lamparina, contudo, não resistiria por muito tempo. Era necessário que se apagasse, para sinalizar a grande vitória.

Quando a escuridão voltou a cobrir a face de Ló, meus trezentos pastores arremeteram os chifres contra os vasos que mantinham ocultas as tochas ardentes. Um forte ruído, como de cavalaria em combate, ecoou por todas as partes, enquanto as tochas eram suspensas pelos bordões. Os trezentos chifres, usados até então para conduzir o rebanho, soavam agora como trombetas de conquistadores.

Todo o acampamento despertou num único salto e, sem saberem como escapar de tão terrível investida que partia de fora e de dentro, os soldados começaram a lutar entre si, enquanto meus pastores permaneciam em seus lugares, fazendo soar os chifres.

Os cativos ficaram muito espantados a princípio, mas pouco a pouco foram tomando consciência do grande livramento que estava se operando em seu favor.

Quando amanheceu, revelou-se aos nossos olhos um cenário de completa destruição. Todo o arraial estava coberto por milhares de corpos rasgados pelas próprias espadas e lanças. Somente uns poucos conseguiram fugir daquele acampamento de morte, mas foram perseguidos pelos meus 18 aliados que estavam armados, sendo alcançados em Hobá, situada à esquerda de Damasco. Enquanto isso, os cativos, agora libertos, recuperavam todas as riquezas que haviam sido saqueadas pelos inimigos.

-----\*\*\*\*\*-----

Do cimo do outeiro, enquanto eu vibrava com a alegria dos cativos naquela manhã de liberdade, ouvi a voz do Eterno falando-me do meio da chama:

*- Este livramento que hoje se concretiza, representa o livramento que hei de operar nos últimos dias, salvando os remanescentes de teus filhos, do cerco de numerosas nações que se aliarão a Gog com o propósito de destruí-los. Naquele dia em que triunfarem sobre o meu povo, a minha indignação será mui grande, e contenderei com ele por meio da peste, do fogo e do sangue; chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre farei cair sobre ele, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele. Assim, eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor. E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de Graça e de Súplicas; olharão para Mim a quem traspassaram, prantear-me-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por mim como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza.(1)*

-----\*\*\*\*\*-----

A chama que para mim tornara-se uma representação do Messias prometido, apagou-se no momento em que desci ao encontro dos pastores e dos muitos cativos agora libertos. Cheios de alegria e de admiração, todos queriam saber como tornara possível tão grande livramento, somente com a utilização daquelas tochas e chifres. Falei-lhes da importância daquele fogo que se desprendera do Altar, para libertá-los naquele vale, identificando-o com o Messias Salvador.

Ao ver que todos carregavam em seus corpos e mantos a sujeira da escravidão, convidei-os a seguirem-me até o rio Jordão, onde poderiam banhar-se para purificação de seus pecados, pois aquele era o Yom Kipur, o dia do perdão.

Somente três pessoas atenderam ao convite: Ló e suas duas filhas mais novas. Os demais retornaram contaminados para suas casas.

Antes de partir, o rei de Sodoma veio ao meu encontro, prometendo dar-me todas as riquezas recuperadas naquela manhã. Eu recusei sua oferta, para que jamais alguém possa dizer que eu me enriqueci com aquele saque.

Permanecemos acampados às margens do rio Jordão, nas proximidades de Jerico por quatro dias. Naqueles dias de descanso, todos ficaram livres das impurezas, deixando-as nas águas do



Jordão. Esse era um preparo especial para nossa subida a Salém, onde comemoraríamos a vitória nos dias de Sukot.

-----\*\*\*-----

Cheios de alegria, iniciamos uma caminhada ascendente rumo à cidade de Salém, inconscientes da feliz surpresa que nos aguardava. Eu seguia à frente tendo ao meu lado Ló e suas duas filhas, e atrás vinham os 300 pastores, conduzindo o grande rebanho.

À medida em que avançávamos, comecei a notar que o meu jarro tornara-se muito pesado. Ao baixá-lo, fiquei surpreso ao descobrir que estava repleto de pérolas e pedras preciosas de variados tamanhos e brilhos.

Ao avistarmos ao longe a alva cidade, começamos a ouvir sons de uma grande festa. Acordes harmoniosos repercutiam pelos montes, enquanto avançávamos pelo caminho.

Minha curiosidade em conhecer aquela cidade e o seu jovem rei era imensa, pois muito já ouvira sobre sua grandeza e fama. Tratava-se de um reino diferente, onde os súditos eram treinados não no manejo de arcos e flechas, mas no domínio de instrumentos musicais. Melquisedeque, o seu jovem rei, regia a todos com um cetro muito especial: um alaúde, pelo qual pagara um preço elevado.

Enquanto crescia em mim a alegria por estar nos aproximando da cidade do grande Rei, vimos uma multidão vestida de linho fino, puro e resplandecente, saindo ao nosso encontro. Todos tangiam instrumentos musicais e cantavam um hino de vitória. À frente da multidão vinha um jovem tocando um alaúde, trazendo na frente uma coroa repleta de pedras preciosas, que brilhavam sob a claridade do sol poente. Eu tive a certeza de que aquele era o tão aclamado rei de Salém.

Ao nos encontrarmos, ficamos surpresos com a saudação que nos fizeram. Inclinando-se diante de mim, Melquisedeque afirmou:

*- Bendito és tu Abraão, servo do Deus Altíssimo, que possui os Céus e a Terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos .(2)*

-----\*\*\*\*\*-----

Surpresos pela festiva recepção, fomos introduzidos na cidade, onde a beleza das mansões e jardins nos causou muita admiração. Tudo ali era puro e cheio de paz. Salém estava em festa, pois teria início naquele entardecer a festa de Sukot.

Fomos recebidos no palácio real, edificado sobre o monte Sião. Ali, uma nova surpresa nos aguardava: a grande sala do trono estava toda adornada com representações de nossa vitória sobre os inimigos. Havia no centro uma mesa muito comprida, coberta por toalhas de linho fino adornadas com fios de ouro e pedras preciosas. Sobre a mesa estavam 304 coroas, cada uma trazendo a inscrição do nome de um vencedor. Num gesto que novamente nos surpreendeu, Melquisedeque, tomando as coroas, começou a colocá-las na cabeça de cada um de nós, começando por Ló e suas filhas. Estávamos todos admirados pelo fato do rei de Salém conhecer-nos individualmente, e por ter preparado aquelas coroas muito antes de sermos vencedores.

Eu observava a alegria de meus companheiros coroados quando, tomando uma coroa semelhante à sua, o rei de Salém dirigiu-se a mim com um sorriso. Ao levantá-la sobre minha cabeça, notei algo que até então não havia percebido: suas mãos traziam cicatrizes de profundos ferimentos. Vencido por um sentimento de gratidão, prostrei-me aos seus pés e, comovido, beijei suas bondosas mãos, banhando-as com minhas lágrimas.

Ao levantar-me, perguntei-lhe o significado daquelas cicatrizes. Com um meigo sorriso, ele prometeu contar-me a história daquele próspero reino, e do quanto lhe custara a sua paz.

-----\*\*\*\*\*-----

Depois de coroar-nos, Melquisedeque nos fez assentar ao redor da grande mesa, e passou a servir-nos pão e vinho. A partir daquele momento, passamos a honrá-lo como sacerdote do Deus Altíssimo.

Num gesto de gratidão, tomei o jarro que se enchera de pérolas e o coloquei aos pés do rei. Tomando-o nos braços, ele passou a acariciá-lo sem atentar para o brilho das jóias. Expressando gratidão por aquela oferta, ele disse-me que aceitaria o jarro; Quanto às pérolas e pedras preciosas, ele aceitaria somente o dízimo delas.

Imediatamente passei a contar as jóias, separando as mais belas para o rei. Havia um total de 1440, das quais lhe entreguei 144. Ele as guardou cuidadosamente em uma caixinha de ouro puro, em cuja tampa havia lindos adornos marchetados de pedras preciosas.

Depois de receber o dízimo que simbolizava o grande livramento operado por Deus na planície, Melquisedeque chamou para junto de si um de seus súditos que era mestre em adornos e pinturas, ordenando-lhe embelezar o jarro com uma linda gravura que retratasse o momento em que eu o ofertei.

Enquanto o jarro era pintado, Melquisedeque passou a contar-me a história de seu reino, desde sua fundação até aquele momento em que estávamos comemorando a grande vitória sobre os inimigos.

Ao devolver-me o jarro, agora honrado pela mais bela gravura e inscrições que exaltavam a justiça e o amor, o rei de Salém ordenou-me levá-lo com aquelas jóias. Durante seis anos eu e meus pastores deveríamos contar para todos a história daquele jarro que transportara a chama vitoriosa do altar. A todos aqueles que, com arrependimento, aceitassem a salvação representada por sua história, deveríamos oferecer uma pedra preciosa ou pérola. Ao fim dos seis anos, as jóias acabariam. Já não haveria oportunidade de salvação. Sobreviria então o sétimo ano, no qual haveria um tempo de grande angústia e destruição, quando somente existiria proteção para aqueles que possuíssem as jóias. Por essa ocasião, as cidades da planície seriam totalmente destruídas pelo fogo do juízo, e os demais povos impenitentes, seriam dizimados por terríveis pragas.

-----\*\*\*\*\*-----

Depois de revelar-nos sobre os sete anos que ainda restavam, dentro dos quais teríamos uma missão importante a cumprir, Melquisedeque nos afirmou que nossa experiência consistia numa parábola que representa a história universal, com ênfase no livramento dos filhos de Israel nos últimos dias. Ele o previu com as seguintes palavras:

*Ao chegar a plenitude dos tempos, todos os esforços humanos em busca da paz se frustrarão. Naquele tempo, numerosas nações se aliarão contra o reino de Jerusalém, e sobrevirá um tempo de angústia qual nunca houve para os filhos de Israel. Depois de um terrível conflito, verão numerosos exércitos invadindo sua terra, numa aparente vitória. No momento mais difícil, quando as suas forças estiverem esgotadas, o Eterno intervirá em Seu favor, lançando por terra os numerosos inimigos.(3)*

*Toda a humanidade testemunhará, com espanto as cenas de livramento. Naquele dia, muitos povos e poderosas nações se posicionarão ao lado do Senhor dos Exércitos. Naquele dia acabará a*

*cegueira dos filhos de Jacó, e olharão para Aquele a quem traspassaram, e chorarão amargamente por ele como se chora por um filho unigênito.*

*Naquele dia os eleitos de Deus compreenderão as palavras do Livro:*

*Ouvi-me, vós, que estais à procura da justiça, vós que buscais o Eterno. Olhai para a rocha da qual fostes cavados, para a caverna da qual fostes tirados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, aquela que vos deu a luz. Ele estava só quando o chamei, mas eu o abençoei e o multipliquei. O Senhor consolou a Sião, consolou todas as suas ruínas; ele transformará o seu deserto em um Éden e as suas estepes em um jardim. Nela encontrarão gozo e alegria, cânticos de ações de graças e som de música.(4)*

*Naquele dia os habitantes de Jerusalém trocarão suas armas por instrumentos musicais e os remidos, consolados pela grandiosa revelação de Deus, com alegria cantarão:*

*“Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina! Porque o Eterno consolou o seu povo, ele redimiu Jerusalém. O Senhor descobriu o seu braço santo aos olhos de todas as nações, e todas as extremidades da terra viram a salvação do nosso Deus.(5)*

*O grande livramento se cumprirá no início de uma nova semana de anos, ao fim de um ciclo determinado envolvendo dez jubileus. Durante seis anos, toda a humanidade, iluminada pela maior revelação do amor e da justiça de Deus, terá oportunidade de romper com o império do pecado, unindo-se aos filhos de Israel em sua marcha de purificação e restauração do reino da luz.*

*Então acontecerá que todos os sobreviventes das nações que marcharam contra Jerusalém, subirão, ano após ano, para prostrar-se diante do Rei e Senhor dos Exércitos, e para celebrar a festa de Sukot. E acontecerá que aquele das famílias da Terra que não subir e não vier, haverá contra ele a praga com que o Eterno ferirá as nações que não subirem para celebrar a festa de Sukot.(6)*

*Naqueles anos de oportunidade, soará por todas as partes do mundo o último convite de misericórdia, num apelo para que todos os pecadores se arrependam e se unam ao Criador numa eterna aliança .Por todas as partes se ouvirá o brado divino:*

*Observai o direito e praticai a justiça, porque a minha salvação está prestes a chegar e a minha justiça a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que assim procede, o filho do homem que nisto se firma, que guarda o sábado e não o profana e que guarda sua mão de praticar o mal. Não diga o estrangeiro que se entregou ao Senhor: - Naturalmente Deus vai excluir-me do seu povo, nem diga o eunuco: - Não há dúvida, eu não passo de uma árvore seca. Pois assim diz o Senhor aos eunucos que guardam os meus sábados e optam por aquilo que é a minha vontade, permanecendo fiéis à minha aliança: Hei de dar-lhes, na minha casa e dentro dos meus muros, um monumento e um nome mais precioso do que teriam com filhos e filhas; hei de dar-lhes um eterno nome, que não será extirpado. E, quanto aos estrangeiros que se entregarem ao Senhor para servi-lo, sim, para amar o nome do Eterno e tornarem-se servos seus, a saber, todos os que se abstêm de profanar o sábado e que se mantêm fiéis à minha aliança, trá-los-ei ao meu santo monte e os cobrirei de alegria na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão bem aceitos no meu altar. Com efeito, a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.(7)*

*Na última semana de anos, os filhos de Belial se aliarão contra os filhos da Luz, e os acusarão como causadores de toda a desarmonia no mundo. Em oposição à santificação do sábado que é o sinal da aliança entre Deus e seus escolhidos, muitas nações imporão outro dia para o culto, não podendo comprar nem vender todos aqueles que se mantiverem fiéis à aliança do Eterno.(8)*

*Ao fim dos seis anos, o rolo se fechará e não haverá mais oportunidade de salvação. Desprotegidos, os ímpios sofrerão os juízos divinos que se manifestarão nas sete últimas pragas. Desesperados, muitos correrão de um lado para o outro em busca da mensagem do rolo, mas não a encontrarão. Durante o sétimo ano, os escolhidos de Deus passarão por grandes provas, pois serão condenados pelas nações como os causadores de todo o caos que sobrevirá ao mundo em conseqüência dos juízos.(9)*

*Ao consumarem-se os sete anos, o Messias se manifestará nas nuvens do céu, acompanhado por todas as hostes celestes, para salvação de seu povo. Ao tocar Sua trombeta, os fiéis falecidos ressuscitarão revestidos de glória; os vivos vitoriosos serão transformados num abrir e fechar de olhos, recebendo corpos perfeitos. Juntos, todos os remidos serão arrebatados para a Nova e Eterna Jerusalém, numa viagem inesquecível que começará no primeiro dia da festa de Sukot. Depois de sete dias de feliz ascensão, chegarão à Cidade Santa para comemorarem, diante do trono, no oitavo dia da festa, a grande vitória. Como que a sonhar, os resgatados do Senhor entrarão na Cidade Santa, encontrando ali o jardim do Éden, no meio do qual eleva-se o monte Sião, o lugar do trono de Deus. Coroados pelo Messias, os remidos entoarão o cântico da vitória, fazendo vibrar por todo o espaço os acordes de incontáveis instrumentos musicais. (10)*

-----\*\*\*\*\*-----

Depois de proferir todas essas predições, Melquisedeque disse-nos novamente que toda a experiência que estávamos vivendo era prefigurativa, e teríamos de cumprir ainda importantes tarefas nos próximos sete anos: Durante seis anos a história do jarro deveria ser contada aos pecadores, dando-lhes a oportunidade de arrependem-se, apossando-se das jóias que simbolizam salvação; Ao fim dos seis anos, na véspera de Rosh Hashanah as pérolas acabariam, ficando fora do abrigo todos aqueles que não a receberam.

Ao ouvir tais palavras do rei de Salém, sobreveio-me grande angústia, por lembrar-me dos últimos passos de Sara. Eu temia que ela, em sua incredulidade, não aceitasse uma pérola. Se isto acontecesse, os meus lindos sonhos cairiam por terra, pois não conseguiria ser feliz em sua ausência. Lendo nos meus olhos a angústia, Melquisedeque consolou-me com uma promessa:

*- Abraão, daqui a seis anos o Eterno visitará sua tenda, e sua esposa será curada de sua aridez. Ela se converterá e lhe dará um filho que se chamará Isaque.*

-----\*\*\*\*\*-----

Ao findar a festa de Sukot, retornamos às nossas tendas junto ao Carvalho de Mambré. À medida que íamos avançando pelo caminho, muitas pessoas nos cercavam, admirados pela beleza do vaso repleto de pérolas. A todos contávamos a história de sua chama redentora, e dávamos as jóias àqueles que aceitavam a salvação.

Quando chegamos ao Carvalho de Mambré, uma multidão de pessoas nos esperava. Muitos tinham ouvido falar do miraculoso livramento operado através daquele jarro que fora alvo de tanto menosprezo. Agora, estavam todos emudecidos ao vê-lo glorificado.

Juntamente com os meus pastores, continuamos a proclamar o infinito amor de Deus revelado pela chama. O número daqueles que procuravam pelas pérolas ia aumentando, dia após dia, e todos éramos felizes.

Melquisedeque enviou-nos muitos de seus súditos que eram mestres em música, para realizarem uma missão importante. Eles apresentavam a história de seu reino de paz por meio de lindos cânticos que exaltavam o poder da humildade e do amor. Sua música tinha o poder de transformar corações infelizes, dando-lhes esperança e alegria em viver. Para que se propagasse a

influência restauradora da música de Salém, eles ensinavam a muitos a cantarem tocarem flautas e alaúdes, enviando-os depois de certo tempo como mensageiros de sua missão de paz.

-----\*\*\*\*\*-----

Os dias, os meses e anos foram-se passando, e as pérolas e pedras preciosas foram diminuindo dentro do jarro. Estávamos vivendo agora os últimos meses do sexto ano, que era o último da oportunidade. À medida em que os dias se passavam, aumentava em meu coração uma preocupação e uma angústia, pois Sara até então não tomara interesse em apossar-se de sua pérola, apesar de meus constantes rogos.

Naqueles momentos de aflição em que clamava a Deus pela salvação de Sara, meu único consolo eram as últimas palavras do rei de Salém, de que ao fim dos seis anos ela seria transformada.

Vivíamos agora os últimos dias do sexto ano. A consciência de que o tempo estava se esgotando, fazia com que muitas pessoas nos procurassem de manhã até à noite, para apossarem-se das jóias da salvação. Com o coração ferido por uma indizível aflição, eu insistia com Sara, procurando convencê-la de sua necessidade em tomar, o quanto antes, uma pérola, pois as mesmas estavam ficando escassas. Sem atentar para a minha angústia, Sara desdenhava de meus apelos, afirmando que aquelas pérolas não tinham nenhum valor para ela.

-----\*\*\*-----

Depois de uma noite de vigília em que, desesperadamente, procurei em vão convencer minha amada a apossar-se uma pérola, aceitando a salvação representada por aquele jarro, vi o sol surgir trazendo a luz do último dia, véspera de Rosh Hashaná. Ao olhar para dentro do vaso naquela manhã, vi que restavam apenas três pérolas. Ao admirar-lhes o brilho, comecei a imaginar que a maior seria para o meu filho prometido, a de tamanho intermediário seria a de Sara, e a menor seria a minha. Esse pensamento trouxe-me alívio e esperança. Mas, ao mesmo tempo, comecei a preocupar-me com a possibilidade de chegarem pessoas procurando por elas. Se viessem, eu não poderia negá-las.

Tomado por essa preocupação, permaneci sentado sob o Carvalho de Mambré. Na viração do dia, sobreveio-me um grande estremecimento quando vi ao longe três peregrinos que caminhavam rumo à nossa tenda. Comecei a clamar ao Eterno para que eles mudassem de rumo, mas meus clamores não foram atendidos. Dominado por uma indizível amargura, corri até eles e, depois de prostrar-me, convidei-os para a sombra.

Tomando uma bacia com água, passei a lavar-lhes os pés, limpando-os da poeira do caminho. Ao ver os pés feridos e calejados daqueles homens, senti compaixão por eles. Compreendi que haviam vindo de muito longe, enfrentado perigos e desafios, com o propósito de pegarem em tempo as pérolas. Vi que eles eram mais merecedores que eu, Sara e nosso filho prometido.

Ao lavar os pés do terceiro, meu coração que, até então estava aflito, encheu-se de paz e alegria. Imaginava naquele momento, quão terrível seria se aquele terceiro peregrino não houvesse se unido aos dois primeiros naquela caminhada. Nesse caso eu seria obrigado a tomar da última pérola, subindo sem minha amada para Salém. Se eu tivesse de passar por essa experiência, a pérola que simboliza a alegria da salvação, se tornaria num símbolo de minha solidão e tristeza, pois a vida longe do carinho de Sara, seria para mim o maior castigo, como a própria morte.

Depois de lavar-lhes os pés, comecei a servir-lhes o alimento que foi especialmente preparado para eles. Enquanto os servia em silêncio, fiquei esperando pelo momento em que eles perguntariam pelas pérolas. Mas, sem revelar nenhuma pressa, eles falavam sobre a longa caminhada que fizeram, e sobre as cidades por onde haviam passado. Eu perguntei-lhes se conheciam Salém. Eles responderam-me afirmativamente, acrescentando que naqueles seis anos, muitas obras haviam sido

realizadas naquela cidade, em preparação para uma grande festa que estava para realizar-se dentro de mais um ano, por ocasião da festa de Sukot.

As palavras daquele terceiro peregrino, o mais falante deles, começaram a trazer-me, misteriosamente, um sentimento de esperança. Ao olhar para os seus olhos, vi que ele se parecia com Melquisedeque.

Lembrava-me da última promessa feita pelo rei de Salém, quando o terceiro peregrino perguntou-me com um sorriso:

*- Abraão, onde está Sara sua mulher?!*

Atônito, perguntei-lhe:

*- Como você sabe o meu nome e o nome de minha esposa?*

O peregrino respondeu-me:

*- Não somente sei o nome de vocês, como também sei que daqui a um ano vocês terão um filho que será chamado Isaque.*

Ao ouvir as palavras do visitante, corri para dentro da tenda a fim de chamar minha esposa, para que ouvisse as palavras daquele peregrino.

Ao vê-la, o peregrino perguntou-lhe:

*- Sara, por que você riu de minhas palavras?*

Assustada, Sara, respondeu:

*- Eu não ri, meu Senhor!*

*- Não diga que não riu, pois eu a vi rindo dentro da tenda. Afirmou o peregrino.*

Consciente de estar diante de alguém que conhecia o seu íntimo, Sara perguntou-lhe:

*- Quem és tu Senhor?!*

*- Eu sou a Chama que se desprende do fogo do Altar para estar no jarro que você rejeitou! Eu sou o Messias, o Deus que sofre humilhações e desprezo por amor ao seu povo!*

Tendo feito esta revelação, o peregrino estendeu suas mãos sobre a cabeça de Sara para abençoá-la. Somente então vi que elas estavam marcadas por cicatrizes semelhantes às do rei de Salém.

O peregrino, com muita ternura, começou a falar ao coração de minha amada, resgatando-a de sua incredulidade:

*- Sara, você é preciosa aos meus olhos! Todo o seu passado de descrença e infertilidade está perdoado! Tenho para você um futuro glorioso, pois você se tornará mãe de muitos povos e nações!*

Depois de dizer estas palavras, o nobre visitante encaminhou-se para o jarro e, inclinando-se, tomou dele as três pérolas restantes. Dirigindo-se a Sara, entregou-lhe duas pérolas, e disse-lhe:

*- Uma é para você e a outra é para o seu filho Isaque.*

Com a vida transformada pelo amor do Eterno, Sara prostrou-se agradecida aos pés daquele peregrino que a salvara no último momento. Quando a vi prostrar-se submissa, meu coração por tantos anos aflito, rompeu-se em lágrimas de alegria e gratidão, e caí aos pés de meu Redentor e Rei.

Depois de consolar-nos com a certeza de nossa eterna salvação, o peregrino entregou-me a última pérola. Quando apertei-a em minhas mãos, senti grande luz e paz inundar-me todo o ser, e passei a louvar ao Eterno pela certeza de que teria para sempre ao meu lado minha querida Sara e o filho que, segundo a promessa, dentro de um ano nasceria.

-----\*\*\*-----

Depois destas coisas, o Eterno despediu-se de Sara e dos pastores que ali se encontravam, e convidou-me a acompanhá-los até o outeiro que fica defronte do vale. Ao chegarmos àquele lugar, o Eterno despediu-se de seus dois companheiros, enviando-os para uma missão especial em Sodoma.

Do cimo do monte contemplávamos os férteis vales e florestas que, como um paraíso, estendiam-se em ambas as margens do rio Jordão, circundando as prósperas cidades, dentre as quais destacavam-se Sodoma e Gomorra.

Fora sobre aquela colina que, depois da contenda entre os meus pastores e os pastores de Ló, dei-lhe a oportunidade de escolher o rumo a seguir, pois não poderíamos permanecer juntos. Atraído pelas riquezas da campina, ele decidiu mudar-se para lá.

Ao olhar para o meu companheiro que ficara silente desde o momento em que avistamos a campina, fiquei surpreso ao vê-lo chorando. Perguntei-lhe o motivo de sua tristeza, e Ele, soluçando, respondeu:

*- Este é para mim um dia de muita tristeza, pois pela última vez meus olhos podem pousar sobre este vale fértil. Choro pelos habitantes dessas cidades que não sabem que os seus dias acabaram!*

A declaração do Messias trouxe-me à lembrança todos aqueles cativos que haviam sido libertos seis anos antes. Infelizmente, quase todos rejeitaram o banho da purificação, retornando imundos para suas casas. Unicamente Ló e suas filhas aceitaram a salvação, tomando posse de suas pérolas. Pensando numa possibilidade de livramento para aquele povo, perguntei ao Eterno:

*- E se por acaso existir, naquelas cidades, cinqüenta pessoas justas; mesmo assim elas serão destruídas?*

O Senhor disse-me que se houvesse cinqüenta justos, toda a planície seria poupada.

*- E se houver 45 justos?*

*- Se houvesse ali 45 justos, todas aquelas cidades seriam poupadas.(11)*

Continuei com minhas indagações até chegar ao número dez. O Eterno disse-me que, se houvesse dez justos naquelas cidades, toda a planície seria poupada.

Torturado por uma indizível agonia de espírito, o Senhor voltou a chorar amargamente, enquanto com voz embargada, pronunciava um triste lamento:

*- Sodoma e Gomorra, quantas vezes quis Eu ajuntar os seus filhos, como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo das asas, mas você não aceitou minha proteção. Por que você trocou a luz da minha salvação pelas trevas deste reino de morte?! Meus ouvidos estão atentos em busca de pelo*

*menos uma prece, mas tudo é silêncio! Minhas mãos estão estendidas, prontas a impedir o fogo do juízo, mas vocês recusam o meu socorro!*

Curvando-me ao lado de meu companheiro sofredor, uni-me a Ele na lamentação. Naquele momento de dor, tive a certeza de que Melquisedeque também sofria por todos aqueles que haviam trocado o amor e a paz de Salém pelas ilusões daquele vale de destruição.

Depois de um longo pranto, o Messias consolou-me com a revelação de que os seus dois companheiros encontravam-se naquele momento em Sodoma, com a missão de salvar Ló e suas filhas, livrando-os da morte. Suas palavras trouxeram-me alívio, e prostrei-me agradecido aos seus pés.

-----\*\*\*-----

Antes de partir, o Eterno encarregou-me de uma missão, dizendo:

*- Tome um rolo vazio e registre nele a história do vaso e a história de Salém, conforme ouviu dos lábios de Melquisedeque. Dentro de um ano, você e todos aqueles que aceitaram a salvação, deverão subir à Salém para a festa de Sukot. Naquele dia, entregará ao rei de Salém o jarro, oferecendo dentro dele, como presente, o rolo.*

Naquela mesma tarde, em obediência às ordens do Senhor, comecei a registrar a história vivida por mim e por meus pastores, desde o momento em que parti rumo ao vale, levando sobre as costas o vaso com sua labareda.

No dia seguinte, o sol já ia alto, quando, ao mencionar a cidade de Sodoma no manuscrito, lembrei-me que aquele era o dia de sua destruição. Com o coração acelerado, corri para lá e fiquei espantado com o cenário que se estendeu diante de meus olhos: em lugar daquele vale fértil, semelhante a um paraíso, havia um deserto fumegante, sem nenhuma vida. No lugar das cidades de Sodoma e Gomorra, havia uma cratera, para onde as águas do mar salgado escorriam.

Abalado ante essa visão de destruição, retornei à tenda com o coração entristecido. A lembrança de tantas pessoas que, por rejeitarem o perdão divino, haviam sido consumidas pelo fogo, deixou-me profundamente abalado. Nos dias seguintes, não encontrei forças para escrever. Retornei outras vezes ao outeiro, com a esperança de que tudo aquilo fosse um pesadelo, mas em lugar do vale fértil eu somente conseguia enxergar aquele caos.

Demorou vários dias para que eu voltasse a ter ânimo para prosseguir com os escritos do rolo.

*Referências: (1)Ezequiel 38; Zacarias 12: 10; (2) Genesis 14:18-24; (3)Jeremias 30:7-8; (4) Isaias 51:1-3;(5)Isaias 52:7; (6)Zacarias 14:16-19; (7)Isaias 56:1-8;(8) Apocalipse13: 15-18; (9)Apocalipse 15; Sonfonias 1:13-18; (10)S.Mateus 24:30,31; Apocalipse 14:1-5; 21:1-5; (11) Gênesis*



# A História de Salém

## - SEGUNDA PARTE -

Esta é a história de Salém, segundo ouvi dos lábios de Melquisedeque por ocasião da festa de Sukot, cinco dias depois do livramento de Ló e suas filhas.

Tudo começou com um sonho no coração de um homem chamado Adonias. Ele possuía muitas riquezas, mas a nada prezava mais que a justiça e a paz que nascem da sabedoria e do amor.

Cansado com as injustiças que predominavam por toda a terra de Canaã, Adonias resolveu edificar um reino que fosse regido por leis de amor e de justiça. O nome da capital desse reino seria Salém, a Cidade da Paz.

Os súditos de Salém não empunhariam arcos nem flechas, mas seriam treinados na arte musical. Cada habitante de Salém teria sempre ao alcance de suas mãos um instrumento musical, para expressar por meio dele a paz e a alegria daquele novo reino. Juntos formariam uma poderosa orquestra na luta contra a desarmonia que nasce do orgulho e do egoísmo.

O primeiro passo de Adonias para a concretização de seu plano, foi elaborar as leis do novo reino, as quais ele escreveu em um pergaminho. Os súditos de Salém não poderiam mentir, furto, odiar, nem matar seus semelhantes. O orgulho e o egoísmo eram apontados como causa de todo o mal, portanto, não poderiam existir naquele lugar de paz.

As leis do pergaminho requeriam a prática da humildade, da sinceridade, da amizade, e, acima de tudo, do amor, que é a maior de todas as virtudes.

Depois de registrar no pergaminho as leis que regeriam aquele reino, Adonias passou a arquitetar Salém. Seria uma cidade a princípio pequena, com habitações para mil e duzentas pessoas. Como lugar de sua edificação, foi escolhida uma região alta de Canaã, ao ocidente do Monte das Oliveiras.

Em pouco tempo, a realização de Adonias começou a atrair pessoas de todas as partes que, de perto e de longe, vinham para conhecer os palácios e as mansões que estavam sendo edificados. Admirados ante a beleza daquela cidade tão alva, os visitantes perguntavam sobre quem seriam os seus moradores. Adonias mostrava-lhes o pergaminho, dizendo que Salém destinava-se aos limpos de coração - aqueles que estivessem dispostos a obedecerem suas leis.

-----\*\*\*\*\*-----

A edificação da cidade foi finalmente concluída, e Salém revelou-se formosa como uma noiva adornada, à espera de seu esposo.

Assentado em seu trono, Adonias examinava os numerosos pretendentes que chegavam de todas as partes, desejosos em ser súditos daquele reino. Aqueles que, prometendo fidelidade às leis eram aprovados, recebiam três dotes do rei: o direito a uma mansão, vestes de linho fino e um instrumento musical no qual deveriam praticar.

A cidade ficou finalmente repleta de moradores. Cheio de alegria, Adonias convocou a todos para a festa de inauguração de Salém, no decorrer da qual proclamou um decreto que determinaria o futuro daquele reino, dizendo:

*- A partir deste dia, que é o décimo do sétimo mês, seis anos serão contados, nos quais todos os moradores serão provados. Somente aqueles que permanecerem leais, progredindo na prática das leis do pergaminho, serão confirmados como herdeiros deste reino de paz. Aqueles que forem enlaçados por culpas e transgressões serão banidos pelo juízo.*

As palavras do rei levaram todos a um profundo exame de coração, e alegraram-se com a certeza de que alcançariam vitória sobre todo o orgulho e egoísmo, que são as raízes de todos os males.

-----\*\*\*\*\*-----

Adonias tinha um único filho a quem dera o nome de Melquisedeque. A beleza, ternura e sabedoria desse filho amado haviam sido sua inspiração para a edificação de seu reino.

Melquisedeque tinha doze anos de idade, quando Salém foi inaugurada. Era plano de Adonias coroá-lo rei sobre os súditos aprovados, ao fim dos seis anos. Este plano, ele o manteria em segredo até o momento devido.

O príncipe, com suas virtudes e simpatia, tornou-se logo muito querido de todos em Salém. Ele tinha sempre nos lábios um sorriso e uma palavra de carinho. Apreciava estar junto aos súditos em seus lares, recitando-lhes as leis do pergaminho em forma de lindas canções que vivia a compor. Sua presença trazia ao ambiente uma atmosfera de felicidade e paz. Esse amado príncipe possuía, de fato, todas as virtudes necessárias para ser rei de uma Salém vitoriosa.

-----\*\*\*\*\*-----

Adonias edificara uma mansão especial junto ao palácio, com o propósito de ofertá-la ao súdito cuja vida expressasse mais perfeitamente as leis do pergaminho. Diariamente ele observava os moradores, procurando entre eles essa pessoa a quem desejava honrar.

Passeava pelas alamedas de Salém, quando, por entre o trinar de pássaros, Adonias ouviu uma voz semelhante a de seu filho. Ao voltar-se para ver quem era, encontrou um belo jovem que cantarolava uma canção. Ao contemplar em sua face o brilho da sabedoria e da pureza, Adonias alegrou-se por haver encontrado aquele a quem poderia honrar. Aquele jovem, que era uma cópia fiel do príncipe, chamava-se Samael.

Colocando-lhe um anel no dedo, o rei conduziu-o ao palácio, onde foi recebido por Melquisedeque que ofereceu-lhe muitos presentes, entre os quais o direito de estar sempre ao seu lado.

Adonias preparou um grande banquete em honra a Samael, para o qual todos foram convidados. Ao contemplá-lo ao lado do rei, os súditos o aclamaram com alegria, acreditando ser ele o próprio príncipe.

Exaltavam com júbilo as virtudes daquele formoso jovem, quando revelou-se Melquisedeque, posicionando-se com um sorriso à direita de seu pai.

No banquete, Samael foi honrado por todos. Realmente ele era digno de residir na mansão do monte, pois havia nele um perfeito reflexo das virtudes que coroavam o amado príncipe.

-----\*\*\*\*\*-----

Salém crescia em felicidade e paz. Com alegria, os súditos reuniam-se a cada dia ao amanhecer para ouvirem, cantarem e tocarem as sublimes composições de Melquisedeque, que inspiravam atos de bondade e paz.

Entre as amizades nascidas e fortalecidas em virtude da música harmoniosa, sobressaía aquela que unia o príncipe a Samael. Desde que passara a residir na mansão do monte, Samael tornara-se seu companheiro constante. Passavam longas horas juntos, meditando sobre as leis do pergaminho. Com admiração, o súdito honrado via o filho de Adonias transformar aquelas leis em lindas canções. As doces melodias nasciam dos seus lábios como o perfume de uma flor.

Consciente da importância da música na preservação da harmonia e paz em Salém, o príncipe, além do canto, passou a dedicar-se à música instrumental, sendo o seu instrumento preferido o alaúde. Era por meio desse instrumento que conseguia expressar com maior perfeição a riqueza de seu íntimo.

-----\*\*\*\*\*-----

Dos seis anos de prova, cinco, finalmente, passaram. Adonias, feliz por ver que até ali todos os habitantes de Salém haviam permanecido leais aos princípios contidos no pergaminho, convocou-os para um banquete, no qual faria importantes revelações.

Tendo tomado seus lugares diante do trono, os súditos, com alegria uniram as vozes entoando os cânticos da paz, sendo regidos por Samael.

Depois de ouvi-los, o rei, emocionado, dirigiu-se a seu filho, abraçando-o em meio aos aplausos da multidão agradecida. Todos reconheciam que a paz e a alegria em Salém eram em grande medida devidas ao amor e dedicação do querido príncipe, que era o autor daquelas doces canções.

Naquele momento de reconhecimento e gratidão, Adonias revelou os seus planos mantidos até então em segredo. Com voz pausada, disse-lhes:

*- Súditos deste reino de paz, minh'alma está repleta de alegria por contemplar nesse dia vossas faces mais radiantes que outrora. Vossas vestes continuam alvas e puras, como quando as recebestes de minhas mãos. A harmonia de vossas vozes e instrumentos hoje são maiores.*

Tendo dito estas palavras, o rei acrescentou com solenidade:

*- Um ano de prova ainda resta, ao fim do qual sereis examinados. Permanecendo fiéis como até aqui, sereis honrados, confirmados como súditos deste reino de paz. Contudo, se alguém for achado em falta, será banido, ainda que este julgamento nos traga muita tristeza e sofrimento.*

As palavras do rei levaram os súditos a uma profunda reflexão. Todos, examinando-se, indagavam reverentes: *- Estaremos aprovados?!*

Certos de que seriam vitoriosos, pois amavam Salém e suas leis, uniram as vozes num cântico expressivo de fidelidade. Ao terminarem o cântico, Adonias revelou-lhes seu grande segredo:

*- Aqueles que forem aprovados, herdando este reino de paz, receberão como rei o meu filho, a quem darei o trono glorificado dessa Salém vitoriosa.*

A revelação do rei foi aclamada por todos com muito júbilo. Adonias, contudo, ainda não lhes revelara todo o seu plano, por isso, pedindo-lhes silêncio, prosseguiu:

*- O meu filho empunhará um cetro especial, no qual selarei todo o direito de domínio. Seu cetro, simbolizando toda a harmonia, será um alaúde.*

Diante desta revelação que a todos sensibilizou, o príncipe, prostrando-se aos pés de seu pai, chorou motivado por muita alegria. Enquanto isto, todos o aplaudiam com euforia, ansiando ver o raiar desse dia em que a paz seria vitoriosa.

Adonias, chamando para junto de seu filho a Samael, concluiu dizendo:

*- No governo dessa Salém vitoriosa, tenho proposto fazer de Samael o primeiro depois de Melquisedeque. A ele será confiado o pergaminho das leis, devendo ser o guardião da honra desse reino triunfante.*

-----\*\*\*\*\*-----

Samael, ao conhecer os planos de Adonias quanto ao futuro de Salém, encheu-se de euforia. Contemplava agora risonho aquela cidade sem igual, imaginando seu futuro de glória. Considerando as palavras do rei, de que ele seria o segundo no reino, deixou ser dominado por um sentimento de exaltação. Ele, que até ali, em obediência às leis do pergaminho, vivera uma vida de humildade, começava a orgulhar-se de sua posição. Em seu devaneio sentia-se junto ao trono, tendo os súditos de Salém a seus pés, aclamando com louvores sua grandeza. Samael, totalmente dominado por esse sentimento, não dava por conta de que estava sendo conduzido para um caminho perigoso. O orgulho que o seduzira estava gerando o egoísmo que logo se manifestaria em cobiça.

-----\*\*\*\*\*-----

Uma semana após a revelação de Adonias, os súditos promoveram uma festa em homenagem a Melquisedeque, o futuro rei de Salém. Vendo-o aclamado por tantos louvores, Samael teve o coração tomado por um estranho sentimento de inveja, fruto do orgulho e do egoísmo. Não podia suportar o pensamento de ser deixado em segundo plano. Não era ele tão formoso e sábio quanto o príncipe?! Era quase impossível disfarçar tal sentimento de infelicidade.

Outrora, Samael encontrara indizível prazer nos momentos em que, ao lado do príncipe, recitava as leis contidas no pergaminho, que eram transformadas em lindas canções. Agora, tais momentos tornaram-se desagradáveis, pois aqueles princípios contrariavam os seus ideais. Decidiu, contudo, não revelar seus sentimentos de revolta. Suportaria o antiquado pergaminho até que, com sua autoridade, pudesse bani-lo do novo reino que seria estabelecido. Não seria ele o guardião daquelas leis? Essa “vitória” procuraria alcançar mediante sua influência e sabedoria.

Julgando poder influenciar o filho de Adonias com seus sonhos de grandeza, Samael aproximou-se dele com euforia, e passou a falar-lhe das glórias do reino vindouro, onde os dois, cobertos de honras, desfrutariam os louvores de uma Salém vitoriosa. Seriam eles os heróis do mais perfeito reino estabelecido entre os homens.

As delirantes palavras do súdito honrado trouxeram preocupação e tristeza ao coração do jovem príncipe, pois não refletiam os ensinamentos de amor e humildade do pergaminho.

Vendo o seu íntimo amigo em perigo, Melquisedeque, com uma ternura jamais revelada, conduziu-o para junto do trono, onde, tomando o pergaminho, passou a ler compassadamente os seguintes parágrafos:

*- O reino de Salém será firmado sobre a humildade, pois esta virtude é a base de toda verdadeira grandeza.*

*A humildade é fruto do amor, sendo contrária ao orgulho, que pode manter uma criatura presa ao pó, fazendo-a contentar-se com suas limitações, iludindo-a como se as mesmas fossem de infinito valor.*

*A humildade consiste no esquecimento de si, e este, numa vida de abnegado serviço aos semelhantes.*

Samael, esforçando-se para encobrir sua indignação ante a leitura do pergaminho que para ele era ultrapassado, disse ao príncipe, em tom de conselho amigo:

*- Meu bom companheiro, reinaremos numa Salém vitoriosa, que fulgurará muito acima deste pergaminho, cujos princípios foram cumpridos fielmente nesses anos de prova. A plena liberdade não será a glória de Salém? Pois saiba que, completa liberdade não coexistirá com estas leis, cujo objetivo encerra-se ao fim dos cinco anos. Caberá a nós dois coroarmos Salém com a honra de uma total liberdade, que gerará uma felicidade sem fim. Tal liberdade é impossível existir sob as limitações do pergaminho.*

O filho do rei ficou muito abalado ante as palavras de seu amigo, que evidenciavam loucura. Como libertá-lo desse caminho de morte?!

-----\*\*\*\*\*-----

Ninguém em Salém, além de Melquisedeque, conhecia a triste condição de Samael. Com paciência, o príncipe procurava conscientizá-lo do real valor do pergaminho, cujas leis não podiam jamais ser alteradas, pois isto seria o fim de toda a paz.

Os conselhos do príncipe despertaram finalmente o seu coração. Meditando sobre suas palavras, conscientizou-se de estar seguindo por um caminho enganoso.

Ao ver nos olhos daquele a quem tanto amava as lágrimas do arrependimento, o filho de Adonias alegrou-se com sua vitória sobre o orgulho e o egoísmo.

Os dias que seguiram-se à libertação foram cheios de realizações. O príncipe revelava-se ainda mais amigo, disposto a dar tudo de si para que seu companheiro pudesse prosseguir triunfante no caminho da humildade. Naqueles dias de júbilo, foi dada a ele a honra de conhecer o cetro que estava sendo moldado.

Num momento de descuido, Samael, que voltara a desfrutar paz de espírito, permitiu que seu coração novamente ficasse possuído por um sentimento de grandeza, que fez desencadear nova tormenta em sua alma. Esse sentimento misto de orgulho e cobiça lhe sobreveio no momento em que o príncipe mostrava-lhe o dourado alaúde, no qual estava sendo impresso o selo de todo o domínio.

-----\*\*\*\*\*-----

De sua mansão Samael contemplava Salém em seu resplendor matinal. Vendo-a, qual noiva adornada à espera de seu rei, cobiçou-a. Em seu delírio passou a formular planos de conquista. Já podia sentir-se exaltado sobre o seu trono, tendo nas mãos o cetro precioso. Todos o aclamariam como o libertador da opressão daquelas leis. Salém seria um reino de completa liberdade e prazer. Dominado por esta cobiça, passou a maquinar planos de conquista.

Samael decidiu agir subtilmente entre os súditos, levando-os a ver no pergaminho um empecilho à real liberdade. Em sua missão de engano, agiria com aparente bondade, revelando interesse pelo crescimento da felicidade de todos.

Pondo em prática seus planos, passou a visitar os súditos em suas mansões, falando-lhes das glórias do reino vindouro, onde desfrutariam completa liberdade.

Grande era a sua influência em Salém. Todos admiravam sua beleza e sabedoria, tendo-o como um perfeito apóstolo da justiça e do amor. Ninguém podia imaginar que, em meio àquela atmosfera de júbilo e gratidão, uma armadilha sutil estava sendo colocada, nas garras da qual muitos poderiam cair por descuido.

Em sua sedutora missão, Samael não falava contra o pergaminho, aliás, louvava-o por haver exercido naqueles seis anos, prestes a findarem, uma missão de prova. Em sua lógica, contudo, procurava mostrar que, no reino vindouro, quando todos estivessem aprovados, estariam acima daquelas leis. Seus argumentos, aparentemente corretos, preparavam-lhe o caminho para afirmar abertamente que, no novo reino, a existência do pergaminho seria um entrave à concretização da verdadeira liberdade.

-----\*\*\*\*\*-----

As sementes da rebelião lançadas por Samael não tardaram a germinar no coração de muitos em Salém. Isto acontecia a seis meses do Yom Kipur, quando o destino de todos seria selado. Um terço dos habitantes, seduzido pelo terrível engano, exaltava-o agora, em completo desprezo às leis e ao príncipe, a quem julgavam ultrapassados.

Adonias, que sofria ao ver o surgimento de toda essa rebeldia, convocou os súditos para uma reunião de emergência. Na face de todos podia-se ver as contrastantes disposições.

Com voz compassiva, o rei passou a revelar-lhes, como jamais fizera antes, a grande importância das leis registradas no pergaminho, mostrando que elas eram a base de toda a prosperidade e paz. Se tais leis fossem banidas, toda felicidade e glória se extinguiriam, dando lugar ao caos.

Depois de mostrar a necessidade das leis, Melquisedeque, movido por um forte desejo de salvar aqueles a quem tanto amava, ergueu diante de todos o pergaminho e, com voz cheia de bondade, ofereceu-lhes o perdão e a oportunidade de recomeçarem no caminho da paz. Suas palavras a todos emocionou. Até mesmo Samael ficou a princípio motivado, contudo, o orgulho impediu-lhe novo arrependimento. Desta maneira, o súdito honrado, quando ainda podia olhar arrependido para o pergaminho, endureceu-se em sua rebeldia, decidindo prosseguir até o fim. Esta decisão, todavia, não a manifestaria prontamente, pois idealizara um traiçoeiro plano.

-----\*\*\*\*\*-----

Ao findar o encontro da oportunidade, Samael convocou seus seguidores para uma reunião secreta, que foi realizada sob o manto da noite, junto ao riacho de Cedrom, que fica fora dos muros de Salém.

Após maldizer o pergaminho e a todos aqueles que o defendiam, começou a falar-lhes de seus planos de vingança e traição:

*- Como vocês sabem, os seis anos da prova estão se esgotando, restando, a partir de hoje, vinte e quatro semanas para o dia da coroação. Se vocês quiserem ter-me como rei em lugar de Melquisedeque, poderei roubar-lhe o cetro, apoderando-me do reino.*

Samael passou a explicar-lhes os lances da traição, dando-lhes as devidas orientações sobre a maneira de agirem a partir daquela data:

*- Precisamos manter uma aparência de fidelidade ao pergaminho e ao príncipe até que chegue o momento de agirmos. O golpe será dado na noite que antecede o dia da coroação. À meia-noite, furtivamente nos ausentaremos de Salém. Roubarei nessa noite o cetro e, juntos, fugiremos para o profundo vale onde estão as cidades de Sodoma e Gomorra. Ali nos armaremos, e marcharemos contra Salém, subjugando nossos inimigos. Acabaremos então com o pergaminho e com todos aqueles que se recusarem prestar obediência ao nosso governo.*

-----\*\*\*\*\*-----

Sobrevieram dias de aparente tranqüilidade e paz. Samael, fingindo fidelidade, estava sempre ao lado do príncipe, demonstrando admiração pelas suas novas composições que exaltavam as leis do pergaminho. Os seguidores de Samael, da mesma maneira, uniam as vozes em louvores que expressavam a grandeza dos princípios aos quais repugnavam.

Melquisedeque, cheio de alegria por ver aproximar-se o dia de sua coroação, ensaiava com os súditos os cânticos da vitória, os quais compusera especialmente para aquela ocasião. Com felicidade falava a todos sobre seus sonhos em tornar Salém cada vez mais honrada por sua beleza e harmonia.

Samael, em sua maldade velada, zombava do príncipe. Já previa a dor que lhe traria o golpe da traição.

Naqueles dias de aparente paz, o súdito rebelde procurou conhecer o lugar em que o cetro ficaria oculto até o dia da coroação. O príncipe, sem nada desconfiar, revelou-lhe todo o segredo: a sala, o cofre com seu enigma, o rico estojo e, finalmente o tesouro. Contemplando-o, o astuto Samael animou-se ao ver estampado em seu bojo o selo do domínio. Compreendeu que aquele que o possuísse teria nas mãos o reino de Salém. Somente alguns dias, pensou, e teria sob seu poder aquele instrumento precioso.

-----\*\*\*\*\*-----

O sol declinou trazendo para Salém o dia que significaria vitória ou derrota.

Pouco antes do anoitecer, Samael deixara o palácio onde passara todo o dia ao lado do príncipe, ajudando-o nos preparativos para a cerimônia da coroação. Dirigindo-se para sua mansão, saudou as trevas com um sorriso maldoso. Como ansiara por aquela noite!

Enquanto os fiéis, embalados pela emoção da feliz vitória, revisavam sob a luz de candeias os adornos de seus instrumentos, de vestes e mansões, certificando-se que seriam aprovados na manhã seguinte, Samael e seus seguidores faziam seus últimos preparativos para desferirem o golpe.

À meia-noite, seguindo as instruções de Samael, todos os seus seguidores abandonaram silenciosamente suas mansões, rumando-se ao profundo vale de Cedrom, onde esperariam pelo seu novo rei.

Samael, por sua vez, dirigiu-se aos fundos do palácio, por onde esperava entrar sem ser notado, indo ao encontro do cetro. Evitando qualquer ruído, transpôs o portal, dirigindo-se silenciosamente à sala que guardava o precioso cetro.

Naquele momento, o príncipe que, insone rolava em seu leito, pressentindo algum perigo, dirigiu-se ao quarto de seu pai e o despertou dizendo:

*- Meu pai, ouvi ruídos de passos no interior do palácio.*

Afagando a cabeça de seu filho, Adonias, sonolento respondeu-lhe:

*- Filho, não se preocupe. Deite-se comigo e durma tranqüilamente. Daqui a pouco raiará o alvorecer e você terá nas mãos o alaúde dourado.*

O príncipe, tranqüilizado pelas palavras confiantes de seu pai, entregou-se a um sono de lindos sonhos em que vivia ao lado de Samael e de todos os súditos de Salém, os momentos festivos da coroação. Enquanto isso, o rebelde, com as mãos trêmulas, apossava-se do cetro. Naquele momento, teve a idéia de levar somente o alaúde, deixando o estojo em seu devido lugar. Com um sorriso cheio de maldade, imaginou o momento em que o rei entregaria ao seu filho aquele estojo vazio.

Levando consigo o cetro, Samael dirigiu-se apressadamente ao lugar em que seus seguidores o aguardavam. Ao encontrá-los, deu vazão a todo o seu orgulho proclamando:

*- Agora eu sou o rei de Salém. Quem possui um cetro como o meu? Com ele domino a terra e o mar. A minha força está nas trevas, pois através delas o conquistei.*

Festejando a vitória, a turba ruidosa afastou-se para distante de Salém, seguindo rumo às cidades corrompidas da planície, onde pretendiam armarem-se para a conquista de seu reino.

-----\*\*\*\*\*-----

O sol surgiu no horizonte, trazendo a luz do dia da expiação (Yom Kipur). Despertando de seu sono de lindos sonhos, o príncipe apronta-se para a cerimônia do juízo e da coroação. Vestes especiais de linho fino, adornadas com fios de ouro e pedras preciosas, foram-lhe preparadas. Depois de vestir-se, Melquisedeque encaminhou-se para o encontro de seus súditos, na extremidade sul de Salém. Dali os conduziria numa marcha festiva rumo ao palácio situado ao norte, sobre o monte Sião.

Adonias, fazendo soar um longo chifre, convocou a todos para a reunião do julgamento. Deixando suas mansões, todos os remanescentes dirigiram-se para a praça do portão sul, levando consigo seus instrumentos musicais.

Ao encontrar-se com aqueles fiéis, Melquisedeque ficou surpreso pela ausência de muitos. Esse mistério doía-lhe na alma, pois lhe ocultava a face mais querida de seu amigo Samael.

Deixando seus seguidores reunidos, o príncipe saiu à procura dos ausentes. Em sua busca infrutífera, dirigiu-se finalmente à mansão do monte, onde chamou por Samael. Sua voz, contudo, não trouxe nenhuma resposta além de um eco vazio, que traduzia ingratidão.

Lendo no triste vazio a traição, sentiu vontade de chorar. Num só momento veio-lhe à mente todo o passado daquele a quem buscara com tanta dedicação conservá-lo em sua glória, através de conselhos sábios. Recordou aqueles dias que seguiram à sua recuperação. Como se alegrara com a certeza de que seu amigo não mais voltaria a cair! Levando-o a pressentir a tragédia, vieram-lhe à lembrança as indagações de Samael sobre o alaúde, o qual mostrou-lhe num gesto de amizade. A memória deste fato, somada aos passos ouvidos no interior do palácio naquela noite, deu-lhe a certeza de que Salém corria perigo. Não suportando essa possibilidade de traição, prostrou-se em pranto, ferido pela terrível ingratidão daquele a quem dedicara tanto amor.

Curvado pela dor, permaneceu por algum tempo procurando encontrar algum consolo. Enxugou finalmente as lágrimas, decidido a fazer qualquer sacrifício a fim de devolver a Salém sua glória e poder, redimindo-lhe o cetro das mãos do rebelde.



Consolidado pela certeza da vitória, Melquisedeque retornou para junto dos súditos fiéis. Ocultando-lhes seu sofrimento, bem como o motivo da ausência de tantos, o príncipe guiou-os em marcha triunfal rumo ao palácio.

-----\*\*\*\*\*-----

Ao aproximarem-se do monte Sião, galgaram os alvíssimos degraus da escadaria, sendo seguidos pela multidão exultante. Doía-lhe na alma a expectativa de ver morrer nos lábios dos fiéis, naquela manhã, o seu alegre canto, devido ao golpe da traição.

Encontravam-se agora no interior do palácio, diante do magnífico trono que esperava pelo jovem rei. Na base do trono, jazia aberto, em meio a um arranjo de flores, o pergaminho das leis. Junto dele podia-se ver a linda coroa, feita de ouro e pedras preciosas, bem como o estojo daquele cetro que simbolizava toda a harmonia de Salém.

Os súditos estavam felizes, pois sabiam que seriam considerados dignos de herdar aquele reino de paz. Aguardavam agora o momento da coroação, quando o seu novo rei os regeria de seu trono com seu cetro precioso, num cântico triunfal.

Em meio aos aplausos das hostes vitoriosas, Melquisedeque dirigiu-se a seu pai, que o recebeu com um carinhoso abraço. O momento era deveras solene. As hostes silenciaram-se na expectativa da coroação. O estojo seria aberto e todos testemunhariam a exaltação do querido príncipe.

Com o coração pulsando forte pela alegria, Adonias curvou-se sobre o estojo, abrindo-o cuidadosamente. Ao encontrá-lo vazio, a alegria de seu semblante deu lugar a uma expressão de indizível preocupação e tristeza, pois naquele cetro selara o destino daquele reino de paz.

Ao ver seu pai e todos os súditos aflitos pela ausência do cetro e de tantos amigos que deveriam estar com eles naquele momento, Melquisedeque consolou-os com a promessa de que buscaria o cetro. Inconscientes dos riscos e perigos que aguardavam o príncipe em seu caminho, os súditos despediram-se dele, vendo-o partir apressadamente.

-----\*\*\*\*\*-----

O alvorecer daquele dia que seria o da coroação alcançou os rebeldes distantes de Salém, a caminho das cidades da planície. Naquele manhã, Samael encheu-se de fúria ao ver que o precioso alaúde estava adornado com inscrições das leis contidas no pergaminho. Tomando uma pedra pontuda, passou a danificar o cetro, raspando-lhe todas as palavras de amor e justiça. Suas harmoniosas cordas estavam agora desafinadas sobre o seu bojo ferido, mas continuava sendo precioso, pois sobre ele jazia selado o domínio de Salém. Possuí-lo, significava ser dono de todo o poder.

Ao chegarem à altura em que o caminho bifurcava-se, Samael ordenou a seus seguidores que prosseguissem rumo a Gomorra, enquanto ele iria até Sodoma, onde permaneceria por dois dias, juntando-se depois a eles.

Esperou pela noite para entrar em Sodoma. Quando ali entrou, caminhou pelas ruas estreitas sem ser notado, até encontrar uma casa isolada sobre uma elevação. Fazendo do cetro sua arma, invadiu a casa matando seus moradores, enquanto dormiam. Apossou-se dessa maneira daquela residência onde, solitário, maquinaria seus planos para a tomada de Salém.

-----\*\*\*\*\*-----

O entardecer daquele dia que seria o da coroação alcançou o filho de Adonias a caminhar pelo pedregoso caminho rumo ao vale. Seus olhos carregados de tristeza e anseio voltam-se para o solo, em busca dos rastros dos rebeldes. A lembrança da ingratidão daqueles a quem tanto amava o fez chorar. Suas lágrimas, refletindo os últimos lampejos daquele sol poente, assemelham-se a gotas de sangue jorrando de um coração ferido. Ele chorava não por causa dos perigos que lhe sobreviriam naquela fria noite, mas pela infeliz sorte daqueles que haviam trocado a paz de Salém pela violência daquelas cidades da planície.

O seu único consolo era a lembrança daqueles que, apesar de todas as tentações, haviam permanecido fiéis. A eles prometera devolver o cetro, e isto o faria apesar de qualquer sacrifício.

-----\*\*\*\*\*-----

Depois de uma longa noite de insônia em que o príncipe ficou recostado ao lado do caminho, raiou a luz de um dia que seria decisivo.

Ao aproximar-se de Sodoma naquela manhã, o pensamento de estar tão próximo do cetro de sua amada Salém fez com que se esquecesse de toda a fadiga, abreviando seus passos rumo ao desafio.

Ao abeirar-se do grande portão da cidade, ficou tomado por um temor, ao ouvir ruídos espantosos de desarmonia, que traduziam o orgulho, o egoísmo e a cobiça que ali dominavam todos os corações, fazendo-os explodir na orgia de uma maldade sem fim.

Seria um grande risco expor-se à violência gratuita daquela cidade. Esse pensamento o fez deter-se a um passo do portal, onde estremeceu curvou a fronte em indizível luta íntima. Era tentado a recuar, mas lutava com todas as forças de sua alma contra esse pensamento de fracasso.

Pensando na triste sorte de Salém, cujo domínio estava sendo pisado no interior daquela cruel Sodoma, Melquisedeque tomou uma firme decisão: como um destemido guerreiro haveria de avançar, e, mesmo que tivesse de enfrentar o acúmulo de todos os perigos, prosseguiria, até erguer em suas mãos vitoriosas o cetro amado.

Resoluto e esperançoso, transpôs o portão de Sodoma, mergulhando naquele mundo estranho. Tudo ali era o oposto de Salém, começando pelas pedras ásperas e sujas de suas construções. Sodoma era um reino de trevas.

A presença contrastante do príncipe foi logo notada por muitos que, em tumulto, o cercaram. A pureza de caráter expressa em sua meiga face e o esplendor de suas vestes encheram-nos de espanto, e recuaram como que vencidos por uma força invisível. Dominados pela fúria, passaram a persegui-lo à distância, decididos a fazê-lo recuar. Jogavam-lhe pedras e lama tentando macular-lhe as vestes, mas não o atingiam, enquanto ele avançava em sua ansiosa busca. Desistiram finalmente de persegui-lo, ao entardecer.

-----\*\*\*\*\*-----

O filho de Adonias percorrera todas as ruas e becos à procura do precioso cetro, mas em vão. Ao ver tombar no horizonte o sol, anunciando a chegada de mais uma escura e fria noite, seu coração ficou oprimido por uma grande agonia. Ali, naquele último beco, quase vencido pela exaustão e pelo desespero, inclinou a fronte, desfazendo-se em pranto. Seus lábios pronunciaram em meio aos soluços as seguintes palavras:

*- Salém, Salém, você não pode perecer! O seu cetro precisa ser redimido das garras da rebeldia! Mas quando e onde vou encontrá-lo?! Já não restam forças em mim e a esperança de redimi-lo antes da noite me abandona!*

O príncipe, em sua suprema angústia, não percebia que outro gemido de dor, procedente de cordas arrebatadas de um alaúde humilhado, fazia-se ouvir naquele entardecer.

Subitamente, o fraco gemido penetrou seus ouvidos, reanimando-o com a certeza de que o grande momento da redenção havia chegado. Enxugando as lágrimas, reuniu as últimas forças correndo em direção a uma pequena casa situada sobre um monte, de onde parecia vir o som.

Ao dirigir-se à porta entreaberta, deteve-se ao contemplar uma cena chocante, de humilhante escravidão: Samael, envolvido por um manto sujo, castigava o cetro de Salém. Tanto o rapaz quanto o cetro achavam-se tão desfigurados, que não restavam neles quase nenhum traço da glória perdida. Aquele cetro, contudo, mesmo arrasado como estava, era muito precioso, pois nele jazia o selo do domínio de Salém.

A contemplação daquele que fora seu maior amigo e daquele cetro idealizado como símbolo de toda a harmonia, em tão trágica condição, comoveu profundamente o príncipe, fazendo-o chorar em alta voz. Somente então o súdito rebelde percebeu sua presença indesejada. Estremecido, levantou-se, e, cheio de ira perguntou-lhe:

*- O que o trouxe a Sodoma?*

Apontando para o cetro danificado, Melquisedeque exclamou:

*- A glória de Salém está destruída!!!*

Com uma gargalhada, Samael zombou de sua tristeza, dizendo:

*- Agora eu sou o rei de Salém. Vocês que são fiéis ao pergaminho, tornar-se-ão meus escravos.*

Sem se importar com as palavras de afronta de Samael, o príncipe, movido por uma infinita angústia, disse-lhe:

*- Samael, Salém está ferida por sua traição. Por que você trocou o seu lar de justiça e amor por esse vale de injustiça, ódio e morte?! Agora, se não deseja retornar à Salém arrependido, devolva-lhe o cetro. Foi para redimi-lo que, a despeito de todos os perigos, descí a esse vale hostil.*

Conhecendo o propósito do príncipe, o rebelde encheu-se de raiva e, cerrando os punhos, disse-lhe :

*-Eu o odeio Melquisedeque!*

Tendo dito isto, arremessou o cetro ao chão, e pisando-o acrescentou:

*- Tenho vontade de fazer o mesmo com você.*

Diante dessa afronta, o príncipe não sentiu nenhum temor, mas compaixão. Transportando-se ao feliz passado, lembrava-se dos momentos felizes em que tinha sempre ao seu lado a Samael. Ele era um jovem puro e humilde de coração. Por que permitira ser escravizado pela ilusão do orgulho e do egoísmo?! Quão doloroso era ver aquele jovem que, por sua beleza e simpatia, havia sido honrado acima de todos os súditos, agora arruinado pela cobiça! Não fora o sonho do príncipe ter junto ao seu trono glorificado, aquele que lhe era o mais precioso amigo?! Essa tragédia feria-lhe a alma.

Contudo, a triste condição do cetro o atingia ainda mais, pois ele fora feito como o símbolo de toda a harmonia, e estava sendo desfeito sob os pés da ingratidão.

Surpreso por não ver nos olhos de Melquisedeque nenhuma expressão de temor, porém de piedade, Samael sentiu-se frustrado em suas afrontas que visavam amedrontá-lo, levando-o desistir de sua missão.

Diante da postura digna do príncipe, que em silente dor o contemplava, sentiu-se envergonhado. Essa fraqueza, contudo, foi banida pelo orgulho que dominava o seu coração. Começou então a planejar algo terrível, para humilhar e ferir o príncipe, fazendo-o sofrer ainda mais. Com escárnio disse-lhe:

*- O cetro de Salém poderá ser seu, se você conseguir pagar-me o preço de seu resgate.*

Com um brilho nos olhos, o príncipe perguntou-lhe:

*- Qual é o preço?*

Samael, com um sorriso maldoso, respondeu-lhe pausadamente:

*- O preço não é ouro nem prata, mas dor e sangue. Você deverá despir-se completamente de suas vestes, deitando-se ao chão. Deverá suportar nessa condição, espancamentos, até que o sol se ponha. Se você estiver disposto a submeter-me, sem reagir, o cetro será inteiramente seu.*

Estremecido ante tão cruel proposta, o filho de Adonias olhou para o sol que pairava distante sobre uma nuvem. Passou a travar em seu coração uma luta intensa. A princípio, o horror do sacrifício quase o dominou, levando-o recuar, mas o pensamento de ver Salém escravizada pela rebeldia, levou-o finalmente à decisão de pagar o preço do resgate, entregando-se ao humilhante sofrimento.

-----\*\*\*\*\*-----

Tendo tomado a firme decisão de resgatar o cetro, o príncipe tirou as vestes, colocando-as sobre uma pedra. Deitou-se em seguida naquele solo frio, com a frente voltada para o poente.

Impiedosamente, Samael começou a espancá-lo, fazendo uso do próprio cetro como instrumento de tortura. Gemendo pela dor dos golpes que o faziam sangrar, o príncipe mantinha o olhar fixo no sol que parecia deter-se sobre a nuvem. Atordoado pela dor, contemplou finalmente o sol prestes a se pôr. Alentado pela vitória que se aproximava, murmurou baixinho:

*- Salém, Salém, daqui a pouco terei em meus braços o teu cetro precioso que, em minhas mãos, tornar-se-á num instrumento de justiça e paz.*

Ouvindo a promessa do príncipe feita por entre gemidos, Samael bradou-lhe com fúria:

*- O seu sofrimento não trará nenhum alvorecer para Salém, pois suas mãos jamais serão capazes de tocar no cetro.*

Depois de fazer essa afronta, Samael apossou-se de uma pedra pontuda, preparando-se para desferir os últimos golpes.

Enquanto pensava sobre a feliz vitória de Salém, Melquisedeque sentiu seu braço direito ser comprimido pelos pés de Samael. Seguiu a esse rude gesto um golpe que o fez contorcer-se em

agonia. Sua mão fora vazada cruelmente, passando a jorrar abundante sangue da ferida aberta. Essa mesma violência foi descarregada logo depois sobre sua mão esquerda.

Não suportando a agonia causada por esses derradeiros golpes, o filho de Adonias, ensangüentado, mergulhou nas trevas de um profundo desmaio.

-----\*\*\*\*\*-----

Ao cessar de golpear o príncipe, o súdito rebelde ficou possuído por um estranho horror, ao contemplar na face daquele que somente lhe fizera o bem, o torpor da morte. Procurava não recordar o passado, mas, irresistente, sentia ser arrastado aos dias de sua feliz inocência em Salém. Revestido de ricas vestes estava sempre ao lado do príncipe que, com dedicação, ensinava-lhe a cada dia suas canções falando de paz.

Nas indesejadas lembranças pelas quais era arrastado, reviveu seus primeiros passos no caminho do orgulho e do egoísmo. Lembrou-se dos incessantes conselhos e rogos daquele que fora seu melhor amigo, para que desistisse daquele caminho que poderia conduzi-lo à infelicidade.

Depois de ser arrastado em lembranças por todo aquele passado de felicidade destruída por sua culpa, Samael teve consciência de sua ingratidão. Horrorizado pelo que fizera, curvou-se sobre o corpo ensangüentado de Melquisedeque, e desesperou-se ao vê-lo sem vida. Não suportando o peso da grande culpa, deixou às pressas aquele lugar, desejando ocultar-se distante, sob as trevas da fria noite.

-----\*\*\*\*\*-----

Depois de um profundo desmaio, o príncipe começou a voltar à consciência. Em delírios que o transportavam ao seio de sua amada Salém, ele revivia momentos vividos e sonhados. Com alegria contemplava a face de seu maior amigo, para quem estendeu a mão com um sorriso. Mas seu gesto foi frustrado por uma profunda dor. Em meio aos aplausos dos súditos vitoriosos, recebe de seu pai o cetro, mas, ao tocá-lo, sente uma irresistível dor em suas mãos.

Com esses sonhos frustrados pela dor, Melquisedeque despertou para a realidade. Estava nu, ferido e solitário, em um lugar perigoso, longe do abrigo e carinho de Salém. Mais doloroso era pensar que tudo aquilo era a retribuição de alguém que fora o alvo principal de todas as dádivas de seu amor.

O príncipe, sem poder mover-se, considerando a grande traição, passou a chorar sem consolo. Lamentava não por sua dor, mas pela perda daqueles que haviam trocado o carinho e a justiça de Salém pelo desprezo e ódio que os reduziriam finalmente a cinzas sobre aquele vale condenado.

Através das lágrimas, o príncipe contemplava o céu que, semelhante a um manto tinto de sangue, estendia-se banhado na luz do sol poente. Lembrou-se então do alaúde pelo qual pagara tão alto preço. Onde estaria ele?

Em sua desesperada fuga, Samael deixara o cetro abandonado junto ao corpo ferido de Melquisedeque. Quando ele o viu, esqueceu-se de toda a dor, e alcançou-o com suas mãos feridas. Acariciando-lhe o bojo arruinado, disse-lhe com um sorriso:

- *Você é meu novamente. Eu o comprei com o meu sangue.*

-----\*\*\*\*\*-----

Samael que, dominado pelo estranho horror, fugira após cometer o horrível crime, deteve-se a um passo do portão de Sodoma. Ali impulsionado pelo orgulho, arrependeu-se com indignação de sua fraqueza. Por que fugira depois de conquistar tão grande vitória? Não era seu plano destruir o reino de Salém, para estabelecer seu próprio reino? Lembrando-se do cetro, decidiu retornar para tomá-lo. Por que o deixara abandonado junto ao cadáver daquele odiado príncipe?

Reunindo suas poucas forças, Melquisedeque dirigiu-se tropeçadamente ao lugar em que deixara suas vestes.

Depois de vestir-se, tendo junto ao peito o cetro amado, o filho de Adonias, com profunda emoção, fez um juramento antes de deixar aquele lugar de seu sofrimento. Acariciando o cetro, disse-lhe:

*- Meu querido cetro, você foi criado como um emblema da harmonia que procede da justiça e do amor. Toda a glória de Salém repousava sobre você quando a rebeldia em sua ingratidão escravizou-o, arrastando-o para este vale hostil. Aqui você foi ferido e humilhado, vindo a tornar-se um instrumento de impiedade nas mãos do tirano. Eu, porém, o redimi com o meu sangue. Agora nossas feridas serão restauradas, e em breve seremos entronizados em meio aos louvores de uma Salém vitoriosa. Quando esse sonho se concretizar, testemunharemos juntos o fim daqueles que se levantaram contra nós para nos ferir. Samael e seus seguidores serão devorados pelo fogo que reduzirá a cinzas Sodoma e Gomorra.*

Concluindo seu solene juramento, o jovem príncipe, já oculto pelas trevas da noite, deixou aquela colina, e sobre ela as marcas de seu sofrimento.

-----\*\*\*\*\*-----

Desde que o filho do rei partira, prometendo retornar com o cetro, Salém vivia momentos de indizível anseio. Em pranto, o rei e os súditos remanescentes lembravam-se de todo aquele feliz passado desfeito pela ingratidão dos rebeldes. O que mais lhes torturava era a ausência do príncipe e do cetro, sem os quais todo o brilho daquele reino de paz se ofuscaria.

Desejando consolar o coração de seus súditos, Melquisedeque avançava em meio à noite rumo aos montes que cercavam Salém. Ainda que enfraquecido e ferido, prosseguia em sua marcha ascendente, esperando alcançar sua pátria pela manhã.

Aquela longa e escura noite foi finalmente vencida pelos raios do alvorecer. Em Salém a esperança em rever Melquisedeque com o seu cetro estava quase banida quando, ao olharem para o Monte das Oliveiras, viram-no descendo pelo caminho do Getsêmani. Quando o encontraram no profundo vale de Cedrom, ficaram assustados com sua aparência: sua face estava pálida e seu manto encharcado de sangue. Mesmo assim, ele sorria expressando grande alegria.

Ao perguntarem-no sobre o porquê daquelas marcas de sangue, Melquisedeque retirou de sob o manto suas mãos feridas, revelando-lhes entre elas o cetro redimido.

Depois de contar-lhes os passos que o levaram ao resgate do cetro, os súditos, emudecidos, prostraram-se reverentes aos seus pés, aclamando-o como seu redentor e rei.

Em meio aos louvores das hostes redimidas, o príncipe foi introduzido no palácio real, onde, sob os cuidados de seu amoroso pai, deveria restabelecer-se de seu sofrimento. O cetro desfigurado, agora mais precioso, seria também restaurado, devendo tornar-se mais belo que antes.

O dia da coroação foi fixado para o próximo Yom Kipur. Naquele dia, Melquisedeque selaria com o cetro restaurado o triunfo de todos os fiéis, bem como a condenação dos rebeldes.

-----\*\*\*\*\*-----

Poucos instantes após a saída de Melquisedeque, Samael chegara ao local onde o deixara aparentemente sem vida, ao lado do alaúde. Sem entender aquele misterioso desaparecimento, ele prosseguiu para Gomorra, onde seus seguidores o esperavam. Ao vê-los, proclamou sua “vitória” sobre o odiado príncipe e sobre o cetro, os quais massacrara em Sodoma, não restando aos seguidores do pergaminho nenhuma esperança.

Suas palavras agradaram a turba rebelde, que passou a comemorar a “conquista”, entregando-se à orgia. Zombavam agora da justiça e do amor, exaltando a Samael como rei vitorioso.

Obteriam agora armas, com o propósito de avançarem sobre Salém, desferindo-lhe o último golpe. Juntaram-se a eles, em seu maléfico propósito, muitos criminosos que foram recebidos como mestres no manejo de arcos e flechas.

Em sua loucura, Samael ordenou o banimento de todo calendário, pois em seu reino de “liberdade” não estariam sujeitos a nenhum cômputo de tempo. As leis da moralidade foram também banidas, surgindo com isso um completo caos. Essa desordem revelou-se de maneira mais patente no barulho estridente e cacofônico, ao qual proclamaram como a nova música.

Dominados pelo egoísmo, Samael e seus seguidores alimentavam-se de ilusões, inconscientes de que seus dias estavam contados. Os frutos da rebelião não tardariam a atrair sobre eles o fogo da destruição.

Dividindo seus seguidores em pequenos grupos, Samael passou a comandá-los em atos violentos que aterrorizavam os moradores das planícies. Por esse tempo, eles escondiam-se nas cavernas situadas próximas ao mar salgado.

O respeito e o medo dos guerrilheiros de Samael levaram finalmente os reis de quatro cidades a procurarem-no, propondo alianças de paz. Eram eles: Bara, rei de Sodoma; Bersa, rei de Gomorra; Senaab, rei de Adama; Semeber, rei de Seboim, e Segor, o rei de Bela. Por essa época, esses reis pagavam tributos a Cordolaomor, rei de Elam, que, acompanhado pelos exércitos de quatro outras cidades, os haviam subjogado no vale de Sidim junto ao mar salgado.

Fortalecido pelas alianças, Samael tornou-se mais ousado em suas investidas, levando o terror e a destruição aos territórios de cidades distantes. Os exércitos de Cordolaomor e seus aliados que retornavam nesses dias de outras conquistas, enfurecidos pelas provocações de Samael, marcharam contra os quatro reis, vencendo-os novamente no vale de Sidim. Foi nessa ocasião que levaram cativos os habitantes de Sodoma, entre os quais encontrava-se o meu sobrinho Ló.

Acovardados diante do furor dos cinco reis, Samael e seus seguidores esconderam-se em suas cavernas, ao norte do mar salgado.

-----\*\*\*\*\*-----

Os doze meses contados a partir do grande sacrifício estavam prestes a terminar. O cetro, totalmente restaurado, resplandecia em seu estojo, enquanto o príncipe, igualmente restabelecido das feridas causadas pela rebeldia, alegrava-se ao ver chegar o Yom Kipur de sua coroação. Enquanto isso, ele compunha lindas canções que expressavam o seu amor por Salém.

Naqueles doze meses, a cidade da paz tornara-se mais bela, sendo adornada qual noiva para o grandioso dia da coroação.

A uma semana para o Yom Kipur, Samael, totalmente inconsciente de que o dia de seu julgamento se aproximava, reuniu os seus seguidores, anunciando-lhes que a próxima missão seria a conquista de Salém. Antes de avançarem, contudo, ele subiria sozinho para verificar os pontos vulneráveis da cidade.

Depois de ser aplaudido pela turba, Samael partiu em sua missão de reconhecimento. Enquanto avançava sozinho, procurava não se lembrar daqueles momentos que lhe trouxeram terror pela culpa, mas, dominado por uma força superior, foi arrastado em suas lembranças para aquele monte da cruel tortura.

Todo o seu passado começou a vir-lhe à lembrança, como um peso esmagador.

Quando despertou de suas lembranças, das quais não conseguiu fugir, já era noite. A escuridão que o envolvia pareceu-lhe o prenúncio de um triste fim. Esse desânimo, contudo, procurou bani-lo com a lembrança do exército que o esperava, pronto para cumprir suas ordens, na conquista de Salém, onde não haveria lembranças daquele pergaminho.

O alvorecer o alcançou próximo de Salém. Ao avistar o monte das Oliveiras, veio-lhe à lembrança a última vez que o transpôs, deixando para trás a cidade vencida. Quantas noites haviam passado desde então? Ele perdera a noção de tempo, não sabendo que justamente doze meses haviam se passado. Não podia imaginar que raiava naquela manhã o Yom Kipur, o dia de seu julgamento.

Ao chegar ao topo do monte das Oliveiras naquela manhã, Samael surpreendeu-se ao ver que a cidade tornara-se mais bonita que outrora. Toda ela estava adornada de ramos e flores, como uma donzela à espera de seu noivo. Contudo, Salém estava abandonada, não havendo nenhum sinal de vida em todas as suas mansões. Isto o fez concluir que os golpes, que haviam aniquilado o príncipe e o cetro, trouxeram como consequência todo aquele abandono. Ele não sabia, contudo, que naquele momento todos os remanescentes daquele reino, encontravam-se ocultos no grande salão do palácio, aguardando pelo momento mais glorioso da coroação de Melquisedeque.

Imaginando-se exaltado sobre o trono abandonado, tendo a seus pés os exércitos vitoriosos, o rebelde penetrou na cidade, dirigindo-se apressadamente ao palácio. Ao transpor o portal principal que dava entrada ao salão principal, ficou surpreso ao ver ali reunida uma multidão de fiéis. Sobre um áureo tablado, enfeitado de flores talhadas em pedras preciosas, encontra-se o trono vazio. Na base do trono estava o pergaminho das leis, uma coroa de ouro cheia de pedras preciosas e o estojo que deixara vazio naquela noite de traição. Sem entender o enigma, Samael escondeu-se por trás de uma coluna, temendo ser reconhecido, e ficou observando.

Os súditos, com expressão de feliz expectativa, olhavam para o trono vazio. Onde encontravam eles motivos para toda essa alegria, se haviam perdido o seu rei juntamente com o cetro? Samael questionava sobre esse mistério, quando Adonias, aplaudido pelos súditos, encaminhou-se para junto do trono. Com voz cheia de emoção pela vitória, o fundador de Salém anunciou que havia chegado o momento tão sonhado da coroação. Um brado de triunfo ecoou pelos ares quando, anunciado pelo seu pai, entrou o amado príncipe encaminhando-se em direção ao trono. Ao vê-lo coberto por um manto de glória, Samael ficou possuído por um terrível pavor, e procurou fugir. Descobriu, contudo, que todos os portais do grande salão estavam fechados por fora.

Teve início a cerimônia da coroação. Era um momento deveras solene. Adonias, num gesto reverente, tomou a rica coroa, colocando-a na frente de seu filho. Prostrando-se depois sobre o estojo, abriu-o cuidadosamente, tirando dele o alaúde restaurado, cuja beleza e brilho eram muito superiores à sua primeira condição, ao sair das mãos de Adonias o seu luthier. Assentando-se no trono em meio às aclamações dos súditos, Melquisedeque passou a dedilhar o cetro, tirando dele acordes de muita



harmonia e paz. Todos se aquietaram para ouvirem suas novas composições que expressavam o seu profundo amor pelo cetro e por todo aquele reino de paz.

Grande emoção invadia o coração de todos naquele momento, levando-os às lágrimas. Samael, sem forças para reagir, sentia-se torturado por aqueles acordes que faziam reviver em sua mente suas oportunidades perdidas, numa terrível dor para sua consciência.

Melquisedeque compusera para aquele momento especial, canções que retratavam os momentos marcantes da história de Salém; Quando passou a cantar sobre a amizade que tinha por Samael, sua voz embargou-se pelas lágrimas que não conseguia conter. Triste para ele era cantar sobre a queda daquele que foi-lhe o maior amigo! Cantou então sobre o alto preço que teve de pagar pela reconquista do cetro, que representa a honra de Salém.

Ao contemplarem aquelas mãos marcadas pelas cicatrizes, tocando com tanta maestria e carinho o cetro restaurado, os súditos tomados por forte emoção, prostraram-se em pranto.

Ao ver nas mãos de Melquisedeque aquele alaúde que, em suas mãos fora instrumento de tortura, Samael compreendeu, tarde demais o quanto errara, desviando-se dos conselhos do príncipe; Quantas vezes aquelas mãos sobre as quais descarregara toda aquela violência haviam sido estendidas num esforço de salvá-lo, e ele as havia negligenciado. Agora, era tarde demais! Tarde demais!!!

-----\*\*\*\*\*-----

Os súditos triunfantes que, reverentes, haviam sido conduzidos a todo aquele passado de felicidade, traição, dor e triunfo, uniram finalmente as vozes numa jubilosa proclamação:

*Verdadeiros e justos são os teus princípios, ó rei de Salém. Digno és de reinar em glória e majestade entre os louvores de teus fiéis, porque em teu sacrifício nos livraste das ameaças das trevas, fazendo renascer em nosso coração a alegria do alvorecer.*

Esse cântico de exaltação foi seguido pela cerimônia de confirmação de todos os fiéis em sua vitória. O filho de Adonias, com o seu cetro redimido, passou a selar com um toque especial do cetro, a vitória de cada um. Formou-se para tanto uma longa fila de fiéis exultantes

Os súditos confirmados, à medida em que iam recebendo o toque de aprovação do rei, posicionavam-se ao lado direito do trono, onde permaneciam aguardando pela confirmação dos outros.

Os olhares que, iluminados de alegria, haviam acompanhado o selamento dos últimos justos, pousaram sobre a figura estranha de Samael que, dominado por uma força irresistível, encaminhava-se cabisbaixo em direção do trono. Seu aspecto era horrível: seu semblante havia sido deformado pelo mal; suas vestes estavam sujas e mal cheirosas; tudo nele repugnava, ao ponto de ninguém reconhecê-lo.

Em meio ao espanto dos súditos, Melquisedeque ergueu-se de seu trono como que ferido por uma grande dor; De seus lábios os súditos ouviram uma dolorosa exclamação:

- *Samael, Samael!!!*

A figura deplorável daquele que fora tão belo, encheu a todos de tristeza, e começaram a prantear. Eles lamentavam por saber que o destino de Samael e de todos aqueles que o seguiram, poderia ter sido muito diferente, se eles houvessem atendido aos rogos de amor de Adonias e de seu

filho. Não era o plano do rei e o sonho de Melquisedeque tê-lo como o guardião do pergaminho, sendo o segundo em honra naquele reino?

-----\*\*\*\*\*-----

Samael que, reconhecendo sua desventura, aproximara-se cabisbaixo do trono, ao presenciar toda aquela lamentação, foi novamente iludido pelo orgulho, julgando tratar-se de uma demonstração de fraqueza de seus inimigos. A lembrança de seu exército que fortalecido o aguardava na planície, iludiu-o com a certeza de que seria vitorioso sobre Salém. Com esse pensamento, ergueu a fronte marcada pelo ódio e, fitando o rei, levantou o punho cerrado e o desafiou, desdenhando de sua autoridade, com a ameaça de tomar-lhe o trono.

Ainda que condoídos por sua perdição, os súditos de Salém não suportaram a ousada afronta daquele enlouquecido jovem que, depois de causar tanto sofrimento, ainda era capaz de erguer-se com tamanho desafio.

O vitorioso rei que com tanto prazer selara com o seu cetro a conquista dos fiéis, ergueu-o dolorosamente para o selamento da triste sorte dos rebeldes. Imobilizado por uma força estranha, Samael, sem desviar os olhos do cetro, ouviu dos lábios do rei a proclamação de seu julgamento e de todos os seguidores: Prisioneiros de uma força invisível, ficariam retidos em suas cavernas por seis anos, sendo depois visitados pelo fogo do juízo que os destruiria juntamente com as cidades que a eles se aliaram.

-----\*\*\*\*\*-----

Ao ir para a cama depois daquele dia de tantas emoções, o jovem rei, imerso nas lembranças daquele passado de felicidade e dor, rolava em sua cama insone. Quando finalmente adormeceu, teve um sonho muito significativo.

No sonho, apareceu-lhe um anjo luminoso, que saudou-o com um sorriso, dizendo-lhe que todo o Universo acompanhava com atenção todo aquele drama que estavam vivendo, e que o mesmo tinha um sentido prefigurativo, retratando acontecimentos passados e futuros, que envolvia todo o vasto universo.

As palavras do anjo despertaram em Melquisedeque um grande desejo de conhecer a história desse drama cósmico.

Conhecendo o seu anseio, o anjo arrebatou-o no sonho revelando-lhe um distante futuro. Diante de seus olhos manifestaram-se as glórias de uma nova e esplêndida Salém, cujas muralhas e mansões eram de pedras preciosas; Os portais da cidade eram de pérolas. Suas amplas avenidas eram de ouro puro. A cidade era quadrangular e se estendia por centenas de quilômetros. Estava dividida em dois setores distintos: Norte e Sul. Ao Sul elevavam-se incontáveis mansões, habitações eternas de anjos e de seres humanos redimidos; Ao Norte havia um lindo paraíso ao qual o anjo revelou ser o jardim do Éden. Ali, em ambas as margens do rio da vida, havia campos repletos de todo tipo de vegetação, com flores e frutos em abundância. Viviam ali em perfeita harmonia, todas as espécies de aves e animais.

No meio do paraíso podia-se ver uma montanha fulgurante, a qual o anjo afirmou ser o monte Sião, o lugar do trono de Deus. Era daquele monte que emanava o rio da vida, fluindo por toda a cidade.

Quando alcançaram o topo da montanha sagrada, o rei de Salém ficou deslumbrado com o cenário visto ao seu redor. Encontrava-se na parte mais elevada de Sião a mais linda de todas as edificações revelado pelo anjo como o palácio de Deus. Aquela magnífica construção era sustentada

por sete colunas, todas de ouro transparente, engastadas de lindas pérolas. Ao redor do palácio, floresciam a mais exuberante vegetação: havia ali o pinheiro, o cipreste, a oliveira, a murta, a romãzeira e a figueira, curvada ao peso de seus figos maduros.

Enquanto admirava-se ante a beleza daquele lugar, o anjo disse-lhe que a nenhum ser humano fora dado o privilégio de ver o interior daquele palácio de Deus. A ele seria dada esta honra, pois fora escolhido para ser o portador das mais amplas revelações sobre o reino da luz.

Ao transporem com reverência um dos portais de pérolas, prostraram-se em adoração, enquanto ouviam o cântico de uma multidão de serafins, que circundavam o trono, em constante louvor Àquele que Era, que É e que Sempre Será.

Ao olhar para Aquele que estava assentado sobre o trono, Melquisedeque ficou surpreso ao descobrir a figura de um homem. Ele estava coberto por um manto de linho fino, de uma alvura sem igual, e tinha sobre a cabeça uma coroa formada por sete coroas sobrepostas, repletas de pedras preciosas.

Ao olhar para as mãos que sustentavam o cetro, o filho de Adonias ficou surpreso ao descobrir nelas cicatrizes de ferimentos, semelhantes àquelas em suas mãos. O anjo afirmou-lhe ser o Messias, o Grande Melquisedeque, a manifestação visível de Yahweh, o Deus Invisível.

Atraído para o cetro resplandecente, com o qual o Messias governava sobre todo o Universo, o rei de Salém viu nele o selo do domínio, e nele escrito o nome: Israel.

Tomado por profunda emoção, Melquisedeque prostrou-se ante o Rei daquela eterna Salém, e, revivendo ali a história de sua pequena cidade, teve desejo de conhecer o grande drama da história universal. Conhecendo o desejo de seu coração, o anjo disse-lhe:

*- Agora lhe farei conhecer a história desta gloriosa Salém. Tudo o que lhe for mostrado na visão, você deverá registrar fielmente em um rolo. Você terá seis anos para escrevê-los. Ao fim dos sete anos, você receberá das mãos de um ancião um vaso contendo um rolo especial, com muitas revelações importantes, entre as quais estará a história de Salém. Você tomará esse rolo, e o costurará ao seu, formando um único rolo. Você o devolverá juntamente com o vaso ao patriarca para que ele o leve ao lugar que lhe mostrarei, onde ficará oculto até o fim dos dias. As revelações desse grande rolo, consistirão na luz e no consolo que enviarei aos escolhidos por ocasião da última semana de anos da história.*

Depois de falar ao rei de Salém estas palavras, o anjo conduziu-o em visão a um infinito passado, quando o Universo ainda não existia.

Uma história muito parecida com a de Salém passou a desdobrar-se diante de seus olhos; porém, numa dimensão infinitamente maior, começando pela criação do reino da luz. Com admiração contemplou a formação de bilhões de mundos e estrelas, repletos de vida e felicidade que passaram a girar em torno da Salém Celeste, o paraíso de Deus.

Sua atenção voltou-se depois para o mais belo de todos os querubins que, honrado pelo Criador, passou a residir com Ele em Seu palácio. Uma eternidade de felicidade e paz parecia embalar aquele reino, quando a mesma experiência de egoísmo e rebeldia vivida por Samael, começou a repetir-se na vida daquele anjo amado.

Cenas de uma grande rebelião começaram a ser mostradas a Melquisedeque, envolvendo todos os habitantes do Universo. O querubim honrado, semelhante a Samael, seduzira um terço das hostes que, passaram a reverenciá-lo como rei.

Em meio às cenas daquele grande conflito, o rei de Salém testemunhou a criação do planeta Terra, sobre a qual surgiu o homem como cetro racional daquele reino disputado.

Com agonia viu o momento em que o chefe da rebelião aproximou-se subtilmente do paraíso, apossando-se do ser humano, depois de seduzi-lo com tentações. Ouviu então o seu brado, numa proclamação de vitória. A partir daquele momento, o inimigo de Deus passou a arruinar o ser humano, apagando nele todos os traços da glória divina, como Samael fizera com o cetro.

A sua própria experiência, ao declarar naquela manhã aos súditos de Salém sua decisão de ir em busca do cetro perdido, começou a repetir-se diante de Seus olhos.

Reunindo as hostes que haviam permanecido fiéis ao Seu governo, o Criador passou a revelar um plano de resgate: Ele haveria de ir em busca do homem, e o remiria, ainda que isto lhe custasse infinito sacrifício. Diante desta revelação, o filho de Adonias prostrou-se comovido, ao descobrir que em sua vida tivera a honra de retratar o próprio Messias.

Todo o drama vivido pelo filho de Adonias em sua angustiante busca, até o momento de seu suplício pela redenção do cetro, foi ganhando amplitude naquela visão que abarcava toda uma eternidade. Diante de seus olhos desfilavam cenas de uma grande batalha que, sem trégua se estenderia até o dia do juízo final, quando o Messias, o Grande Melquisedeque, vitorioso, empunharia o cetro redimido, selando com ele a condenação de todos os filhos de Belial..

-----\*\*\*\*\*-----

Através das revelações recebidas do anjo, Melquisedeque tomou conhecimento do livramento alcançado por ocasião de sua coroação, quando diante de trezentos pastores com seus vasos incendiados, exércitos de cinco reis tombaram, saindo livres os cativos.

Conhecendo nossa intenção de subir à Salém por ocasião de Sukot, o rei fez preparativos para uma grande festa, na qual comemoraríamos juntos a vitória sobre toda a desarmonia gerada pelo orgulho e pelo egoísmo.

Foi por isso que ao chegarmos a Salém, ficamos surpresos com toda aquela honrada recepção.

-----\*\*\*\*\*-----

Ocupar-me com o relato de todos esses acontecimentos, fez-me passar por todo este sétimo ano, quase sem notar os seus dias, que passaram velozes. Estamos hoje às portas de um novo Rosh Hashanah, quando os 300 pastores tocarão os chifres, convocando todos aqueles que possuem as pérolas, para a reunião solene de Yom Kipur. Cinco dias depois seremos recebidos em Salém para a festa de Sukot.

A certeza de que acontecimentos importantes ainda deverão ser relatados neste rolo, fez-me reservar um espaço, no qual registrarei, dia após dia, os fatos, até a consumação desta história que estamos vivendo.

-----\*\*\*\*\*-----

Rosh Hashaná! Esse foi o dia mais feliz de minha vida, pois meus braços puderam receber o filho da promessa. A primeira coisa que fiz, foi colocar-lhe em sua mãozinha direita a segunda pérola que o Messias deu a Sara no dia de sua conversão; Ele a segurou com firmeza, alegrando-nos com a certeza de que viverá para sempre ao nosso lado.

Dois dias antes do Yom Kipur, Isaque foi circuncidado, conforme a ordem do Eterno.

Desde que os pastores começaram a tocar seus chifres em Rosh Hashanah, todos aqueles que possuem pérolas do vaso, deixaram suas tendas, dirigindo-se em pequenos grupos, para junto do Carvalho de Mambré.

Ao chegar o Yom Kipur, o dia da reunião solene, meus pastores informaram-me que todos aqueles que haviam recebido as pérolas, haviam comparecido ao encontro, não faltando nenhuma pessoa. É maravilhoso ver a alegria estampada no semblante de toda essa multidão que anseia pela subida à Salém. Todos trazem uma história para contar, de como foram vitoriosos sobre tantos desafios e provações. Todos estão felizes com a expectativa da subida à Salém para a festa de Sukot.

No primeiro dia da festa de Sukot, a multidão foi subdividida em pequenos grupos de doze pessoas, para subirmos em ordem à Salém.

Tendo sobre os ombros o vaso com o rolo, posicionei-me à frente da multidão, sendo seguido por Sara e Isaque que vinham montados num camelo; Logo atrás vinha Ló e suas filhas; um pouco atrás, os trezentos pastores seguidos por todos os fiéis.

Iniciávamos nossa escalada quando, acompanhado por todos os seus súditos, surgiu Melquisedeque vindo ao nosso encontro, fazendo vibrar pelos ares o som festivo de muitos instrumentos musicais, comemorando a grande vitória.

Depois de saudar-nos, o filho de Adonias conduziu-nos numa marcha festiva até adentrarmos os portais de Salém, que encontra-se agora mais bonita que outrora.

Antes de iniciar o banquete, Melquisedeque coroou todos os vencedores, enquanto as hostes de Salém faziam soar seus instrumentos, comemorando a feliz vitória..

-----\*\*\*\*\*-----

Grande foi a alegria do rei de Salém quando entreguei-lhe o jarro com o manuscrito. Ao desenrolá-lo, fiquei surpreso ao ver sua atenção voltar-se para a última parte do rolo que ainda estava vazia. Como se estivesse lendo algo ali, ele me disse:

*-Abraão, de tudo o que você escreveu, nada me comove mais do que o relato que você registrará na última parte de seu manuscrito.*

Melquisedeque mostrou-me em seguida um rolo escrito por dentro e por fora, no qual escrevera naqueles seis anos a história do Universo, conforme revelações feitas a ele por um anjo. Tomando o meu manuscrito, ele o costurou ao seu formando um grande rolo. Tendo feito isto, enrolou-o cuidadosamente, colocando-o dentro do jarro.

Ao chegar o oitavo dia da festa, num ato que surpreendeu a todos, o rei enalteceu o jarro, colocando-o sobre o seu trono. Ao ver o vaso que fora tão humilhado e rejeitado, agora glorificado em meio aos louvores de Salém, senti uma forte emoção e chorei; Era impossível olhar para ele, sem pensar no seu significado: era um perfeito símbolo do Messias prometido. Por intermédio dele, muitas vidas haviam sido libertas e transformadas, começando pela minha. Sem o dom daquele vaso, eu não teria hoje em meus braços meu querido Isaque pelo qual Sara e eu esperamos por tanto tempo.

Depois de entronizar o jarro, o filho de Adonias, chamando-me para junto do trono, passou a honrar-me perante todos os fiéis; Tomando a caixinha de ouro na qual colocara as 144 pérolas do dízimo, ele colocou-a em minhas mãos, afirmando ser um presente seu para Isaque. Como se não bastasse, ele tomou o vaso que continha o valioso rolo e, colocando-o aos meus pés, disse que ele pertencia a mim e aos meus descendentes para sempre.

Com o coração repleto de alegria, prostrei-me diante do rei que me oferecia tão precioso dom, estendendo-lhe as mãos com a caixinha das pérolas. Tomando-a de minhas mãos, ele a colocou dentro do jarro sob o rolo, reafirmando sua doação.

Ao dirigir-me ao aposento naquela noite, tendo ao meu lado Sara, Isaque e o jarro com o seu tesouro, experimentava uma felicidade jamais sentida em toda a minha vida. Como me era difícil pegar-me ao sono, fiquei acordado por longo tempo, imaginando o futuro de glória de Isaque e do jarro, cuja mensagem de amor, justiça e paz, levaria esperança aos meus descendentes por todas as gerações, até a vinda do Messias. Imaginando esse futuro feliz adormeci e tive um sonho no qual muito sofri. No sonho, o Eterno apareceu-me e disse:

*-Abraão, toma agora o jarro o qual tanto amas, e leva-o ao Mar Salgado, onde lhe mostrarei uma caverna na qual você o ocultará.*

Depois de dar-me esta ordem, o Eterno entregou-me uma machadinha e um manto de linho, com o qual envolvi o vaso. Comecei então uma dolorosa jornada, levando sobre os ombros aquele que simbolizava a concretização de todas as minhas esperanças. Quando cheguei à região norte do mar, fui conduzido para junto da caverna que deveria ocultar o jarro. Colocando-o sobre uma pedra, num gesto de despedida, passei a acariciá-lo, enquanto contemplava os adornos e inscrições que o embelezavam; O pensamento de que não mais o teria comigo, enchia-me de profunda tristeza. Meus olhos voltaram-se para a figura de Melquisedeque que inclinava-se para receber recebê-lo repleto de jóias. Derrepente a figura do rei começou a ganhar vida e movimento, e foi crescendo até que todo o jarro transformou-se num belo jovem que me olhava com amor. Pensei a princípio que fosse o rei de Salém, mas olhando para suas mãos, não encontrei as cicatrizes. Ao ver que seus olhos eram tão parecidos com os de Sara, perguntei-lhe o nome. Ele respondeu-me com um sorriso que era Isaque, o meu filho.

Alegrava-me na presença de Isaque, quando a voz divina novamente soou-me aos ouvidos dizendo:

*- Abraão, toma agora o teu filho a quem amas, e sacrifica-o com a machadinha que eu te dei(1)*

Aterrorizado ante a ordem divina, caí aos pés de Isaque, não encontrando forças nem coragem para realizar o terrível ato. Contudo, ele consolou-me, afirmando estar disposto a cumprir a vontade divina. Depois de terrível luta íntima, tomei a decisão de sacrificar meu filho.

Ao erguer-me, vi que Isaque contorcia-se em grande agonia, enquanto o seu corpo tornava-se coberto de chagas que cheiravam mal. Sentia desejo de socorrê-lo, curando-lhe as chagas, mas a voz insistia em sua ordem, para que eu o sacrificasse. Tomei então a machadinha e a ergui sobre o seu pescoço. Quando meus braços moviam-se para o golpe, um forte clarão nos iluminou, e senti que a machadinha não mais estava em minhas mãos.

Ao erguer a fronte, me deparei com o peregrino que anunciara o nascimento de Isaque. Ele estava vestido com vestes brilhantes, de linho fino, branco e puro; Seu rosto brilhava como o sol, enquanto olhava-me com infinito amor. Abraçando-me, ele enxugou minhas lágrimas e disse:

*- Abraão, agora sei que você verdadeiramente me ama, porque não me negou nem o jarro nem o seu filho a quem você ama. Por causa desse amor, eu transformarei você no pai da fé, e muitos povos e nações se alegrarão na luz do rolo que lhe foi dado.*

Tendo dito estas palavras, o Peregrino encaminhando-se para Isaque que contorcia-se em dor, colocando as mãos sobre sua cabeça. Esse contato fez com que todas as impurezas que manifestavam-se em chagas purulentas no corpo de meu filho, se transferissem para o Seu corpo,

enquanto a Sua glória era transferida para Isaque. Fiquei possuído por um misto de alívio e pesar - alívio por ver Isaque restaurado, mas aflito por contemplar o Messias oprimido por tantas culpas. Por entre gemidos de dor ele afirmou:

*- Eu morrerei, para que Isaque e sua descendência possa ser justificada, redimida e glorificada perante Yahweh.*

Ao voltar-me para o meu filho que fora liberto, vi que seu lugar fora ocupado por doze jovens que se chamavam: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulon, José, Benjamim, Dã, Naftalí, Gad, Aser. Quando lhes apresentei o Peregrino sofrido, eles o menosprezaram por não verem nele nenhuma beleza que os atraíssem. Finalmente eles o conduziram como um cordeiro e o sacrificaram, lançando o seu corpo dentro daquela caverna.(2)

Sobrevieram logo depois as trevas de uma longa noite, na qual fomos atacados por um grande exército que, depois de ferir-nos, arrancou-nos de nossa terra, espalhando-nos por entre as nações. Ali, todos os que nos encontravam nos humilhavam e perseguiram, acusando-nos da morte do Peregrino, e assim sofremos por toda a noite. Quando o dia estava quase raiando, sobreveio-nos o maior sofrimento, pois nossos inimigos, depois de uma pequena trégua, investiram sobre nós com a intenção de nos destruir completamente. O Eterno, contudo, bendito seja o Seu nome, teve compaixão de nós e nos libertou, reconduzindo-nos para a Terra Prometida. Mas mesmo ali não encontramos descanso, pois tínhamos de estar sempre atentos, defendendo-nos de muitos inimigos que procuravam nos destruir.

Cansados desses conflitos, nos aproximamos de nossos inimigos propondo uma aliança de paz; Quando o acordo estava prestes a se concretizar, um desentendimento envolveu-nos num conflito ainda maior. Enquanto ouvíamos gritos de todos os lados clamando contra nós, vimos baixar as trevas de mais uma escura noite.

Angustiado, passamos a clamar ao Eterno, dizendo: *- Até quando Senhor buscaremos a paz e não a acharemos?! Ansiamos pelo descanso que nos prometestes, mas somente encontramos o furor de nossos inimigos! Auxilia-nos Senhor! Até quando teremos de esperar?!*

Enquanto clamava em minha angústia, o Senhor veio ao meu encontro e disse-me:

*- Abraão, olha para o céu e conta o número das estrelas.*

Ao olhar para o céu, vi que as estrelas moviam-se formando pequenos grupos de doze. Esses grupos por sua vez, juntavam-se de doze em doze, em formações perfeitas de 144 estrelas. Finalmente todo o céu cobriu-se por esses agrupamentos estelares: eram ao todo 40 grupos, somando um total de 5760 estrelas.

Enquanto imaginava o que poderia significar o número daquelas estrelas, vi surgir no meio delas outra especial que foi aumentando em brilho e grandeza. A sua luz crescente, deu-me a certeza de que aquela noite seria finalmente vencida, e alcançaríamos um alvorecer de paz.

A estrela de número 5761 continuou aumentando até que tornou-se do tamanho da Lua, e nela pude ler em letras muito brilhantes a palavra: *Sábado*, e abaixo, o nome de *Israel*.

Quando os raios que emanavam das letras sagradas começaram a penetrar as trevas da noite, atraindo a atenção de muitos sobre a Terra, ventos fortes vindos do Norte começaram a soprar, trazendo pesadas e negras nuvens em direção da estrela. Formou-se um cerco de trevas, enquanto camadas sobre camadas de nuvens foram comprimindo a estrela que, sem forças para resistir, foi-se apagando até que mergulhou em completa escuridão.

Com o coração aflito, continuei olhando na direção da estrela oculta, sem perder a esperança de que ela seria liberta das garras daquelas nuvens ameaçadoras.

Em diferentes partes do céu escurecido pelas nuvens, começaram a surgir pontinhos de luz que foram se agrupando de sete em sete, até alcançarem o total de 483 estrelas. Sem temerem as ameaças das nuvens escuras, elas

foram-se aproximando mais e mais até formarem um anel de luz em torno da estrela opressa. O brilho dessas pequenas estrelas fez renascer a esperança de um livramento, e a estrela cativa emitiu por entre as nuvens um tênue raio de confiança.

Ao estreitarem-se cada vez mais em torno da estrela escurecida, as 483 estrelas se fundiram finalmente a ela, comunicando-lhe sua luz. Nesse momento, um grande clarão tomou conta do céu, e todas as nuvens foram desfeitas, perdendo o seu domínio. A junção de todas essas estrelas, deu origem a uma estrela de incomensurável esplendor, semelhante ao Sol. Em forma de uma coroa que pairava sobre ela, podia-se ler: *Yom Kipur - É chegado o Último Jubileu.*

Assim que surgiu no céu a estrela do *Último Jubileu*, veio ao nosso encontro um pequeno beduíno, carregando sobre os ombros um pesado jarro. Sua face estava marcada por uma grande luta, mas refletia a luz da estrela que lhe dava consolo e indizível alegria. Em seu jarro estava escrito em grandes letras o seguinte: *“Caiu! Caiu a grande Babilônia! Sai dela povo meu! (3)*

Aproximando-se dos doze filhos de Israel, o pequeno beduíno saudou-os com um sorriso, e disse-lhes que viera de muito longe, trazendo-lhes uma mensagem e um presente da parte do Rei de Salém. Curiosos, mas ao mesmo tempo desconfiados, eles assentaram-se e ficaram esperando, enquanto o beduíno enfiava suas mãos no jarro. A primeira coisa que ele tirou dali foi um pequeno manuscrito com uma mensagem intitulada: *O Último Jubileu: Um Texto Sobre Melquisedeque.* Os doze olharam entre si surpresos, pois o título da carta estava relacionado com as palavras escritas na última estrela. Ansiosos por conhecerem o conteúdo do manuscrito, eles o tomaram e passaram a ler as seguintes palavras:

*“Falarei sobre o Ano Jubileu, que encontra-se em Levítico 25:13. Nós lemos: Neste ano jubileu, tornará cada um à sua possessão”. Esta é uma parte do mandamento que cumprir-se-á nos últimos dias, no Período da Remissão, quando aqueles que estão em cativeiro serão libertos, conforme as palavras de Isaías: “O Senhor enviou-me para proclamar libertação aos cativos.”(3)*

*O Libertador é o Messias, que foi prefigurado por Melquisedeque, rei de Salém. Ele era e sacerdote do Deus Altíssimo, e pronunciou uma bênção sobre o nosso pai Abraão.*

*Como Sumo Sacerdote, o Messias que é nosso eterno Melquisedeque, receberá por herança o domínio sobre todas as coisas, e Abraão tomará parte nesta herança. Não somente Abraão, como também sua descendência terá esse privilégio, quando ela se unir a Deus numa eterna aliança. Naquele tempo, o próprio Senhor será a herança e patrimônio de Seu povo.*

*No último jubileu, Deus restaurará o Seu povo, e eles retornarão, cada um, ao seu patrimônio. A libertação referida na Lei do Jubileu deve ser entendida com o sentido de remissão de suas culpas, e não haverá mais punição para aqueles que forem justificados. Isto ocorrerá na última semana de uma série de setenta semanas de anos, envolvendo nove precedentes jubileus.(5)*

*Ao chegar o Dia do Juízo do Último Jubileu, todos aqueles que se colocam do lado da justiça, terão suas culpas anuladas, ao passo que os injustos e maus colherão as conseqüências de tudo o que semearam, e encontrarão o seu fim. (6)*

*Começará então o Ano do Favorável, do qual fala o profeta Isaías (61:2), que será marcado pelo Favor de Deus, pois o Rei da Justiça, Aquele que foi prefigurado por Melquisedeque, receberá o Seu domínio. Ele assentar-se-á entre as hostes santas no Céu, e executará várias sentenças de julgamentos, como foi predito por Davi: “Deus assentou-se em concílio entre os seres celestes, para realizar julgamento”.(7) Por meio desse julgamento, Israel será absolvido de suas culpas, e retornará ao seu lugar de eminência em meio aos povos. Esse retorno ocorrerá em cumprimento da Lei do Jubileu.*



*Ao mesmo tempo em que a palavra “Favor” indica o triunfo dos filhos de Deus, ela aponta também para a destruição dos ímpios. Salmos 7: 9 e 10 faz referência a esse julgamento, dizendo: “Deus é o juiz dos povos. Põe fim à maldade dos ímpios e confirma o justo”. Serão desarraigados todos os filhos de Belial, aqueles que desafiam os estatutos de Deus, e pervertem a justiça. O futuro Rei da Justiça, que é Melquisedeque (o Messias) executará sobre eles a justiça de Deus, estabelecendo ao mesmo tempo os justos. Acompanhado pelos exércitos celestes, ele dará fim aos intentos dos ímpios, fazendo com que os filhos de Deus fiquem em eminência.*

*O julgamento em questão é o mesmo Dia da Retribuição do qual fala o profeta Isaías: “Como são belos sobre os montes os pés daquele que proclama a paz (Shalom), o mensageiro que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação; que diz a Sião: O teu Deus agora é aclamado Rei.”(8) A palavra paz (shalom) pode também ser lida como (shillum) que significa “retribuição”.*

*O mensageiro prometido se manifestará no Último Jubileu, e proclamará a sua mensagem de paz, dizendo: “ O Senhor enviou-me para confortar todos os que choram.” (9) O conforto que ele trará, consistirá numa revelação das sucessivas eras da história do universo, desde o princípio da criação até o fim. Naquele tempo, os filhos de Belial se aliarão com o propósito de perverter toda a justiça, mas serão confundidos pelos julgamentos de Deus.*

*O reino de Deus em Sião, será estabelecido mediante a aliança que Melquisedeque ( o Rei da Justiça) fará com todos os justos , destruindo ao mesmo tempo os filhos de Belial.*

*O mandamento do jubileu fala também de um forte som de trombeta que repercutirá por toda a terra, no dia dez do sétimo mês.(10) Aplicando-se aos últimos dias, isto se refere à uma poderosa manifestação divina que sacudirá o mundo, preparando-o para a Era Messiânica” (\* )*

***(\* ) O texto em destaque é uma tradução livre do manuscrito original encontrado na Gruta 11 de Qunram, em janeiro de 1956, por beduínos da tribo de Taamireh.***

Depois de lerem com atenção as promessas contidas no pergaminho, os doze voltaram-se para o beduíno que, curvando-se sobre o jarro, tomou um grande rolo de pele de cordeiro, escrito por dentro e por fora. Antes de entregá-lhes, afirmou que a mensagem de consolo prometida no manuscrito que acabavam de ler, estava contida naquele rolo especial. Ao abrirem-no, vi que era o Livro de Melquisedeque, composto pelo manuscrito do rei de Salém e pelo meu. A leitura dos relatos ali contidos comoveu-os profundamente, levando-os a compreenderem que aquele a quem menosprezaram e entregaram para a morte, era o Messias prometido, o grande Melquisedeque que, em virtude de seu sacrifício, os libertara naquele Último Jubileu. Cheios de arrependimento, choraram amargamente, mas foram consolados pelas revelações contidas no manuscrito do rei, onde as sucessivas eras da história eram contadas em ricos detalhes, desde o princípio da criação até aquele tempo.

Ao terminarem a leitura do Livro de Melquisedeque, os doze prostraram-se reverentes, e louvaram ao Eterno pelo consolo que lhes enviara, através de tão humilde mensageiro.

Curvando-se sobre o jarro, o menino tomou uma caixinha de ouro ornamentada com pedras preciosas, na qual haviam 144 pérolas de variados tamanhos. Afirmando ser um presente de Melquisedeque para eles, o beduíno passou a distribuí-las, doze para cada, começando por Rúben. Aquelas pérolas simbolizavam a vitória que haviam alcançado mediante a concretização de uma nova e eterna aliança com o grande Melquisedeque, que é o Messias.

Depois de louvarem ao Eterno pelas pérolas que selavam a vitória alcançada, os doze, num gesto de reconhecimento e gratidão, passaram a honrar o humilde beduíno que, por meio de lutas e sacrifícios, resgatara das trevas todos aqueles tesouros, para ofertar-lhes naquele Jubileu. Representando os seus irmãos, Rúben, o primogênito, tomou um de seus melhores mantos e cobriu o corpo desnudo do menino. Aquecido por aquele manto que simbolizava sua maior conquista, o beduíno emocionou-se ao ver que ele trazia, do lado de seu coração, um distintivo precioso, com a gravura de uma cruz vermelha da qual saíam raios dourados. Isto fez com que reconhecesse que toda aquela honra recebida,

pertencia ao Messias que resgatou-o das profundezas de uma caverna, conduzindo os seus passos através de caminhos perigosos e solitários, até que pudesse entregar aos filhos de Israel os tesouros contidos no jarro. Ele devia também aquela conquista aos seus três irmãos, sem os quais não teria encontrado aquele presente do rei de Salém. A lembrança de seus irmãos o fez chorar de saudade, e desejou muito beijar suas faces, compartilhando com eles toda a honra recebida.

Num gesto surpreendente que consolou o coração do menino, Rúben tomou três de suas pérolas mais brilhantes e, colocando-as numa caixinha vermelha, entregou-as ao menino e disse:

*- Estas pérolas são para os seus irmãos.*

Logo depois surgiram ao longe a figura de três beduínos que caminhavam ao nosso encontro, trazendo jarros em seus ombros. Quando os viu, o menino alegrou-se ao descobrir que eram os seus irmãos. O mais velho tinha em seu jarro uma inscrição que dizia: *Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora de seu juízo.*(11) O segundo trazia no vaso a mesma inscrição contida no jarro do menino, porém em letras menores e menos brilhantes: *Caiu, caiu a Grande Babilônia!*(12) O terceiro carregava um vaso um pouco maior que os dois anteriores, e nele estava escrita uma advertência: *Se alguém adorar a besta ou a sua imagem, e receber o sinal na fronte, ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se acha preparado sem mistura, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. Abaixo desta advertência, em grandes letras lia-se o seguinte: Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e tem a fé do Messias.*(13)

Quando eles viram o seu irmão mais novo em honra perante os filhos de Israel, correram ao seu encontro e prostraram-se, depondo os seus jarros aos seus pés. Em grande pranto revelaram o seu arrependimento pelo desprezo e sofrimentos pelos quais o fizeram passar. O pequeno beduíno inclinando-se para os seus irmãos com amor, beijou-lhes as faces, e falou-lhes que tudo o que lhes acontecera, fora para o bem.

Depois de consolarem-se, os filhos de Israel prepararam um banquete em homenagem ao pequeno beduíno e aos seus irmãos. No banquete o rolo foi mais uma vez aberto, e todos alegraram-se com sua mensagem. Quando estavam quase ao fim da festa, o menino honrou os seus irmãos na presença de todos, dando-lhes as pérolas recebidas de Rúben. O mais velho recebeu a pérola menor, o do meio a pérola de tamanho médio, e o mais novo a maior. Eles ficaram felizes ao receberem aquelas jóias que simbolizavam sua vitória.

Todos tinham agora suas pérolas, menos o menino, cuja alegria consistia em ver os filhos de Israel e seus irmãos enriquecidos pelos presentes do Rei. A maior e mais brilhante de todas as pérolas, contudo, Rúben separara para ele. Quando a recebeu, seu coração transbordou de indizível alegria, vendo nela o símbolo de seu triúnfo. Na pérola havia três inscrições: Melquisedeque, Eliahu Hanavi e Nova Jerusalém.

Depois da festa, o pequeno beduíno procurou pelo seu jarro, e ficou surpreso ao encontrá-lo repleto de pérolas. Com muito esforço, tomou-o em seus braços, levando-o para junto de seus irmãos que tinham os seus jarros vazios. Começando pelo primogênito, ele foi compartilhando o tesouro, até que todos os vasos se encheram com aquelas lindas pérolas.

Renascidos pelo arrependimento e movidos pela gratidão, os três beduínos juntamente com os doze filhos de Israel, seguiram os passos do menino na realização de uma importante obra sobre a Terra: Sua missão seria abrir perante o mundo o Rolo de Melquisedeque, oferecendo a todos quantos aceitassem sua mensagem, aquelas pérolas que simbolizam a vida.

Durante seis anos a humanidade teria a oportunidade de conhecer a mensagem do rolo, e as advertências escritas naqueles jarros, apossando-se das pérolas da salvação. Ao fim dos seis anos, os jarros se esvaziariam e o rolo seria fechado.

Enquanto os anos da oportunidade se escoavam, multidões acorriam de todas as partes em busca da mensagem do rolo e das pérolas. Olhando para os céus, descobri que a cada novo ano que era representado por um dia da semana, uma nova estrela surgia ao lado da estrela do jubileu, iluminando cada vez mais a Terra com a sua glória.

Ao fim dos seis anos de oportunidade, o mundo achava-se dividido em duas classes de pessoas: os possuidores das pérolas da salvação, que são chamados filhos de Deus, e os que rebelaram-se contra a mensagem do rolo, os filhos de Belial.

Ao expirar-se o tempo da oportunidade, no momento em que as seis estrelas do jubileu enchiam toda a Terra com sua claridade, soou uma voz desde os céus, dizendo: *Está Consumado! Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; quem é justo, faça justiça ainda, e quem é santo, santifique-se ainda. Eis que cedo venho, e esta comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo a sua obra. Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o*

*derradeiro, o princípio e o fim. Bem aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras e todo o que ama e pratica a mentira.(14)*

Quando o Messias, que é Melquisedeque, proclamou o decreto, o rolo foi fechado, pois não havia mais pérolas nos jarros. Subitamente as seis estrelas se apagaram, mergulhando o mundo em completa escuridão. Surgiu então no céu uma estrela vermelha, cujos raios traziam luz e proteção para os filhos de Deus, ao passo que para os ímpios traziam trevas e sofrimento. Isto fez com que eles blasfemassem contra Deus, levantando-se contra os Seus redimidos.

No momento mais difícil, quando as mãos dos ímpios pesavam sobre os justos prestes a destruí-los, a Terra foi sacudida por um grande terremoto.(15) Em meio às nuvens negras, surgiu o brilho de uma estrela que foi crescendo rapidamente, até cobrir todo o céu. Hozanas de vitória ecoaram por todas as partes, quando os remidos contemplaram a face do Messias que vinha em seu socorro, acompanhado pelos exércitos dos céus. Diante de sua presença majestosa, os ímpios fugiram, mas foram consumidos pelo fogo.(16)

O Messias fez soar sua trombeta, e todos os justos mortos ressurgiram com corpos perfeitos e imortais. Logo depois, os justos vivos foram transformados, recebendo, igualmente, corpos incorruptíveis. Acompanhados pelos anjos, fomos arrebatados para o encontro com nosso Rei e Redentor nos ares. Ele nos recebeu com indizível alegria, e nos conduziu numa viagem inesquecível rumo à Nova e Eterna Jerusalém. (17)

Ao entrarmos na Cidade Santa, ficamos deslumbrados diante de tantas maravilhas. Fomos conduzidos ao paraíso, onde fora preparado um grande banquete para nós Ali, diante do trono, em meio às hosanas angelicais, fomos coroados pelo Messias, recebendo um reino de paz que jamais findará.

Enquanto desfrutava as delícias do Éden, acordei e vi que tudo fora um sonho. Levantando-me, tomei Isaque nos braços e, sentando-me do lado do jarro, os acariciei até o alvorecer, enquanto relembrava as cenas marcantes de meu sonho.

Ao encontrar-me com Melquisedeque naquela manhã, desejei contar-lhe o meu sonho. Mas antes que eu lhe dissesse algo, ele fitou-me com um olhar muito parecido com o do Messias, e deu-me uma ordem:

*-Abraão, toma agora o jarro que você tanto ama e leve-o ao Mar Salgado, onde lhe mostrarei uma caverna na qual você o esconderá.*

Tomando uma machadinha e um manto de linho, o rei acompanhou-me até a caverna que eu vira no sonho, onde assentei-me para registrar estas últimas palavras. O rolo será agora lacrado, e será deixado no silêncio da caverna, e permanecerá oculto até que seja aberto perante as nações, no Último Jubileu.

*Referências: (1) Gênesis 22: 1, 2; (2)Isaias 53; (3)Apocalipse 18: 2,4; (4)Isaias 61: 1; (5) Levítico 25:10; Daniel 9: 24,25; (6) Levítico 25:9; (7)Salmo 82: 1; (8) Isaias 52:7; (9) Isaias 61: 3; (10) Levítico 25: 9; (11) Apoc. 13:7; (12) Apoc. 13:9; (13)Apoc. 13:9 – 12; (14)Apoc. 22: 11-15; (15) Apoc. 16: 17-21; (16) S. Mateus 24: 29-31; (17)I Coríntios 15: 50-55; Apoc. 21 e 22.*

# A História do Universo

Manuscrito de Melquisedeque

## PRIMEIRA PARTE

Antes que existisse uma estrela a brilhar, antes que houvesse anjos a cantar, já havia um céu, o lar de Yahweh, o único Deus.

Perfeito em sabedoria, amor e glória, vive Yahweh eternidade, antes de concretizar o Seu lindo sonho, na criação do Universo.

Os incontáveis seres que compõem a criação foram todos idealizados com muito carinho. Desde o íntimo átomo às gigantescas galáxias, tudo mereceu Sua suprema atenção.

Amante da música, Deus idealizou o Universo como uma grande orquestra que, sob Sua regência, deveria vibrar acordes harmoniosos de justiça e paz. Para cada criatura Ele compôs uma canção de amor.

Deus é Espírito, portanto, é invisível; Para relacionar-se com as criaturas, Ele assumiria uma forma visível. Por meio dessa manifestação, Ele traria à existência o Universo, revelando-se a ele. A forma visível do Eterno, manifestada antes da criação, é a pessoa do Messias, o grande Melquisedeque da história a quem tive a infinita honra de representar em parábola.

-----\*\*\*\*\*-----

O Eterno estava muito feliz, pois os Seus sonhos estavam para se realizar. Movendo-se com majestade, iniciou Sua obra de criação. Suas mãos moldaram primeiramente um mundo de luz, e sobre ele uma montanha fulgurante sobre a qual estaria para sempre firmado o trono do Universo. Ao monte sagrado denominou: Sião.

Da base do trono, fez jorrar um rio cristalino, para representar a vida que dele fluiria para todas as criaturas.

Como sala do trono, Yahweh criou um lindo paraíso que se estendia por centenas de quilômetros ao redor do monte Sião. Ao paraíso denominou: Éden.

Ao sul do paraíso, em ambas as margens do rio da vida, foram edificadas numerosas mansões adornadas de pedras preciosas, que destinavam-se aos anjos, os ministros do reino da luz.

Circundando o Éden e as mansões angelicais, construiu Deus uma muralha de jaspe luzente, ao longo da qual podiam ser vistos grandes portais de pérolas.

-----\*\*\*\*\*-----

Com alegria, Yahweh contemplou a Capital sonhada. A cidade em seu esplendor era como uma noiva adornada, pronta para receber seu esposo. Carinhosamente, o grande Arquiteto a denominou: Jerusalém, a Cidade da Paz.

Deus estava para trazer à existência a primeira criatura racional. Seria um anjo glorioso, de todos o mais honrado. Adornado pelo brilho das pedras preciosas, esse anjo viveria sobre o monte Sião, como representante do Rei dos reis diante do Universo.

Com muito amor, o Criador passou a modelar o primogênito dos anjos. Toda sabedoria aplicou ao formá-lo, fazendo-o perfeito. Com ternura concedeu-lhe a vida; O formoso anjo, como que despertando de um profundo sono, abriu os olhos e contemplou a face de seu Autor.

Com alegria, Yahweh mostrou-lhe as belezas do paraíso, falando-lhe de Seus planos, que começavam a se concretizar. Ao ser conduzido ao lugar de sua morada, junto ao trono, o príncipe dos anjos ficou agradecido e, com voz melodiosa, entoou seu primeiro cântico de louvor.

Das alturas de Sião descortinava-se aos olhos do formoso anjo, Jerusalém em sua vastidão e esplendor. O rio da vida, ao deslizar sereno em meio à Cidade, assemelhava-se a uma larga avenida, espelhando as belezas do jardim do Éden e das mansões angelicais.

----\*\*\*----

Envolvendo o primogênito dos anjos com Seu manto de luz, Yahweh passou a falar-lhe dos princípios que haveriam de reger o reino universal. Leis físicas e morais deveriam ser respeitadas em toda a extensão do governo divino.

As leis morais resumiam-se em dois princípios básicos: *amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a Si mesmo*. Cada criatura racional deveria ser um canal por meio do qual o Eterno pudesse jorrar aos outros vida e luz. Dessa forma, o Universo cresceria em harmonia, felicidade e paz.

No reino de Deus, as leis não seriam impostas com tirania; Os súditos seriam livres. A obediência deveria surgir espontânea, num gesto de reconhecimento e gratidão. Nesse reino de liberdade, a desobediência também seria possível. O resultado de tal comportamento seria o esvaziamento das forcas vitais.

Depois de revelar ao formoso anjo as leis de Seu governo, Yahweh confiou-lhe uma missão de muita responsabilidade: seria o protetor daquelas leis, devendo honra-las e revela-las ao Universo prestes a ser criado. Com o coração trasbordante de amor a Deus e aos semelhantes, caber-lhe-ia ser um modelo de perfeição: seria Lúcifer, o portador da luz.

O príncipe dos anjos; agradecido por tudo, prostrou-se ante o amoroso Rei, prometendo-lhe eterna fidelidade.

----\*\*\*----

Yahweh continuou Sua obra de criação, trazendo à existência inumeráveis hostes de anjos: os ministros do reino da luz. A Cidade Santa ficou povoada por essas criaturas radiantes que, felizes e gratas, uniam as vozes em belíssimos cânticos em louvor ao Criador.

Deus traria agora à existência o Universo que, repleto de vida, giraria em torno de Seu trono firmado em Sião. Acompanhado por Seus ministros, Ele partiu para a grandiosa realização.

Depois de contemplar o vazio imenso, Yahweh ergueu as poderosas mãos, ordenando a materialização das multiformes maravilhas que haveriam de compor o cosmo. Sua ordem, qual trovão, ecoou por todas as partes, fazendo surgir, como que por encanto, galáxias sem conta, repletas de mundos e sóis - paraísos de vida e alegria -, tudo girando harmoniosamente em torno do monte Sião.

Ao presenciarem tão grande feito do supremo Rei, as hostes angelicais prostraram-se, fazendo ecoar pelo espaço iluminado um cântico de triunfo, em saudação à vida. Todo o Universo uniu-se nesse cântico de gratidão, em promessa de eterna fidelidade ao Criador.

Guiados por Yahweh, os anjos passaram a conhecer as riquezas do Universo. Nessa excursão sideral, ficaram admirados ante a vastidão do reino da luz. Por todas as partes encontravam mundos habitados por criaturas felizes que os recebiam em festa. Os anjos saudavam-nos com cânticos que falavam das boas novas daquele reino de paz.

Tão preciosa como a vida, a liberdade de escolha, através da qual as criaturas poderiam demonstrar seu amor ao Criador, exigia um teste de fidelidade. Com o propósito de revela-lo, o Eterno conduziu as hostes por entre o espaço iluminado, até se aproximarem de um abismo de trevas que contrastava com o imenso brilho das galáxias. Ao longe, esse abismo revelara-se insignificante aos olhos dos anjos, como um pontinho sem luz; mas à medida de sua aproximação, mostrou-se em sua enormidade. O Criador, que a cada passo revelava aos anjos os mistérios de Seu reino, ficou silencioso, como que guardando para Si um segredo. As trevas daquele abismo consistiam no teste da fidelidade. Voltando-Se para as hostes, Yahweh afirmou:

*-“Todos os tesouros da luz estão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz, estareis ligados à Fonte da Vida”.*

Com estas palavras, fez Deus separação entre a luz e as trevas, o bem e o mal. O Universo era livre para escolher seu destino.

----\*\*\*----

O tão acalentado sonho do Criador se concretizara. Agora, como Pai carinhoso, conduzia as criaturas através de uma eternidade de harmonia e paz. Em virtude do cumprimento das leis divinas, o Universo expandia-se em felicidade e glória. Havia um forte elo de amor, que a todos unia fortemente. Os seres racionais, dotados da capacidade de um desenvolvimento infinito, encontravam indizível prazer em receber os inesgotáveis tesouros da Sabedoria divina, transmitindo-os aos semelhantes. Eram como canais por meio dos quais a Fonte da Eterna Vida nutria a todos de amor e luz.

Em Jerusalém, os ministros do reino reuniam-se ante o soberano Rei, sempre prontos a cumprir os Seus propósitos. Era através de Lúcifer que Yahweh tornava manifesto os Seus desígnios. Depois de receber uma nova revelação, ele prontamente a transmitia às hostes angelicais. Estas, por sua vez, a compartilhavam com a criação. Em célere vôo os anjos rumavam para os planetas distantes onde, em grandes assembléias, reuniam-se os representantes dos mundos vizinhos.

Em muitas dessas assembléias, o querubim fazia-se presente, enchendo os participantes de alegria e admiração. Perfeito em todas as virtudes, ele os cativava com sua simpatia. Nenhum outro anjo conseguia revelar como ele os mistérios do amor do Criador.

----\*\*\*----

O Universo, alimentando-se da Fonte da Vida, expandia-se numa eternidade de perfeita paz. A obediência às leis divinas era o fundamento de todo progresso e felicidade. Ainda que conscientes do livre-arbítrio, jamais subira ao coração de qualquer criatura o desejo de afastar-se do Criador. Assim foi por muito tempo, até que tal problema irrompeu na vida daquele que era o querubim protetor das leis.

Lúcifer, que dedicara sua vida ao conhecimento dos mistérios da luz, sentiu-se aos poucos atraído pelas trevas. O Rei do Universo, aos olhos de quem nada pode ser encoberto, acompanhou com tristeza os seus passos no caminho descendente que leva à morte. A princípio, uma pequena curiosidade levou-o a aproximar-se daquele abismo profundo. Contemplando-o, começou a indagar o porquê de não poder compreender o seu enigma.

Retornando a seu lugar de honra, junto ao trono, prostrou-se ante o divino Rei, suplicando-lhe:

- *Pai, dá-me a conhecer os segredos das trevas, assim como me revelas a luz.*

Ante o pedido do formoso anjo, Yahweh, com voz expressiva de tristeza, disse-lhe:

- *Meu filho, você foi criado para a luz, que é vida.*

Convencendo-se de que o Criador não lhe revelaria os tesouros das trevas, o querubim decidiu compreender por si o enigma; Julgava-se capacitado para tanto. Com esta triste decisão, o príncipe dos anjos permitiu que surgisse em seu coração uma mancha de pecado que poderia trazer uma catástrofe para o Universo.

Só Deus sabia o que se passava no coração de Lúcifer. O anjo, que fora criado para ser o portador da luz, estava divorciando-se em pensamentos do bondoso Criador que, num esforço de impedir o desastre, rogava-lhe permanecer ao Seu lado.

Uma tremenda luta passou a travar-se em seu íntimo. O desejo de conhecer o sentido das trevas era imenso, contudo, os rogos daquele amoroso Pai, a quem não queria também perder, o torturavam. Vendo o sofrimento que sua atitude causava ao Criador, às vezes demonstrava arrependimento, mas voltava a cair.

----\*\*\*----

Antes de criar o Universo, Deus já previra a possibilidade de uma rebelião. O risco de conceder liberdade às criaturas era imenso, mas, sem este dom, a vida não teria sentido. Yahweh não queria reinar sobre seres constrangidos a fazerem somente a Sua vontade. Ele queria que a obediência fosse fruto de reconhecimento e amor, por isso decidiu correr o grande risco.

Ainda que prosseguisse na busca do sentido das trevas, Lúcifer não pretendia abandonar a luz. Esforçava-se para chegar a uma combinação entre essas partes que, no reino de Deus coexistiam separadas. Finalmente, com um sentimento de exaltação, concebeu uma teoria enganosa, que pretendia apresentar ao Universo como um novo sistema de governo, superior ao governar do Criador. Sua teoria viria a ser conhecida como “*a ciência do bem e do mal*”.

Estruturada na lógica, a ciência do bem e do mal revelou-se atraente aos olhos do querubim, parecendo descerrar um sentido de vida superior àquele oferecido por Deus, cujo reino possibilitava unicamente o conhecimento experimental do bem. No novo sistema, haveria equilíbrio entre o bem e o mal, entre o amor e o egoísmo, entre a luz e as trevas.

Ao longo do tempo em que amadurecera em sua mente a ciência do bem e do mal, Lúcifer soube guardar segredo diante do Universo. Continuava em seu posto de honra, cumprindo a função de Portador da Luz. Contudo, por mais que procurasse fingir, seu semblante já não revelava alegria em servir a Yahweh.

O divino Rei, que sofria em silêncio, procurava, por meio de Suas revelações de amor, preparar as criaturas racionais para a grande prova que se aproximava. Sabia que muitos dariam ouvido à tentação, voltando-lhe as costas. A noite da provação faria sobressair, contudo, os verdadeiros fiéis - aqueles que serviam-no não por interesse, mas por amor.

Ao ver que a hora da prova chegara, e que Lúcifer estava pronto para traí-lo diante do Universo, Yahweh, que jamais cessara de revelar os tesouros de Sua sabedoria, tornou-se silencioso e contemplativo. Seu silêncio fez reviver no coração das hostes a lembrança daquela primeira excursão sideral, quando, depois de lhes mostrar as riquezas do reino da luz, tornou-se silencioso ante aquele abismo. Lembraram-se de Suas palavras: *“Todos os tesouros da luz estão abertos ao vosso conhecimento, menos os segredos ocultos pelas trevas. Sois livres para me servirem ou não. Amando a luz estareis ligados à Fonte da Vida”*.

Lúcifer que passara a cobiçar o trono de Deus, indagou-lhe o motivo de Seu silêncio. O Criador, contemplando-o com infinita tristeza, disse-lhe: *“É chegada a hora das trevas. Você é livre para realizar os seus propósitos”*.

----\*\*\*----

Vendo que o momento propício para a propagação de sua teoria havia chegado, Lúcifer convocou os anjos para uma reunião especial. As hostes, desejosas de conhecer o significado do silêncio do Pai, tomaram seus lugares aos pés do magnífico querubim, que sempre revelara-lhes os tesouros do reino da luz.

Lúcifer começou seu discurso exaltando, como de costume, o governo do Criador. Num amplo retrospecto, lembrou-lhes as grandiosas revelações que os enriquecera em toda aquela eternidade.

O silêncio divino, apresentou-o como sendo a indicação de que o Universo alcançara a plenitude do conhecimento oriundo da luz. Silenciando, Yahweh abria-lhes caminho para o entendimento de mistérios ainda não sondados, mantidos até então além dos limites de Seu governo.

Surpresas, as hostes tomaram conhecimento da experiência de Lúcifer sobre as trevas. Com eloquência, ele falou-lhes da ciência do bem e do mal, indicando-a como o caminho das maiores realizações.

O efeito de suas palavras logo se fez sentir em todo o Universo. A questão era decisiva e explosiva, gerando pela primeira vez discórdia. Os seres racionais, em sua prova, tinham de optar por permanecer somente com o conhecimento da luz, o qual Lúcifer afirmava haver chegado ao seu limite, ou se aventurarem no conhecimento da ciência do bem e do mal. No começo, somente os anjos debateram-se diante da questão, sendo logo depois todo o Universo posto à prova. Dir-se-ia que a ciência do bem e do mal haveria de arrebanhar a maior parte das criaturas, mas, aos poucos, muitos que a princípio se empolgaram com a teoria, despertaram para a ilusão da mesma, reafirmando sua fidelidade ao reino da luz. Ao fim desse conflito, que se arrastou por longo tempo, revelou-se um terço das estrelas do céu ao lado de Lúcifer, e as restantes, ainda que abaladas pela prova, ao lado de Yahweh.

----\*\*\*----

A ciência do bem e do mal fora apregoada por Lúcifer como um novo sistema de governo. Mas



como exercê-lo, se Yahweh continuava reinando em Sião? Precisavam encontrar um meio de afastá-lo dali. O conselho, formado pelos anjos rebeldes, passou a tratar dessa questão. Decidiram, finalmente, solicitar-lhe o trono por um tempo determinado, no qual poderiam demonstrar a excelência do novo sistema de governo. Caso fosse aprovado pelo Universo, o novo sistema se estabeleceria para sempre; caso contrário, o domínio retornaria ao Criador.

Foi assim que Lúcifer, acompanhado por suas hostes, aproximou-se arrogante daquele Pai sofredor, fazendo-lhe tal pedido.

Yahweh não era ambicioso, apenas queria bem às Suas criaturas. Se a ciência do bem e do mal consistisse realmente num bem maior, não Se oporia à sua implementação, cedendo o trono a seus defensores. Mas Ele sabia que aquele caminho conduziria à infelicidade e à morte.

Movido pelo amor protetor, o Criador desatendeu o pedido das hostes rebeldes, que afastaram-se enfurecidas.

----\*\*\*----

Ao lhes ser negado o trono, Lúcifer e suas hostes passaram a acusar o divino Rei, proclamando ser o seu governo uma tirania. Afirmavam que sua permanência no trono, era a mais patente demonstração de Sua arbitrariedade. Não lhes concedera liberdade de escolha?! For que neutralizá-la agora, impedindo-os de pôr em prática um sistema de governo superior?!

As acusações das hostes rebeldes repercutiram por todo o Universo, fazendo parecer que o governo de Yahweh era de fato injusto. Isto trouxe profunda angústia para aqueles que permaneciam fiéis ao reino da luz. Não sabendo como refutar tais acusações, essas criaturas, emudecidas pela dor moral, ansiavam pelo momento em que novas revelações procedentes do Criador pudessem aclarar-lhes os mistérios desse grande conflito.

As acusações e blasfêmias das hostes rebeldes alcançavam o ponto culminante quando Yahweh, num gesto surpreendente, ergueu-se de Seu trono, como que pronto a deixá-lo. Os infiéis, na expectativa de uma conquista, aquietaram-se, enquanto um sentimento de temor penetrava no coração dos súditos da luz. Entregaria Ele o domínio de toda a criação, para livrar-se das vis acusações? De acordo com a lógica a partir da qual o querubim fundamentava seus ensinamentos, não restava outra alternativa ao Criador. Nesta tremenda expectativa, o Universo acompanhava os passos de Deus.

Num gesto de humildade, o Criador despojou-Se de Sua coroa e de Seu manto real, depondo-os sobre o alvo trono. Em Seu semblante não havia expressão de ressentimento ou ira, mas de infinito amor e tristeza.

Com solenidade, Yahwéh proclamou que o momento decisivo chegara, quando cada criatura deveria selar sua decisão ao lado da luz ou das trevas. Numa ampla revelação, alertou para as conseqüências de um rompimento com a Fonte da Vida.

Com olhar de ternura o Criador contemplou seus filhos. Era um olhar de humildade, que cheio de amor, suplicava para que permanecessem ao Seu lado. Incontáveis criaturas, emocionadas, corresponderam ao Seu olhar de bondade, enquanto uma multidão se manteve cabisbaixa.

Lúcifer e seus seguidores estavam conscientes da seriedade daquele momento. Ainda era possível voltar atrás em seus planos, entregando-se arrependidos ao divino Pai que sempre os amara. Enquanto cabisbaixos consideravam sobre a decisão final, Lúcifer e seus adeptos ouviam o cântico daqueles que, em reconhecimento e gratidão, colocavam-se ao lado de Yahwéh. A última luta travava-se no coração dos infiéis que, estremecidos, chegaram a pensar em recuar.

Finalmente, a lembrança do recente gesto divino, despojando-Se da coroa, deu-lhes a certeza de que o governo lhes seria entregue. Vendo que o Trono permanecia vazio, Lúcifer e suas hostes, dominados pela cobiça, romperam definitivamente com o Criador.

----\*\*\*----

Ao ver um terço dos súditos transpor as divisas da eterna separação, Deus deixou extravasar a dor angustiante que por tanto tempo martirizava Seu coração, curvando-Se em inconsolável pranto. Contemplando Seus filhos rebeldes, ergueu a voz numa lamentação dolorosa: "Meus filhos, meus filhos! Já não posso chamá-los assim! Queria tanto tê-los nos braços meus! Lembro-Me quando os formei com carinho! Vocês surgiram felizes e perfeitos, em acordes de esperança em eterna harmonia! Vivi para vocês, cobrindo-os de glória e poder! Vocês foram a minha alegria! Por que seus corações mudaram tanto? O que mais poderia eu ter feito para fazê-los permanecer comigo? Hoje minh'alma sangra em dor pela separação eterna! Como olharei para os lugares vazios onde tantas vezes rejubilantes ergueram as vozes em hosanas festivas, sem me vir à mente um misto da felicidade e dor?! Saudade infinita já invade o meu ser, e sei que será eterna!

Hoje o meu coração rompeu e quebrou-se; as cicatrizes carregarei para sempre!

Depois de proclamar em pranto tão dolorosa lamentação, Yahwéh, dirigindo-Se a Lúcifer, o causador de todo o mal, disse: "Você recebeu um nome de honra ao ser criado. Agora não mais o chamarão Lúcifer, mas Satã, o inimigo do Criador e de Suas leis."

----\*\*\*----

Depois de lamentar a perdição das hostes rebeldes, Yahwéh, em lentos passos, ausentou-se do jardim do Éden, lugar do trono Universal.. Onde seria agora a Sua morada?

As hostes fiéis acompanharam reverentes os Seus misteriosos passos de abandono, que pareciam descerrar um futuro difícil, de sofrimentos e humilhações. Ocupariam os rebeldes o divino trono, profanando-o como domínio do pecado? Esta indagação torturava o coração dos súditos de Yahwéh.

Deixando Sua amada Cidade, o Senhor da luz conduziu-Se, em meio às glórias do Universo, em direção do abismo imenso, a respeito do qual silenciara até então. Ali deteve-Se mais uma vez, emudecido, enquanto parecia ler nas trevas um futuro de grandes lutas. Ante o sofrimento de Yahwéh, expresso na tristeza de Seu semblante, os fiéis puderam finalmente compreender o significado daquele misterioso abismo: consistia numa representação simbólica do reino da rebeldia.

Na face entristecida de Deus manifestou-se, por fim, um brilho que aos fiéis animou. Erguendo os poderosos braços ante as trevas, ordenou em alta voz: "Haja luz."

Imediatamente, a luz de Sua presença inundou o profundo abismo e, triunfando sobre as trevas, revelou um mundo inacabado, coberto por cristalinas águas. Com esse gesto, iniciava Yahwéh uma grande batalha pela reivindicação de Seu governo de luz; batalha do amor contra o egoísmo; da justiça contra a injustiça; da humildade contra o orgulho; da liberdade contra a escravidão; da vida contra a morte. Batalha que, sem trégua, se estenderia até que, no alvorecer almejado, pudesse o divino Rei retornar vitorioso ao santo monte Sião, onde, entronizado em meio aos louvres dos remidos, reinaria para sempre em perfeita paz. As trevas, em sua fuga, apontavam para o aniquilamento final da rebeldia.

As águas abundantes que cobriam aquele mundo, até então oculto, simbolizavam a vida eterna que para os fiéis seria conquistada pelo amor que tudo sacrifica.

O mundo revelado era a Terra. Visitada pelas trevas e pela luz, ela seria o palco da grande luta.

----\*\*\*----

Rejubilavam-se os fiéis ante o triunfo da luz naquele primeiro dia, quando as trevas em sua fúria rolaram sobre o planeta, sucumbindo-o em densa escuridão. A luz, que parecia vencida, renasceu vitoriosa num lindo alvorecer.

Ao raiar a luz do segundo dia, Yahwéh ordenou: "Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre água e águas."

Imediatamente, o calor de Sua luz fez com que imensa quantidade de vapor se elevasse das águas, envolvendo o planeta num manto de transparência anil. Surgiu assim a atmosfera, com sua mistura perfeita de gases que seriam essenciais à vida que em breve coroaria o planeta. O Criador, contemplando a expansão, denominou-a "céus".

A atmosfera, que cheia de brilho envolvia a Terra, sombreou-se ao sobrevir o crepúsculo de um outro entardecer.

----\*\*\*----

Ao serem vencidas as trevas no terceiro dia, o Criador prosseguiu Sua obra, fazendo surgir os imensos continentes que ainda estavam sob a superfície das águas. Com as mãos erguidas ordenou: "Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar e apareça a porção seca."

Em pronta obediência, as cristalinas águas cederam sua posição superior à porção seca que se ergueu, sobrepondo-se a elas. Nas regiões baixas da Terra, as águas continuariam refletindo o brilho celeste, sendo um refrigério para as criaturas sedentas. Nesse gesto de humildade, as águas prefiguravam o Criador, que na grande luta desceria ao mais profundo abismo para fazer renascer nas almas sedentas a vida eterna.

Contemplando a face daquele novo mundo, Yahwéh denominou a parte seca "terra", e ao ajuntamento das águas chamou "mares".

Com Sua poderosa voz prosseguiu, ordenando: "Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nela sobre a terra."

Em obediência ao mando divino, a superfície sólida do planeta revestiu-se de toda sorte de vegetação: lindos prados a florir, campos verdejantes entrecortados por rios cristalinos, florestas sem fim onde árvores frondosas deixavam pender frutos saborosos de infindáveis espécies. A Terra era como uma tela onde o Criador, pelo poder de Sua palavra, coloria quadros de beleza sem par.

----\*\*\*----

Enquanto com admiração as hostes contemplavam as belezas daquela criação, surpreenderam-se ao reconhecer sobre o novo planeta o jardim do Éden, lugar do trono divino. Yahwéh, pelo poder de Sua palavra, o havia transferido para o seio daquele mundo especial, onde em justiça seria confirmado o governo do Universo.

Naquele dia primaveril, a brisa acariciou mansamente as verdes florestas e os prados em flor, inundando a atmosfera com suave aroma e frescor. Contemplando Sua obra, o Criador com felicidade exclamou: "Eis que tudo é muito bom."

Exuberante, o planeta cumpriu mais um dia em sua harmoniosa rotação.

----\*\*\*----

As hostes fiéis agora podiam compreender melhor a importância da luz divinal. Sua ausência havia ofuscado, naquela noite, as belezas de Sião.

Nesse novo dia, o Criador expressaria o Seu grande poder, dando à Terra luminares que a encheriam de luz e calor. Esses luminares permaneceriam para sempre como símbolos da presença espiritual de Yahwéh, que é a fonte de toda a luz.

Contemplando o espaço escuro e vazio que se estendia ao redor da Terra, com potente voz ordenou: "Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; sejam eles para sinais e para tempos determinados, para dias e anos. E sejam para luminares na expansão dos céus para alumiar a Terra."

Imediatamente, o espaço tornou-se radiante pelo brilho do sol e pelo reflexo de planetas e satélites. Ante esta demonstração de poder, as hostes fiéis curvaram-se em reverente adoração.

No quarto dia, Yahwéh criou os mundos de nosso sistema solar não para serem habitados como a Terra, mas para o equilíbrio do sistema. Encheriam também o céu de fulgor, abrandando as trevas das noites terrenas.

Volvendo os olhos para a Terra, as hostes alegraram-se por vê-la radiante em cores. Bem próximo dela podia-se ver a Lua que, com seu reflexo prateado, afugentaria as profundas sombras noturnas.

----\*\*\*----

Envolvidos por esse cenário encantador, os filhos da luz, rejubilantes, saudaram o alvorecer do quinto dia, que seria de muitas surpresas. Yahwéh tornaria a Terra festiva pela presença de infindáveis espécies de animais irracionais que habitariam toda a superfície do planeta. Essa criação teria continuidade no sexto dia. Erguendo as poderosas mãos, o Criador, olhando primeiramente para as cristalinas águas, ordenou: "Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente."

De imediato, as águas tornaram-se ondulantes pela presença de incontáveis espécies de répteis que, felizes e gratos, festejavam a existência num contínuo nadar e saltitar. Desde os seres microscópicos até as grandes baleias, todos surgiram em completa harmonia, refletindo em sua natureza o amor do Criador.

Pousando os olhos sobre a atmosfera anil que repousava sobre as verdejantes florestas, Yahwéh continuou: "Voem as aves sobre a face da expansão dos céus".

Mediante Sua ordem, os Céus encheram-se de pássaros coloridos que, voando em todas as direções, tinham no coração um cântico de gratidão pela vida. Esse cântico encheu o ar, misturando-se com o perfume das matas floridas.

Contemplando com prazer Suas criaturas terrenas, Yahwéh abençoou-as dizendo: "Frutificai e multiplicai-vos e enchei as águas nos mares, e as aves se multipliquem na Terra."

----\*\*\*----

Rejubilantes, as hostes fiéis presenciaram o alvorecer do sexto dia. O que criaria Deus nesse novo dia? Esta indagação pairava na mente de todos os seres racionais. Estavam certos de que algo muito especial estava para acontecer.

Erguendo os potentes braços, Yahwéh ordenou: "Produza a Terra alma vivente conforme a sua espécie: gado, répteis e bestas-feras da terra, conforme a sua espécie."

Sua voz poderosa foi prontamente ouvida e, nas florestas e campos, pôde-se ver o resultado de Seu poder criador. Animais de todas as espécies despertaram numa existência feliz, em meio a um paraíso de perfeita paz.

A Terra tomara-se extremamente bela, qual princesa adornada para receber o seu rei e senhor. Quem seria esse ser especial?

Movendo-Se com majestade, Yahwéh baixou às glórias do novo mundo, dirigindo-Se ao jardim do Éden, lugar do divino trono. Os anjos da luz acompanharam-no reverentes, detendo-se qual nuvem sobre os céus do paraíso. Todo Universo observava com profundo interesse o desdobramento dos atos do Criador, em resposta às acusações de seus inimigos.

O momento era decisivo. Tudo indicava que Yahwéh demonstraria não ser tirano nem egoísta, coroando alguém sobre o monte Sião. Satã e seus seguidores não duvidavam de que o reino lhes seria entregue e reinariam vitoriosos no seio daquele antigo abismo, onde as trevas e a luz agora se entrelaçavam. Os súditos da luz estremeceram ante essa perspectiva.

----\*\*\*----

Junto à fonte do rio da vida, Yahwéh curvou-Se solenemente e, com os elementos naturais da Terra, começou a moldar, com muito carinho, uma criatura especial. Depois de alguns instantes, estava estendido diante do Criador o corpo, ainda sem vida, do primeiro homem. Yahwéh contemplou-o e, após acariciar-lhe a face fria e descorada, soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida e o homem começou a viver.

Como que despertando de um sono, o homem abriu os olhos e contemplou a face meiga de Seu Criador que, sorrindo, beijou-lhe a face agora corada e cheia de vida. Emocionou-se ao ouvir Yahwéh dizer-lhe com voz suave e cheia de afeição: "*Meu filho, meu querido filho!*" Por ter nascido do solo, o primeiro homem recebeu o nome de Adão.

Tomando-o pela mão, Yahwéh levantou-o. Sem perceber o cenário de fulgor que o circundava, Adão, num gesto de gratidão pela existência, envolveu o Criador num terno abraço, prostrando-se em reverente adoração.

As hostes fiéis que admiradas testemunhavam a grandiosa realização divina, emocionadas ante o gesto humano, prostraram-se também em reverente adoração. Uniram então as vozes num cântico de júbilo em saudação àquela criatura especial, que despertava para a vida num momento tão decisivo para o Universo.

Com o coração cheio de felicidade, Adão uniu-se aos anjos em seu cântico de louvor. Sua voz, ao ecoar pelos arredores floridos, misturou-se ao canto das aves e ao mugir de animais que se aproximavam em festa.

Num passeio de surpresas inesquecíveis, Adão foi conscientizado das belezas de seu lar. Com admiração, contemplou o monte Sião, donde jorrava o rio da vida, numa cascata de luz. O glorioso monte jazia coroado por um lindo arco-íris. Em seus passos, seguiu o curso do cristalino rio, que deslizava sereno em meio às maravilhas do Éden. Admirava-se das altaneiras árvores que, embaladas pela brisa, deixavam pender dos ramos abundantes flores e frutos. Inclina-se aqui e acolá, atraído pelo fulgor de pedras preciosas que por todas as partes enfeitavam o gramado.

----\*\*\*----

Com intensa alegria, Adão tomava conhecimento das infindáveis espécies de animais que povoavam o jardim. Todos eram mansos e submissos e viviam em perfeita harmonia e felicidade.

Detendo-se em seus passos, Adão admirou-se da alvura e meiguice de um animalzinho que brincava no gramado. Aproximando-se, tomou-o em seus braços, dedicando-lhe um afeto especial. Como era agradável acariciar sua alva lã! Seus olhinhos meigos refletiam um brilho de amor e humildade. Havia algo de especial naquele animalzinho. Afetuosamente, Adão chamou-o de "cordeiro".

Com o animalzinho em seus braços, Adão olhou agradecido para Yahwéh e O adorou. Contemplando Suas alvas vestes, Seus olhos expressivos de um amor sem par, Adão descobriu que tinha nos braços um símbolo de seu Autor. Feliz, exclamou: "Oh, Senhor, este cordeirinho revestido de tão branca lã, com olhar expressivo de tanto amor, se parece Contigo. Eu quero tê-lo sempre junto a mim."

----\*\*\*----

Observando os animais, Adão percebeu que eles desfrutavam de um companheirismo especial. Via por toda parte casais felizes que viviam um para o outro. Seus pensamentos voltaram-se para o Seu Companheiro. Olhou ao redor e ficou surpreso por não vê-Lo. Yahwéh havia Se ocultado propositadamente, tornando-Se invisível.

Adão sentia-se solitário em meio àquele paraíso. Com quem partilharia sua felicidade e seu amor? Havia ali os animais, mas eles eram irracionais, não podendo compartilhar de seus ideais. Nascia em seu coração, ao caminhar solitário naquele entardecer, um desejo ardente de encontrar alguém que pudesse estar sempre a seu lado.

Enquanto Adão olhava para as distantes colinas na esperança de ver alguém, Yahwéh apresentou-Se ao seu lado e disse-lhe: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma companheira."

Adão ficou feliz ao ouvir do Criador essa promessa, justamente no momento em que tanto ansiava ter alguém para estar sempre visível a seu lado.

----\*\*\*----

Tomado por um profundo sono, Adão reclinou-se no peito de seu amoroso Criador que, com carícias, o fez adormecer. Em seu subconsciente surgiram os primeiros sonhos coloridos:

Contempla o olhar meigo de Yahwéh; ouve o som harmonioso da música angelical; descobre as maravilhas ao redor: o monte Sião com seu arco-íris; o rio da vida; os prados em flor; os animais que o saúdam em festa. Repetem-se em seus sonhos as cenas que o envolveram em seu anseio; olha ao redor na esperança de encontrar seu companheiro, mas não o vê. Sente-se solitário em seu sonho, e isso o faz procurar alguém com quem possa compartilhar sua existência. Seu olhar estende-se por campinas verdejantes, divisando ao longe colinas floridas. Enquanto caminha esperançoso, sente a brisa mansa a afagar-lhe os cabelos macios. Conversa com a brisa: "Brisa, você parece ser quem tanto procuro; você me afaga os cabelos; beija minha face; você tem o perfume das verdes matas. Se eu pudesse ver sua face, beijá-la-ia; se eu pudesse tocar os seus cabelos, faria longas tranças e as enfeitaria com as flores do nosso jardim!"

Após caminhar em sonho pelos prados do paraíso, Adão deteve-se enquanto contemplava a paisagem ao redor. Admirou-se por não ver o efeito da brisa nos ramos floridos. Mas como, se a sentia calidamente no rosto? Começou então a despertar de seu sonho. Ainda com os olhos fechados lembrou-se do momento em que, sonolento, recostara-se no peito de Yahwéh. Seria a brisa o afago de

Suas mãos? Com esta indagação abriu os olhos e emocionou-se ao contemplar uma linda mulher que, com as mãos perfumadas, acariciava-lhe a face com amor. Era a brisa de seu sonho; a promessa de um Criador que só queria fazê-lo feliz.

Agora Adão era completo, pois tinha Eva, que era carne de sua carne e ossos de seus ossos.

Tomando-a pela mão, Adão convidou-a para um passeio de surpresas inesquecíveis. Mostraria à sua companheira as belezas de seu lar.

Sensibilizada Eva detinha-se a cada passo, atraída pelas flores que exalavam suaves perfumes; pelos pássaros que gorjeavam alegres cantos; pelos animais que os seguiam submissos; pela vegetação de ricos matizes; pelas águas cristalinas do rio da vida que jorravam em cascata do monte Sião. Tudo no paraíso era perfeito e belo, mas nada se igualava ao ser humano, criado à imagem de Deus. Voltaram-se um para o outro em admiração e carícias. Embalados por esse amor, permaneceram até o entardecer.

----\*\*\*----

Com deleite, o jovem casal passou a contemplar o sol poente que, através de rosados raios, coloria o céu em lindo arrebol. Era o sexto dia que chegava ao seu final, dando lugar às horas de um dia especial: o sábado. Esse dia, em seu significado, seria solene para todos os súditos de Yahwéh, pois seu alvorecer traria a vitória para o reino da luz.

O sol, que durante o sexto dia alegrara a natureza com seu brilho e calor, ocultou-se, deixando-a em frias sombras. Os alegres pássaros, silenciando seus trinos, buscavam seus ninhos enquanto os outros animais se recolhiam. Somente o casal permaneceu imóvel, procurando divisar, no último lampejo que se apagava no horizonte, a esperança de um novo alvorecer.

Indagavam o sentido das trevas quando, por entre as ramagens, viram um lindo luar, cujos raios prateados banhavam a natureza em suave luminosidade. Todo o céu estava iluminado pelo fulgor das estrelas. Admirados, descobriram que a noite somente era escura quando se olhava para baixo.

Adão e Eva em sua inocência não sabiam que aquela noite simbolizava o futuro sombrio da humanidade. Quando o compreendessem, ficariam confortados ao contemplar o fulgor dos céus: o luar falaria de esperança e as estrelas cintilantes testemunhariam o interesse das hostes da luz em aclarar-lhes as trevas morais, dando alento aos pecadores. Mas seriam iluminados apenas aqueles que, desviando os olhos da Terra, contemplassem os altos céus.

Após contemplar por algum tempo o céu em sua luminosidade, o casal, lembrando-se das belezas do paraíso, volveu os olhos, buscando divisá-las. Estavam, porém, ocultas em meio às sombras. Quanto almejavam o alvorecer, pois somente ele traria consigo o paraíso!

Ante o anseio do coração humano, Yahwéh surgiu em meio às trevas, devolvendo ao casal a alegria de se encontrar novamente num jardim colorido.

Banhados em suave luz, caminhavam agora por prados verdejantes e floridos. o brilho do Criador despertava a natureza por onde passavam, colorindo e alegrando tudo em derredor. O casal, admirado, aprendeu que ao lado de Yahwéh poderiam ter um paraíso em plena noite.

Sentindo-se sonolentos, Adão e Eva recostaram-se no colo do amoroso Pai, que os faz adormecer docemente, esperançosos de um despertar feliz. Deitando-os sobre a relva macia, Yahwéh elevou-Se indo para junto das hostes contemplativas. Voltaria a manifestar-Se ao alvorecer, fazendo

o casal despertar para o mais solene acontecimento, que reduziria a pó as vis acusações dos inimigos.

----\*\*\*----

A noite escura e fria, através de suas longas horas, parecia zombar da luz. Ofuscaria para sempre as belezas da criação? Oh, jamais! O sol não recuaria ante a imponência das trevas; surgiria em breve como um libertador, arrebatando com seus cálidos raios a natureza das frias garras, dando-lhe vida e cor.

Num último desafio, as trevas tornaram-se densas nas horas que antecederam o alvorecer. A noite arregimentava suas forças para lutar pelo domínio usurpado.

Finalmente, surgiu no leste um lampejo que parecia falar de esperança em um novo dia. O céu aos poucos tornou-se colorido de um vermelho vivo. As trevas impotentes recuaram ante a força crescente da luz e foram consumidas em sua fuga. A natureza começou a despertar da longa noite, refletindo em seu seio os saudosos raios. Flores abriram-se, exalando perfumes de alegria; animais e aves, silenciados pela noite, uniram as vozes num cântico triunfal em saudação ao alvorecer daquele dia grandioso.

A negra noite chegara ao fim, dando lugar à luz do dia sonhado - dia que para Deus tinha um sentido especial, pois prefigurava a final vitória de Seu reino sobre o domínio da rebeldia.

Yahwéh agora despertaria Seus filhos humanos que, banhados pela luz de Sua presença, haviam adormecido na esperança de um alvorecer feliz. Numa marcha festiva, todas as hostes santas, com cânticos de vitória, acompanharam-nO rumo ao paraíso banhado em luz. Quando já estavam próximos, o Criador deteve-Se contemplando o casal adormecido, e exclamou suavemente: "Acordem meus filhos." Sua voz penetrou nos ouvidos de Adão e Eva, despertando-os para a mais feliz comunhão. Quão depressa raiara a acalentada manhã, trazendo em sua luz o doce paraíso, perdido naquela noite! Com alegria o casal saudou o divino Criador, unindo-se aos anjos em antífonas triunfais.

----\*\*\*----

O Universo vivia um momento deveras solene. Naquela manhã festiva, Yahwéh haveria de revelar a grandeza de Seu caráter, que é justiça e amor. As acusações de que Seu governo era de egoísmo e tirania seriam refutadas.

Aos olhos de todas as criaturas racionais do vasto Universo, Deus conduziu o jovem casal ao monte Sião, lugar do divino trono. Ali, ante o estremecimento das hostes emudecidas, o Criador, num gesto surpreendente, cobriu o homem com o manto real, colocando sobre sua cabeça a coroa que fora cobiçada por Lúcifer.

Movidos por profunda gratidão pela suprema honra conferida, Adão e Eva prostraram-se reverentes, depondo aos pés do Criador sua coroa preciosa, em sinal de submissão. Seguiu-se a esse gesto humano um brado de vitória que sacudiu toda a Criação. Os filhos da luz, que por tanto tempo haviam sofrido afrontas e humilhações ante as constantes acusações das hostes rebeldes, exaltaram em retumbante louvor o Deus bendito, que em Sua obra de justiça desmentira os inimigos, revelando Seu caráter de humildade, desprendimento e amor.

Tendo constituído o homem como o senhor de toda a criação, Yahwéh, com voz solene, passou a conscientizá-lo da grandiosidade de sua missão. Como um mordomo fiel, deveria cuidar do paraíso, mantendo límpida a fonte do rio da vida. As leis da justiça e do amor, fundamentos do reino da luz, deveriam ser honradas. Como um cetro racional, caberia ao homem, em gesto de reconhecimento e gratidão, aceitar livremente o governo d'Aquele que o criou.



As hostes, que maravilhadas testemunhavam a revelação do desprendimento divino, compreenderam que o Senhor da Luz não governaria mais o Universo, a não ser com o consentimento humano. O homem, pela vontade de Yahwéh, fora feito o árbitro da criação; em seu glorioso ser, feito à imagem do Criador, resplandecia o selo do eterno domínio.

----\*\*\*----

Após revelar ao casal a infinita honra e responsabilidade de sua missão, o Criador conscientizou-o do conflito espiritual que se travava pela conquista do domínio universal: Lúcifer, que por incontáveis eras servira ao divino Rei em Sião, havia sido corrompido pelo orgulho e pelo egoísmo, sendo seguido por um terço das hostes racionais; buscavam agora destronar o Eterno, desonrando-O com vis acusações.

Tendo revelado ao ser humano a dolorosa situação em que o Universo se encontrava, Yahwéh, num gesto solene, mostrou-lhe duas altaneiras árvores que, carregadas de grandes frutos, se erguiam em ambas as margens do rio que nascia do trono. A que se elevava à direita revelou o Senhor ser a árvore da vida monumento do reino da luz. A que se erguia à outra margem revelou ser a árvore da ciência do bem e do mal - símbolo da rebeldia.

Comendo do fruto da árvore da vida, o homem manifestaria sua submissão ao Criador, que é Fonte de vida e luz. Comer da outra árvore seria entregar ao inimigo o domínio de Sião. O inevitável resultado desse passo seria a morte eterna, não somente para o ser humano, mas para toda a criação, que se reduziria ao caos sob a fúria da rebeldia.

Após contemplar demoradamente as duas altaneiras árvores, que externavam em seus frutos tão infinita responsabilidade, Adão prostrou-se ante o Criador, dizendo: "Digno és Senhor de reinar sobre o Universo, pois pela Tua sabedoria, amor e poder todas as coisas foram criadas e subsistem."

O sábado, emblema do triunfo divino, encheu-se de louvor. Todos os filhos da luz uniram-se ao ser humano no mais harmonioso cântico de exaltação Àquele cuja grandeza é sem par.

----\*\*\*----

Foi com espanto que Satã e seus seguidores testemunharam a grandiosa realização de Yahwéh. Presenciaram com amargura a alegria dos fiéis ante a coroação do homem- acontecimento que lançara por terra as fortes acusações que eles haviam levantado contra o governo divino. Cheios de frustração e ira, consideravam agora sua triste condição. Quão terrível e humilhante era-lhes o pensamento de verem seus planos de rebeldia desfazerem-se diante do Criador, semelhantes às sombras daquela noite. Se pudessem, pensavam, encheriam o sábado de trevas, banindo da mente dos súditos de Yahwéh qualquer esperança de vitória.

Finalmente, em suas considerações, Satã e seus liderados compreenderam que lhes restava uma oportunidade: no meio do jardim do Éden, nas alturas de Sião, elevava-se, junto ao rio da vida, a árvore da ciência do bem e do mal. Bastaria um gesto humano, nada mais, e teriam sob seu poder, para sempre, o domínio cobiçado. Mas como seduzi-lo?

Animado ante a perspectiva de uma conquista, Satã procurou, com engenhosidade, arquitetar um plano de abordagem. Sabia que, se falhasse em sua tentativa, todas as esperanças de triunfo ter-se-iam diluído, desfazendo-se todos os seus sonhos de aventura. Concluiu que o engano haveria de ser sua poderosa arma. Não fora através dele que conseguira dominar um terço das hostes celestes?! Aguardaria, portanto, um momento propício para armar sua cilada.

----\*\*\*----

No Éden pairava a doce calma de uma perfeita paz. Por todos os lados os amáveis passarinhos faziam ouvir seus alegres trinos em louvor constante ao Criador. Toda a natureza a florir parecia proclamar um reino de eterna alegria. Os animais em união brincavam por toda parte, sempre submissos ao homem, o senhor daquele paraíso encantador.

Tudo era felicidade para o casal; mas esta tornava-se mais intensa na viração daqueles dias primaveris. O arrebol, que com sua beleza coloria o céu prenunciando as escuras noites, anunciava-lhes também o momento da visita diária de Yahwéh. Juntos, sob a luz de Sua presença, passavam longo tempo em feliz conversação. Com ânimo, o casal contava ao Senhor as surpreendentes maravilhas que iam descobrindo a cada dia na natureza. Deus, com carinho, descerrava-lhes o significado de cada ser. Como ficavam gratos pelas lindas lições aprendidas a Seus pés! A cada dia que passava, maior era o amor, o respeito e a admiração pelo grandioso Criador. Como Ele fora bom, trazendo-os à existência e concedendo-lhes um lar tão cheio de delícias! Ao despertarem para as alegrias de cada dia, vinham-lhes à lembrança as carícias e o doce canto de Yahwéh, que os fazia adormecer todas as noites.

A vida de Adão e Eva no Éden não era de ociosidade. A eles foi recomendado o cuidado do jardim. Sua ocupação não era cansativa, ao contrário, era agradável e revigorante. O Criador indicara o trabalho como uma fonte de benefícios para o homem, a fim de ocupar-lhe a mente e fortalecer-lhe o corpo, desenvolvendo-lhe todas as faculdades. Na atividade mental e física, o homem encontrava um elevado prazer.

Era comum ao jovem casal receber visitas de seres celestes. Aos visitantes sempre tinham novidades a relatar e perguntas a fazer. Passavam longo tempo ouvindo deles sobre as maravilhas do reino de luz. Através desses visitantes, Adão e Eva passaram a ter amplo conhecimento da rebelião de Lúcifer e de suas eternas conseqüências. Aos visitantes, Adão e Eva sempre pediam que lhes ensinassem os harmoniosos cânticos celestiais. Como se deleitavam ao unirem as vozes ao coro angelical!

----\*\*\*----

Em Sua onisciência, Deus tinha conhecimento do terrível intento do inimigo. Convocando as Suas hostes principais, revelou-lhes com pesar o iminente perigo que pairava sobre o Universo. Satã haveria de armar uma cilada, a fim de levar o homem a comer da árvore da ciência do bem e do mal. Ante essa revelação, os filhos da luz ficaram temerosos, pois conheciam a tremenda facilidade de Satã em enlaçar criaturas inocentes e atirá-las em suas malhas de morte.

No solene concílio, decidiram enviar, com urgência, mensageiros para advertirem o homem do grande perigo. Dois poderosos anjos foram encarregados dessa decisiva missão.

Imediatamente, os mensageiros comissionados irromperam pelos portais de Jerusalém, alcançando o seio do espaço infinito. Em instantes, transpuseram imensidões, cruzando galáxias no percurso. Penetraram no túnel da constelação de Orion, aproximando-se do novo sistema. Podiam agora divisar a pouca distância o planeta azul, onde o destino do Universo estava para ser decidido.

No Éden, havia descontração. O jovem casal continuava em suas inocentes atividades, desfrutando o prazer de um viver feliz. Longe estavam de pensar que naquele momento todo o todos os filhos da luz estavam tensos, pensando em seu futuro ameaçado. Viram então no límpido céu o sinal da aproximação dos visitantes celestes e a eles ergueram os braços numa alegre saudação. Adão e Eva admiraram-se, porém, por não verem no semblante deles a mesma alegria. Os visitantes traziam na face uma expressão de anseio que eles não podiam entender. Tentaram mudar-lhes a triste

feição, contando-lhes as novas descobertas feitas no paraíso. Os mensageiros, todavia, não tendo tempo disponível como outrora, interromperam-nos com palavras de advertência. Satã haveria de armar-lhes uma cilada, a fim de levá-los a comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Se dessem ouvi dos à tentação, fariam sucumbir toda a criação no abismo de um eterno caos.

Os anjos lembraram-lhes que o reino lhes fora confiado como um sagrado depósito, devendo, em uma vida de fidelidade, honrar Aquele que por amor esvaziou-Se, colocando-Se numa posição de hóspede do ser humano. Adão e Eva deveriam ser firmes ante as insinuações do inimigo, pois assim selariam a eterna vitória do reino da luz.

Falando-lhes da feliz recompensa que se seguiria ao seu triunfo, os anjos revelaram que era plano de Deus a transferência de Jerusalém Celeste para a Terra. Ali, novamente acoplada ao paraíso, permaneceria para sempre. E o homem, submisso ao Criador, reinaria pelos séculos sem fim sobre o monte Sião, em meio aos louvores das hostes universais.

Mas tudo isso dependia inteiramente do posicionamento humano frente às tentações do inimigo, que faria de tudo para arrebatá-lo o reino.

Adão e Eva ficaram temerosos ao conhecerem os planos de Satã, mas foram consolados ao saberem que ele não poderia fazer-lhes nenhum mal, forçando-os a comer do fruto proibido. Se, porventura, procurasse intimidá-los com seu poder, todas as hostes de Yahwéh viriam em seu socorro.

Os mensageiros da luz concluíram sua missão recomendando ao casal permanecerem vigilantes, tendo sempre em mente a responsabilidade que sobre eles repousava. Não deveriam separar-se um do outro, nem por um momento sequer, pois a sós poderiam ser seduzidos.

Adão e Eva, agradecidos pelas advertências dos anjos, uniram as vozes num cântico de promessa em uma eterna vitória. Estavam certos de que jamais abandonariam o bendito Criador, ouvindo a voz do tentador.

Animados ante a promessa humana, os dois mensageiros retornaram ao seio da Jerusalém Celeste onde, junto às hostes santas, aguardariam com anseio o anelado triunfo.

----\*\*\*----

Satã viu aproximarem-se do paraíso os mensageiros e ouviu o canto do homem prometendo uma eterna vitória. Esse cântico fez com que sua inveja e ódio aumentassem de tal maneira que não os pôde conter. Disse então a seus seguidores que em breve faria silenciar aquela voz irritante. Faria tudo para transformar o louvor humano em blasfêmias ao Criador.

As hostes rebeldes ficaram curiosas para conhecer os planos de seu chefe, mas foram por ele advertidas de que deveriam aguardar até que tudo ficasse para sempre decidido. Se o homem ouvisse sua voz, comendo do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, seria vitorioso, possuindo para sempre o domínio do Universo. Caso o homem resistisse, permanecendo fiel ao Criador, já não haveria qualquer esperança para eles.

O paraíso parecia estar envolvido por uma eterna segurança, mas no semblante do homem podia ser vista uma expressão de temor. Desde a partida dos anjos, Adão e Eva permaneciam silenciosos, meditando com reverência sobre a tremenda responsabilidade de sua missão. Pensavam na seriedade daquela iminente prova que haveria de selar o seu futuro e o de toda a Criação. Animados, contudo, ante o pensamento da vitória, uniram mais uma vez as vozes num cântico que expressava a certeza do triunfo anelado. Essa melodia banuiu de suas mentes todo o medo de derrota e, alegres, correram pelos prados verdejantes, acompanhados pelos fogosos animais que pareciam

comemorar a grande conquista. Sentiam-se seguros em seu paraíso, totalmente esquecidos do perigo de um possível assalto.

----\*\*\*----

Satã, que observava atentamente o casal, percebeu estar chegando a sua oportunidade. Aproximou-se de forma invisível do paraíso, e ficou esperando o melhor momento para armar sua cilada.

Inconsciente da presença do inimigo, o casal continuava em sua despreocupada alegria, brincando despreocupadamente com os animais. No semblante transtornado de Satã estampou-se um maldoso sorriso, ao presenciar um descuido do casal: em sua exaltação, haviam deixado de atender a última recomendação dos mensageiros, afastando-se um do outro. O astuto inimigo, não perdendo tempo, apossou-se de uma serpente, a mais bela do paraíso, fazendo-a aproximar-se graciosamente de Eva.

Eva, que assentada no gramado brincava com os animais, percebeu a presença da atraente serpente, cujo corpo refletia as cores do arco-íris. Ficou admirada ao vê-la colher flores e frutos do jardim, depositando-os a seus pés. Agradecida, tomou-a nos braços, dedicando-lhe afeto.

Tendo conquistado a afeição da mulher, Satã, em sua astúcia, começou a atraí-la para junto da árvore da ciência do bem e do mal. Sem se dar conta do perigo, Eva acompanhou a serpente até a árvore da prova. Ali, tendo nos braços o inimigo velado, acariciou-o e disse-lhe palavras de carinho. Tendo nos olhos o brilho da sedução, a serpente pôs-se a falar. Suas palavras eram cheias de sabedoria e ternura e sua voz como a de um anjo. Eva mal pôde crer no que via. Sua alegria tornou-se imensa por ter nos braços uma criatura tão fantástica. Passaram a conversar sobre muitas coisas: o amor; as belezas do jardim; o poder do Criador. Eva ficou admirada ante o conhecimento tão vasto da serpente, que discorria com maestria sobre qualquer assunto. Envolvida por essa experiência, Eva esqueceu-se completamente de seu companheiro. Nem sequer passavam pela sua mente as advertências dos anjos.

----\*\*\*----

Adão, inteiramente esquecido dos conselhos dos mensageiros celestes, havia se afastado na companhia de alguns animais. Depois de certo tempo, sobreveio com ímpeto em sua mente a lembrança das advertências recebidas. Soaram em seus ouvidos com clareza as últimas palavras proferidas pelos anjos: "Não se afastem um do outro... Não se separem nem por um instante, pois é perigoso." O seu coração pulsou forte por não ver Eva a seu lado. Ergueu então a voz num grito ansioso. Sua voz, ao ecoar pelas abóbadas do paraíso, contudo, não trouxe consigo uma resposta. O silêncio quase o sufocou. Em sua aflição pôs-se a correr de um lado para outro, procurando-a, em vão. Nessa ansiosa busca, sentiu a brisa afagar-lhe os cabelos e recordou seu primeiro sonho. Essa lembrança, no entanto, desfez-se ante o pensamento do perigo que os ameaçava.

Com a mente tomada por um grande senso de culpa, Adão apressou o passo na aflitiva procura. Onde estaria a sua amada? A envolveria a tempo em seus braços, livrando-a de cair? Mais uma vez ergueu a voz num grito ansioso que repercutiu por todo jardim: "Eva, onde você se encontra?" Aguardou uma resposta, mas ouviu somente um eco vazio que o desesperou. Lembrou-se da árvore da ciência do bem e do mal; ali era o único lugar em que sua companheira poderia ser iludida. Esperando obstruir a única oportunidade do inimigo, avançou em direção ao lugar da prova. Seu coração pulsou forte ao contemplar ao longe a copa da árvore proibida.

----\*\*\*----

Com a serpente em seus braços, Eva interrogou-a a respeito de muita coisa. Maravilhou-se ao perceber que a serpente a sobrepujava grandemente em conhecimento. Cheia de curiosidade,

perguntou à serpente:

- Onde está a fonte de seu tão grande saber? Responda-me, pois quero também possuí-la.

Sem perder tempo, Satã, apontando para a árvore da ciência do bem e do mal, respondeu:

- Ali está a fonte de todo meu saber.

Ele conta então uma mentirosa história: disse que era uma serpente como as demais, comendo dos frutos do paraíso. Provando certo dia daquele fruto proibido, recebeu, como que por encanto, todas as virtudes.

Olhando para a árvore da ciência do bem e do mal, Eva ficou surpresa e confusa. Privaria o Criador em seu amor algo tão bom às suas criaturas?! Vendo-a surpresa, Satã perguntou:

- É assim que Deus disse: Não comereis de todas as árvores do jardim?

Eva, inquieta, respondeu:

- Dos frutos das árvores do jardim comemos, mas do fruto dessa árvore que você diz ser fonte de sabedoria, disse Deus: "Não comereis dele, para que não morrais."

A serpente em tom de desdém disse:

- Isso é falso. Se fosse assim, eu teria morrido. Certamente Yahwéh os proibiu de comer dessa árvore para impedir que o homem venha a se tomar como Ele, conhecendo todas as coisas.

As palavras sedutoras da serpente causaram confusão na mente de Eva. Em quem confiaria? Tinha em mente a lembrança da ordem do Criador e de sua sentença, mas ao mesmo tempo tinha diante de si uma prova palpável que O contradizia. Atordoada, começou a duvidar do caráter de Yahwéh.

Num desafio, a serpente colheu frutos da árvore proibida e passou a saboreá-los. Colocando um fruto nas mãos da mulher, incentivou-a a comer, dizendo:

- Não disse Yahwéh que se alguém tocasse nesse fruto morreria?

----\*\*\*----

Um completo silêncio pairava sobre o Universo. Em cada planeta habitado, os filhos da luz contemplavam impotentes aquela angustiante cena. O futuro deles estava em jogo.

Em Jerusalém havia grande comoção. Poderosos anjos apresentaram-se diante do Criador, solicitando permissão para esmagarem o covarde inimigo, oculto naquela serpente. Yahwéh, contudo, impediu-lhes tal ação. Se o uso da força fosse a solução, já o teria aplicado. Deviam respeitar o livre-arbítrio concedido ao homem, podendo ele manifestar sua escolha sob a tentação do inimigo.

Os filhos da luz sofriam imensamente ao verem a mulher duvidando d'Aquele que tão bondosamente lhes dera a vida e a oportunidade de reinarem naquele paraíso. Como poderia duvidar de quem lhes dedicava tanto amor?!

Adão, que numa forte esperança de assegurar a acalentada vitória apressava-se em sua corrida, contemplou ao longe sua amada, assentada junto à árvore da prova. O que fazia Eva naquele lugar tão perigoso?! Um pressentimento horrível lhe sobreveio, ao lembrar-se mais uma vez das advertências recebidas, mas procurou bani-lo como pensamento de que alcançaria sua esposa antes que algum mal

lhe ocorresse.

Eva vacilava em sua convicção ao contemplar o fruto em suas mãos. Por alguns momentos o futuro pareceu-lhe sombrio e aterrador, mas venceu esse sentimento, pensando nas glórias que haveria de conquistar ao comer aquele fruto. Ainda um tanto indecisa, ergueu vagarosamente as mãos até tocar o fruto com os lábios.

Os súditos do reino da luz, estremecidos, inclinaram-se tomados por grande espanto. Parecia quase impossível, àquela altura, a mulher voltar atrás.

Enquanto pálidos os fiéis indagavam sobre uma possível esperança, presenciaram com horror a terrível decisão de Eva: resolvera romper para sempre com o Criador, tornando-se cativa da morte.

Yahwéh, que em silente dor contemplava aquela cena de rebelião, curvou a fronte tendo a face banhada de lágrimas. Não podia suportar a dor daquela separação.

Os fiéis, que em pânico julgavam-se vencidos, foram conscientizados de que nem tudo estava perdido. Se Adão resistisse à tentação, permanecendo fiel a Yahwéh, ele selaria a grande vitória. Eva, que fora vítima de um engano, poderia ser conscientizada de seu erro, sendo favorecida com o perdão divino.

Quando Adão em sua angustiosa corrida alcançou o lugar da provação, já era tarde demais. Assentada junto ao rio, Eva saboreava despreocupadamente o fruto proibido. Adão estremeceu. Seria mesmo o fruto da prova? Num gesto de esperança olhou para a árvore da ciência do bem e do mal, mas em pranto reconheceu a triste condenação. Cheio de tristeza contemplou sua esposa, mas não encontrou palavras para despertá-la para tão amarga realidade. Em completo desespero, ergueu a voz numa dolorosa exclamação: "Eva, Eva, o que você está fazendo!"

Ao comer do fruto proibido, a mulher foi tomada por emoções que a fizeram imaginar haver alcançado uma esfera superior de vida. Ao ouvir a voz de seu esposo, ainda tomada pelas ilusórias emoções, ergueu a fronte estampando um sorriso, mas surpreendeu-se ao vê-lo chorando.

Com profunda amargura, Adão procurou saber a razão que a levava a rebelar-se contra Yahwéh. Eva, prontamente, passou a contar-lhe a fantástica história da sábia serpente.

Satã sabia que essa história de serpente jamais convenceria o homem a comer do fruto da árvore proibida. Precisava encontrar uma maneira sutil de levá-lo a selar sua sorte seguindo os passos de sua esposa. Tendo Eva sob seu poder, resolveu fazer dela o objeto tentador. Aguardaria o momento oportuno para enlaça-lo.

----\*\*\*----

No dia em que dela comerdes, certamente morrereis. A lembrança desta sentença deixava Adão muito aflito. A expectativa de ver sua amada perecendo em seus braços, era demais para suportar. Esta aflição, contudo, foi diminuindo, ao ver que ela continuava feliz e carinhosa ao seu lado, como se nenhum mal lhe houvesse acontecido. Aliviado, Adão voltou a sorrir, correspondendo aos afetos de sua companheira. Rendia-se às mais doces emoções, longe de saber que era o inimigo quem o envolvia naqueles abraços.

Nesse momento de enlevo, Eva começou a falar-lhe de sua experiência com a ciência do bem e do mal. Falou-lhe dos tesouros da sabedoria que lhe haviam sido abertos. Em seu novo reino, viveria muito feliz. Entretanto, essa felicidade seria incompleta sem a participação de seu esposo. Falou-lhe da impossibilidade de retroceder em seus passos, e insistiu para que ele a seguisse.

Depois de falar-lhe de sua decisão, Eva, com um doce sorriso, estendeu-lhe as mãos contendo um fruto, pedindo-lhe que o comesse numa demonstração de seu amor por ela.

Com a voz tentadora em seus ouvidos, Adão assentou-se no gramado em profunda reflexão. Sua face tornou-se novamente pálida e suas mãos trêmulas. Temia rebelar-se contra o Criador, mas ao mesmo tempo compreendia que não conseguiria viver separado de sua companheira, a quem amava com infinito amor. Eva era carne de sua carne, a extensão de seu ser.

Sentia-se angustiado ao ter de tomar uma decisão tão séria.

A palidez do rosto de Adão refletiu-se no semblante de todos os fiéis de Yahwéh. Ouviram a insinuação do inimigo e perceberam com horror a vacilação do homem. A indecisão de Adão deixava-os desesperados. Obedecesse ele àquela proposta de Satã, toda felicidade seria eternamente banida. Nas decisões do ser humano estava o destino de todo o Universo. Atenderia ele ao apelo de Satã?

Depois de intensa luta íntima, Adão olhou para sua companheira; a ela unira-se em promessas de uma eterna entrega. Não a deixaria só agora. Partilharia com ela os resultados da rebelião. Tomou então das mãos de Eva um fruto e, num gesto apressado, levou-o à boca.

Procurando abafar a voz de sua consciência, que lhe falava de uma eterna perdição, Adão lançou-se nos braços de sua esposa, desfrutando o alto preço de sua rebelião.

Satã, com brados de triunfo, deixou o paraíso, voando rapidamente para junto de suas inumeráveis hostes, que aguardavam ansiosas o resultado de tão arriscada tentativa. Ao saberem da desgraça humana, uniram-se numa estrondosa festa. Sentiam-se seguros. São agora lhes pertencia por direito, podendo lá estabelecer um reino eterno, jamais sendo molestados pelas leis de Yahwéh.

---\*\*\*---

Em todo o Universo os filhos da luz sofriam e pranteavam a derrota. Nunca houvera tanta tristeza e horror ante o futuro. As vozes que viviam a entoar louvores ao Criador proferiam agora lamentações.

Yahwéh, que vencido por infinita dor prostrara -Se em pranto ante a queda do homem, não fora, contudo, surpreendido. Antes mesmo de criar o Universo já havia previsto esse triunfo da rebeldia e, em Sua sabedoria e amor, idealizara um plano de resgate que O envolveria num imenso sacrifício. Enxugando as lágrimas de Seu pranto, pôs-Se a agir poderosamente em favor de Seus fiéis aflitos, impedindo-os de caírem nas mãos dos inimigos. Nessa misteriosa intervenção que aparentemente depunha contra a justiça, Yahwéh ordenou que Seus mais poderosos anjos circundassem imediatamente o jardim do Éden, impedindo que Satã tomasse posse do monte São. Consoladas ante a manifestação divina, as potentes criaturas, em pronta obediência, romperam o espaço infinito, circundando em instantes o paraíso, no seio do qual o ser humano, já transtornado pelo pecado, vivia o negror de uma noite que seria longa e cruel.

Sendo a autoridade de Yahwéh fundamentada na justiça, de que maneira poderia justificar Suas ações diante dos inimigos? Não entregara por Sua vontade o reino ao homem, e esse por livre escolha não o submetera a Satã? Enquanto surpresas as criaturas racionais consideravam as ações decisivas de Deus, ouviram Sua potente voz que, repercutindo por toda a criação, trazia a revelação do grande mistério - revelação tão maravilhosa que a partir daquele momento, por toda a eternidade, ocuparia a mente dos fiéis, sendo tema para as mais doces meditações.

Yahwéh falou primeiramente sobre a terrível condenação que pendia sobre o homem e toda a criação. Disse que, ao se desligar da Fonte da Vida, o homem havia se precipitado em tão profundo

abismo que não poderia ser alcançado pelo Seu braço de justiça e poder. Humilhado e torturado pelas garras do inimigo, não restava ao homem outra sorte além da morte - fruto doloroso de sua espontânea rebelião.

Considerando a situação humana, as hostes da luz não viam possibilidades de triunfo. Sabiam que só o homem poderia retomar o domínio do inimigo, devolvendo-o ao Criador. Mas o ser humano, eternamente escravizado em sua natureza, seria incapaz de tal vitória.

Com voz melodiosa e cheia de ternura, Deus revelou o plano da redenção, dizendo: "Na verdade, o homem colherá o fruto de sua rebelião numa terrível morte. Não posso, com o meu poder, mudar-lhe a sorte. Se assim agisse, seria injusto diante de meu decreto. Mas farei cair toda a condenação sobre um Substituto que surgirá na descendência humana. Esse Homem não trará em suas mãos as algemas da morte, sendo inocente e incontaminado em Sua natureza. Como representante da raça humana, enfrentará Satã e o vencerá. Após triunfar nessa batalha, provando que o amor é mais forte que o egoísmo, que a verdade é mais forte que a mentira, que a humildade é mais poderosa que o orgulho, o fiel Substituto erguerá as mãos vitoriosas não para saudar a grande conquista, mas para tomar das mãos da humanidade escravizada a taça de sua condenação. Sorverá assim, submisso, o cálice da eterna morte. Esse imenso sacrifício abrirá aos seres humanos uma oportunidade de serem redimidos, voltando aos braços do Criador, juntamente com o domínio perdido."

As hostes, surpresas ante a revelação de Yahwéh, indagaram a identidade d'Esse Substituto. O Criador, com um sorriso amoroso, disse-lhes:

"Eu serei esse Homem. O Meu Espírito repousará sobre uma virgem, e nela será gerado um Filho Santo. Esse menino será divino e humano. Em sua humanidade, ele será submisso à divindade que n'Ele habitará. Os remidos verão n'Ele o Pai da Eternidade, o Criador e Redentor, o Rei dos reis. O Seu nome será Yoshua (nome hebraico que traduzido significa Yahwéh salva)."

Assumindo a natureza humana, Deus poderia pagar o alto preço do resgate, morrendo em lugar dos pecadores.

As hostes da luz ficaram emudecidas ao conhecer o plano do Criador. O pensamento de verem-se submetidos a tão penoso sacrifício, a fim de redimir o domínio perdido, era demais para suportarem. Não havia, contudo, outra esperança de vitória, a não ser através dessa amorosa entrega.

----\*\*\*----

Após desfrutar o alto preço do pecado, o jovem casal sentiu-se mal. Inicialmente sentiram um grande vazio no coração, que logo foi preenchido pelo remorso e pela tristeza. Perceberam que, inspirados pela cobiça, haviam selado sua triste sorte e a de toda a criação. Parecia-lhes ouvir ao longe o gemido de um Universo vencido.

O sol, que os encheva de vida e calor naquele dia, ocultava-se no horizonte, anunciando-lhes uma negra noite. O arrebol, que até ali anunciara-lhes o feliz encontro com o Criador, parecia envolvê-los numa sentença de que jamais despertariam para um novo dia. Não ousavam sequer olhar para cima, temendo ver cair sobre eles o raio do juízo que os reduziria a pó. Com o olhar voltado para o frio solo, vinha-lhes à lembrança a sentença: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis." Desesperadas lágrimas rolavam em seus rostos ao aguardarem o trágico fim.

Ao considerar o motivo de sua rebelião, Adão começou a recriminar sua esposa por ter dado ouvidos à serpente. Eva, por sua vez, procurando desculpar-se, lançou a culpa sobre o Criador, dizendo: "Por que Yahwéh permitiu que a serpente me enganasse?!"



O amor que reinava no coração humano desaparecia, dando lugar ao orgulho e ao egoísmo, que se fundiam em ressentimentos e ódio. Sua natureza já não era pura e santa, mas corrompida e cheia de rebeldia. Tudo estava mudado. Mesmo a brisa mansa que até ali os havia banhado em carícias refrescantes, enregelava agora o culposo par. As árvores e os canteiros floridos, que eram seu deleite, consistiam agora em empecilhos ao caminharem sem rumo naquela noite.

O propósito de Satã em encher o sábado de trevas parecia haver se cumprido. Naquela noite, não existia sequer o reflexo prateado do luar para falar-lhes de esperança. As estrelas cintilantes, suspensas no escuro céu, estavam ofuscadas pela dor. Baixavam sobre o mundo as trevas de uma longa noite de pecado - sombras sob as quais tantos se arrastariam sem esperança de um alvorecer.

-----\*\*\*\*\*-----

A noite já ia alta e as trevas pareciam envolver o triste casal em eternas sombras. Nem sequer cogitavam em suas poucas palavras, sufocadas pela agonia, de um alvorecer. Cabisbaixo, tateavam daqui para ali, na expectativa do juízo iminente, que os reduziria ao frio pó, esquecido sob aquelas trevas sem fim.

Surgiu repentinamente um brilho no céu, que ia aumentando à medida que se aproximava da Terra. O casal estremeceu, pois sabia que era o Criador que vinha dar-lhes o castigo. Vencidos pelo pânico, puseram-se a correr, distanciando-se do monte Sião, o lugar da vergonhosa queda. Justamente para ali viram o Criador dirigir-Se. Eles, que sempre corriam ao encontro do amoroso Pai, atraídos por Sua luz, fugiam agora desesperados em busca de lugares escuros, de densa floresta.

Yahwéh, movido por infinito amor, passou a seguir os passos do casal fugitivo. Enquanto caminhava, chorava ao lembrar os momentos felizes que havia passado junto a eles naquele paraíso. Como tudo se transformara! Seus filhos não conseguiam mais ver n'Ele um Pai de amor, mas alguém que, irado, buscava castigá-los.

Movido por forte anseio de abraçar Seus filhos humanos, Deus fez ecoar a voz numa indagação: "Adão, onde vocês se encontram?" Sua voz, ao soar em meio às trevas, trazia consigo somente um eco vazio que falava de ingratidão e rebeldia. Como desejava envolver o casal num ardoroso abraço, e com palavras de carinho confessar-lhe que Seu amor era o mesmo!

Ao ver Seus filhos fugindo de Sua presença, Yahwéh foi tomado de grande dor. Ante Seu olhar mareado de lágrimas, estendia-se o futuro da raça humana. Quantos, enganados por Satã, fugiriam de Sua presença no decorrer da longa noite de pecado, julgando-No um Senhor tirano, que vive buscando falhas e fraquezas nos pecadores, a fim de castigá-los! O Criador, todavia, não desistiria de procurá-los pelos vales sombrios do reino da morte, até conquistar um povo arrependido.

Adão e Eva, exaustos pela pressurosa fuga, esconderam-se por entre a folhagem de um pé de figueira. Reconhecendo sua nudez, procuraram fazer aventais cosendo aquelas folhas. Vestidos assim, julgaram poder livrar-se do sentimento de vergonha ante o Criador.

Yahwéh, aproximando-Se do local onde o casal se escondia, perguntou:

- Adão, onde estão vocês?

Não podendo mais se ocultar de Deus, Adão ergueu-se juntamente com sua companheira e, cabisbaixos, apresentaram-se ao Criador, prostrando-se trêmulos a Seus pés. Não conseguiram encará-Lo mais, devido ao senso de culpa.

O Criador, carinhosamente, tomou-os pelas mãos, erguendo-os do chão, e, com expressão de tristeza no semblante, perguntou-lhes:

- Por que vocês fugiram de Mim? Acaso comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal?

Adão, todo trêmulo, com voz entrecortada por soluços de temor, respondeu:

- A mulher que me deste por companheira, ela deu-me o fruto e eu comi.

Com esta resposta, Adão procurava desculpar-se, lançando a culpa sobre sua esposa.

Voltando-Se para Eva, Yahwéh indagou-lhe:

- Por que você fez isso?

Eva prontamente respondeu-Lhe:

- Aquela serpente me enganou e eu comi.

Ambos não queriam reconhecer a culpa, lançando-a sobre outrem. Em suma, atribuíam ao Criador a responsabilidade por todo o mal praticado: "Por que concedera-lhes o livre-arbítrio? Por que criara a mulher? Por que criara a serpente?"

Silente, Deus observava Seus filhos que, tímidos e desconcertados, permaneciam diante de Si. Com profunda tristeza, Ele previu que essa seria a experiência de incontáveis seres humanos no decorrer da história. Quantos haveriam de se perder por não reconhecerem a própria culpa! Quantos procurariam justificar-se, lançando seus erros sobre os outros e até mesmo sobre o Criador!

Com palavras brandas, Yahwéh procurou fazê-los reconhecer sua culpa. Somente reconhecendo sua necessidade, poderiam ser ajudados.

Olhando para as frágeis vestes tecidas por mãos pecadoras, disse ao casal:

- Filhos, essas vestes são insuficientes, logo secando se desfarão. Vocês precisam de vestes duradouras, que possam cobrir vossa nudez, livrando-vos da condenação. Se vocês quiserem, Eu posso dar-lhes essa veste.

Ante as palavras bondosas do Criador, que traziam esperança, o casal prostrou-se arrependido, despindo-se de suas ilusórias vestes, símbolos de seu fracasso. Almejavam agora as vestes da salvação, prometidas pelo divino Pai.

-----\*\*\*\*\*-----

Depois de contemplar Seus filhos que, arrependidos, jaziam a Seus pés, Yahwéh tomou-os carinhosamente pelas mãos e os levantou. Alegrou-Se em poder revelar ao homem caído o plano da redenção.

Com ternura, Deus passou a descerrar-lhes primeiramente os amargos resultados de sua queda, dizendo: "Filhos, vocês selaram o destino de toda a criação nas garras da morte. A desarmonia já permeia a natureza, procurando destruir nela todas as virtudes. O abismo no qual vocês imergiram pela desobediência é por demais profundo para que possam ser alcançados pelo meu poderoso braço. Assim, desligado da Fonte da Vida, não resta mais ao ser humano outra sorte além da morte."

Depois de proferir estas palavras que revelavam uma triste sorte, Yahwéh convidou o casal a segui-Lo. Cabisbaixos, Adão e Eva, em pranto, seguiram o Criador em Seus passos de justiça, que encaminhavam-nos ao lugar da vergonhosa queda, onde supunham encontrar o doloroso fim. Nessa

dolorosa caminhada, soluçaram ao lembrar seu passado de glória desfeito pela ingratidão. Como doía-lhes na alma a terrível expectativa de serem reduzidos, juntamente com a criação, a frias cinzas sob a escuridão daquela noite de pecado!

Enquanto caminhavam, contemplavam através das lágrimas as belezas adormecidas banhadas pela luz de Deus. Viam os inocentes animais, que não tinham consciência da grande dor. Subitamente, o casal se deteve, vencido por intenso pranto; seus vacilantes passos os haviam levado para junto de um cordeiro, o animalzinho mais querido. Seus olhinhos de meiguice haveriam também de se apagar?!

Enxugando-lhes as lágrimas, Yahwéh ordenou-lhes tomar nos braços o inocente cordeiro.

Envolvendo-o junto ao peito, acompanharam silentes os passos do Criador, até alcançarem o topo do monte Sião, lugar da vergonhosa queda. Contemplando ali os restos dos rubros frutos, com ímpeto lhes veio à mente a lembrança da sentença divina: "No dia em que dela comerdes, certamente morrereis."

O terrível momento chegara. O homem culpado deveria sorver o amargo cálice da morte, sucumbindo sem esperança. Consciente de sua perdição, o casal percebeu, com horror, que as mãos que os trouxeram para a vida empunhavam agora um cutelo pontiagudo de pedra. Trêmulos, prostraram-se e esperaram pelo cumprimento da justa sentença.

Enquanto emudecidos pelo medo, Adão e Eva aguardavam o golpe que os reduziria a pó, sentiram o toque macio das mãos divinas que os erguiam para uma nova vida. A condenação, contudo, haveria de recair sobre um substituto.

Colocando nas mãos de Adão o cutelo, o Criador lhe disse:

- O cordeiro morrerá em lugar de vocês.

Adão deveria sacrificá-lo.

Assustado ante a ordem de Deus, o casal, em pranto, pôs-se a clamar:

- Senhor, o cordeirinho não, ele é inocente! Com expressão de justiça, Yahwéh acrescentou:

- Se ele não morrer, vocês não poderão ter as vestes das quais falei.

Ante a insistência do Criador, Adão, todo tremulo, num esforço doloroso, cravou no peito do cordeirinho aquela aguda pedra. O golpe foi fatal, e o animalzinho, vertendo seu precioso sangue, mergulhou nas trevas de uma noite sem fim.

Contemplando o cordeirinho inerte sobre a relva ensangüentada, o casal ergueu a voz e chorou. Começavam a compreender a enormidade de sua tragédia. Quão terrível era a morte! Ela, em seu poder, apagara toda a luz dos olhos do inocente animal.

Inclinando-Se silente sobre o corpo inerte do cordeiro, Yahwéh tirou-lhe a pele revestida de branca lã e com ela fez túnicas para cobrir a nudez do casal. Após vesti-los perguntou-lhes com carinho:

- Vocês entenderam o sentido de tudo isto?

Em profunda reflexão, por entre soluços de reconhecimento e gratidão, o casal exclamou:

- Ele morreu em nosso lugar, para dar-nos suas vestes!

Adão e Eva, embora compreendessem aquela realidade física, estavam longe de entender o significado daquele acontecimento. A eles o Criador revelaria o mistério do divino amor.

-----\*\*\*\*\*-----

Com expressão de infinita misericórdia, Deus passou a revelar ao ser humano o sentido daquele doloroso sacrifício, dizendo:

O inocente cordeirinho, que hoje padeceu, simboliza um homem que haverá de nascer. Em seus olhos haverá a mesma meiguice, o mesmo amor. Revestido por uma vida justa, como a branca lã que cobria o cordeiro, esse homem crescerá como um renovo sobre a Terra, não tendo nas mãos as algemas do pecado. Em sua aparência, esse homem não trará a pompa de um rei, por isso será desprezado por muitos. Será um homem de dores, pois cairá sobre si o peso de todas as provações. Em sua fidelidade ao reino da luz, esse homem lutará contra o inimigo usurpador, vencendo-o finalmente. Após triunfar em suas lutas, tomará sobre si o fardo de vossa condenação que lhe causará uma terrível morte. Ele será traspassado por causa da vossa rebelião e moído pelas vossas iniquidades. Será oprimido e humilhado, mas não abrirá a sua boca, como o cordeirinho que hoje entregou-se pacificamente. Sucumbindo na morte, ele vos concederá os méritos de sua vitória. Envolvidos por suas vestes de justiça, estareis livres da condenação. A vida eterna alcançareis assim, mediante o sacrifício desse homem justo que haverá de nascer.

Adão e Eva, que num misto de gratidão e dor ouviram a revelação de tão grande salvação, indagaram reverentes a respeito desse homem especial que em sua descendência haveria de surgir, a fim de cumprir tão imenso sacrifício.

O Criador, olhando-os ternamente, movido por um amor que supera mesmo a morte, os envolveu num carinhoso abraço e revelou:

- Eu serei esse Homem!

Surpresos ante a declaração de Yahwéh, Adão e Eva ficaram imóveis, enquanto contemplavam o Seu meigo semblante. Compreendendo o significado do tremendo sacrifício, prostraram-se a Seus pés e com lágrimas clamaram:

- Nós somos merecedores da morte Senhor, mas Tu és inocente e não deves sofrer em nosso lugar!

Enxugando-lhes as lágrimas, Yahwéh com ternura lhes falou:

- Meus filhos, Eu os amo com um eterno amor. Eu morrerei em lugar de vocês.

Ante esta confirmação, o casal ergueu a voz numa lamentação dolorosa. Diziam:

- Nós matamos o Criador! Nós matamos o Criador!

Mas Deus passou a consolar o casal com palavras de esperança, dizendo:

- Após sorver o cálice da eterna morte, Eu retomarei a vida e subirei ao céu. Intercederei ali pelo homem perdido, concedendo a todos aqueles que, arrependidos, aceitarem meu sacrifício, as vestes de minha vitória. Juntos, triunfaremos finalmente sobre o reino do pecado que se desfará em cinzas sob nossos pés. Criarei então um novo Céu e uma nova Terra, onde unicamente a justiça e o amor reinarão. Viveremos assim para sempre, num reino de perfeita harmonia e paz.

-----\*\*\*\*\*-----

O Criador, que acompanhado pelo casal permanecia ainda sobre o monte Sião, concluiu Suas revelações dizendo: "O jardim do Éden ficará agora vazio. O ser humano, durante a longa noite de pecado, vaguará em seu exílio. Não andará, contudo, sozinho: Yahwéh, também peregrino, trilhará com o homem toda a estrada espinhosa, até poderem juntos galgar o monte perdido, triunfando gloriosamente sobre o reino da morte. A árvore da ciência do bem e do mal monumento da rebeldia será então desfeita, dando lugar a uma árvore gloriosa que, unindo sua copa à árvore da vida, se tornará no arco comemorativo da grande vitória. Sobre o santo monte redimido, repousará então para sempre o torno universal, que pelos fiéis triunfantes será nomeado: o trono de Deus e do Cordeiro."

Adão e sua companheira, após ouvirem palavras tão confortadoras e cheias de esperança, ergueram a voz num cântico de gratidão e louvor. Conheciam agora o infinito amor de seu Criador e estavam dispostos a servi-lo.

Depois de consolar o casal, Deus levou-os para fora do Éden. Não lhes foi fácil se despedir daquele precioso lar; ali haviam despertado para a vida nos braços de Yahwéh; ali desfrutaram momentos de pura felicidade, em companhia do Criador, dos anjos e dos dóceis animais. Uma saudade infinita parecia envolver o casal em seus passos de abandono.

-----\*\*\*\*\*-----

Foi com espanto que Satã e seus súditos presenciaram a intervenção de Yahwéh. Ficaram abalados ante a surpreendente revelação do plano de resgate. Com raivosa frustração, compreenderam que, se de fato a promessa divina se concretizasse, não restaria nenhuma esperança.

Depois de refletir sobre tudo o que acontecera, uma grande ira apossou-se de seu coração. Não estava disposto a reconhecer a redenção do ser humano. Faria todos os esforços para retê-lo, juntamente com o reino que lhe fora entregue.

Quando o casal, acompanhado pelo Criador, alcançou o vale ferido pela morte, amanhecia. Ali Satã os enfrentou com fúria, numa tentativa de se apossar novamente do ser humano. O casal ficou trêmulo em face do inimigo, mas as mãos protetoras de Deus os acalmaram.

Expressando no semblante a firmeza de uma justiça que é eterna, Yahwéh silenciou as ameaças do inimigo com as seguintes palavras: "O ser humano Me pertence, pois Eu o comprei com o meu sangue".

-----\*\*\*\*\*-----

Ao caminharem silentes junto ao Criador, Adão e Eva observavam com tristeza os sinais da morte estampados naquela natureza antes tão cheia de vida. As belas flores, que haviam desabrochado para exalar aromas eternos, pendiam agora murchas; os passarinhos, que com alegria os saudavam em cada alvorecer com os seus trinos, voavam agora distantes, fazendo soar tão tristes cantos! Tudo estava mudado na natureza. A ciência do bem e do mal não trouxera nenhum bem ao Universo, mas um intenso conflito espiritual e físico.

Ante as conseqüências devastadoras de sua queda, o casal, vencido por uma indizível tristeza, prostrou-se arrependido e chorou amargamente. Deus, que também compungido pela dor contemplava o cenário desolador, procurou, com palavras de esperança, confortá-los. Falou-lhes sobre o novo Céu e a nova Terra que um dia criaria, onde a paz e o amor voltariam a reinar em cada coração. Ali viveriam sempre juntos, não trazendo na frente as marcas da tristeza, mas coroas de eterna vitória. Ali enxugaria as lágrimas de suas faces e essas jamais voltariam a umedecer os seus olhos.

-----\*\*\*\*\*-----

Amparando Adão e Eva em seus passos, o Criador conduziu-os através de um vale ferido, até alcançarem o sopé de uma colina. Galgaram-na em lentos passos, enquanto trocavam palavras de ânimo e esperança. Seus pés alcançaram finalmente a relva macia que cobria o topo espaçoso daquela colina. Era sobre aquele lugar que o casal via a cada dia o sol declinar, banhando o céu e os vales de um vermelho vivo, como o sangue que jorrara do peito do cordeiro.

Voltando-se para o lado oriental, o casal, num misto de dor e saudade, contemplou ao longe as paisagens que os envolveram naquele passado tão feliz. Ao divisarem o monte Sião, que majestoso erguia-se no meio do Éden, choraram ao lembrar da queda. Quão fracos tinham sido!

O sol declinava em sua jornada, anunciando a chegada de mais uma triste noite - a primeira fora do paraíso. Num calmo gesto, Yahwéh, mostrando-lhes o vale sobranceiro à colina, falou-lhes com carinho: "Aqui será vossa provisória morada. Daqui podereis contemplar o paraíso que por algum tempo permanecerá na Terra, até ser recolhido ao seu lugar de origem, no seio da Jerusalém Celeste. Ali, protegido pela justiça, aguardará o alvorecer da vitória. Quando esse grande dia chegar, retornaremos juntos a Sião, onde seremos coroados em glória, num reino de eterna felicidade e paz".

Depois de dizer estas palavras, Deus ordenou ao casal que construísse naquele lugar um altar de pedras, sobre o qual a cada semana, na noite que antecede o sábado, deveriam imolar um cordeiro, pela memória de Seu sacrifício. Como sinal de Sua presença, e para a certeza de que seus pecados seriam perdoados, Ele acenderia um fogo sobre o altar, o qual duraria toda a noite, até consumir por completo a oferta do sacrifício.

Para que o ser humano pudesse firmar sua fé sobre as verdades reveladas, e não na manifestação visível da pessoa do Criador, Ele haveria de permanecer invisível daquele momento em diante. Somente em ocasiões especiais, quando se fizesse necessário Sua aparição ou a de anjos para novas revelações e advertências, isto ocorreria.

Contemplando os Seus filhos entristecidos naquele momento em que seriam deixados aparentemente sozinhos. Yahwéh disse-lhes com amor: "Filhos, embora vocês tenham de permanecer neste ambiente hostil, não precisam temer, pois Eu permanecerei ao lado de vocês. Serei um companheiro amigo nesta jornada; levarei sobre os meus ombros suas dores, seus anseios, suas lutas. Quando, tentados pelo inimigo, estiverem a ponto de ceder, poderão encontrar abrigo em meus braços, que sempre estarão estendidos para salvá-los e, se algum dia vocês não resistirem, e pela fúria do inimigo forem arrastados para as profundezas do abismo, não se desesperem julgando não haver esperança, pois Eu estarei ali para acudi-los com o meu perdão e força. Tenham sempre em mente o significado das vestes recebidas das minhas mãos, pois elas falam da redenção que ao homem pertence. Descansem filhos meus, nos meus braços de amor."

Depois de consolar o casal com estas promessas, o Criador, vendo que estavam sonolentos pelo cansaço, os fez reclinar no Seu colo e, como de costume, acariciou-os docemente até adormecerem. Ao vê-los esquecidos em seu sono, Deus chorou ao prever o sofrimento que experimentariam ao acordar.

-----\*\*\*\*\*-----

Com o coração partido pela dor causada pôr aquela separação física, o Criador deixou o casal adormecido sobre a relva, depois de beijar-lhes as faces já marcadas pelo sofrimento. Sua luz dissipou-se ao tornar-Se invisível, dando lugar às trevas daquela primeira noite fora do paraíso.

No subconsciente do casal começaram a desfilar sonhos coloridos de um passado feliz. Encontravam-se mais uma vez em meio às belezas do Éden, saciados pôr uma alegria eterna. Agradecidos pela vida, corriam pelos campos floridos, brincando com os animais. Com felicidade uniam as vozes aos anjos nos harmoniosos cânticos em louvor ao Criador. Tantas cenas lindas desfilavam em seu subconsciente, mas esses sonhos tornaram-se pesadelos, fazendo-os reviver sua tragédia. Agonizantes despertaram em meio à escuridão daquela primeira noite no exílio.

Não conseguindo conciliar o sono, o casal permaneceu em pranto até ser consolado pelo alvorecer que revelou-lhes ao longe o saudoso paraíso.

Deus, ainda que invisível, permanecia ao lado de Adão e Eva ali na colina. O sofrimento deles era o Seu sofrimento, como também a esperança de um dia retornarem vitoriosos a Sião.

----\*\*\*----

Ante o olhar contemplativo do Criador, revelava-se o futuro sombrio da humanidade. Com pesar, via incontáveis criaturas perecendo sem salvação, por rejeitarem o Seu amor. Lágrimas molharam a Sua face, ao antever o inimigo empregando toda astúcia a fim de reter os seres humanos sob seu domínio.

Longa seria a noite do pecado, e renhida a batalha pela reconquista do reino perdido. O triunfo da luz requereria da parte de Deus um sacrifício imenso. Na pessoa do Messias, a seu tempo, ele nasceria entre os homens, com a missão de pagar o preço do resgate. Por meio dEle muitos seriam libertos das garras do inimigo: todos aqueles que O aceitassem como Salvador e Rei. Contra esses escolhidos, o inimigo arregimentaria todas as forças procurando fazê-los cair.

Em sua visão do futuro, o Criador contemplou com alegria o triunfo final dos redimidos. Haviam sido extremamente provados, mas em tudo foram mais do que vencedores por meio dAquele que os redimiu das trevas para o reino da luz.

----\*\*\*----

Depois de antever os sofrimentos que adviriam da grande luta, Yahwéh estendeu o olhar pelas planícies cativas, contemplando ali as hostes rebeldes dispostas para a luta. O objetivo desses exércitos, era apossar-se novamente do ser humano, no qual estava selado o direito de domínio sobre o Universo.

Contrária à natureza do Criador é a guerra, mas para defesa de Seus filhos, estava disposto a empregar o Seu poder. Sua força, contudo, somente seria empregada com justiça. Se o ser humano recusasse essa proteção oferecida mediante o sacrifício do Messias, Deus nada poderia fazer para impedir que o mesmo percesse nas garras do inimigo. Adão e Eva, contudo, haviam se arrependido de seu grande pecado, recebendo pela misericórdia de Deus vestes de salvação, simbolizadas pelas peles do cordeiro sacrificado.

----\*\*\*----

Justificado pela entrega do casal, Yahwéh convocou Seus poderosos exércitos para a peleja. Em pronta obediência as hostes da luz irromperam pelo espaço sideral em direção à Terra, circundando qual forte muralha a colina, portadora daquele tesouro redimido pelo sangue do divino Rei.

Ao ser humano fora conferido no Éden o dever de cuidar da natureza : preparavam canteiros para as flores; colhiam frutos para mantimento; dirigiam os animais em seu inocente viver, adestrando-os para que lhes fossem úteis. Essas ocupações tinham sido para eles fontes de

desenvolvimento e prazer. Agora, apesar das adversidades, deveriam continuar realizando esse dever. O trabalho em sí, realizado segundo as ordens do Criador, já anularia muitos ataques do inimigo.

As primeiras ocupações do casal naquela manhã, trouxeram-lhes revelações do grande amor de Deus, até então desconhecidas. Ao reunirem as pedras para construção do altar, experimentaram a dor de feridas que jorram sangue, como também a fadiga que faz minar suor. Sentindo e contemplando tudo na própria carne, amaram mais o Salvador, para quem o altar construído prefigurava feridas maiores, que verteriam todo o Seu sangue, como também fadigas que minariam toda a seiva de Sua vida.

O olhar de saudade e de esperança do casal de agora em diante, jamais pousaria no Éden distante, sem discernir primeiro o altar dos sacrifícios. Esse altar, com suas manchas de suor e sangue, permaneceria como uma lembrança da dor e do sofrimento que, depois de umedecer os lábios dos seres humanos, transbordaria na taça do Criado

----\*\*\*\*----

Após contemplar pôr longo tempo o paraíso da eterna vida que estendia-se muito além daquele altar escuro de morte, o casal experimentou o doce alívio do descanso.

Desejosos de conhecer as paisagens de seu novo lar, Adão e Eva, animados pela esperança, saíram a passear. Seus passos conduziram-nos por caminhos de sorrisos e de lágrimas; de encantos e desilusões; de flores que desabrochavam delicadas, banhadas em perfume, e de flores despetaladas, tombadas murchas e sem cheiro; de animais ainda dóceis e submissos e de animais inimigos, ferozes e ameaçadores. O casal discernia em seu passeio as divisas de dois mundos: o da luz e o das trevas; do amor e do egoísmo; da esperança e do desespero; da harmonia e da desarmonia; da vida e da morte. Essa visão encheu-lhes de tristeza e choraram longamente. Essa tristeza aumentaria ainda mais no futuro, quando descobrissem o aprofundamento dessas divisas no seio de sua descendência.

----\*\*\*\*----

Seis arrebóis já haviam colorido os céus anunciando ao casal as noites escuras e frias que com seu manto de trevas desfazia todas as imagens vivas, menos a esperança de revê-las coloridas no alvorecer de luz.

Aproximava-se agora a hora do sacrifício, quando o rude altar, abrasado em sua justiça clamaria pôr sangue. Se não lhe oferecessem a oferta, explodiria com certeza, envolvendo todo o mundo com suas chamas; Já não haveria então alvorecer, nem esperança de Éden a florir.

Quão precioso é o sangue! Sangue é vida; vida é luz! Para um ser aquela noite tornar-se-ia eterna, sem alvorecer! Esse ser deveria assumir a culpa de todo o mundo, dando o seu sangue ao rude altar. Quem se ofereceria? Quem verteria a seiva da vida, até ver a última estrela apagar-se em seu céu?!

Adão e Eva depois de refletirem por longo tempo, contemplando o berço da morte construído pôr suas mãos, entreolharam-se inquietos com essa questão decisiva: *Quem se oferecerá?* Essa indagação nascida de sua culpa, fez vibrar no profundo de suas lembranças a voz do bendito Criador em Sua revelação de infinita bondade: *-Eu os amo com um eterno amor; Eu morrerei em vosso lugar*".

Agradecido, o casal prostrou-se reverentemente ante o sedento altar, vendo-o pela fé, saciado pelo dom do eterno amor.

----\*\*\*\*----



Naquela tarde de sexta-feira, Deus submetia o ser humano a uma tremenda prova de fé. Eles tinham diante de si o altar de pedras, construído conforme a ordem divina, mas não havia nenhuma ovelha para o sacrifício. Em seu anseio, lembravam-se do Éden, onde havia muitos rebanhos.

Ao verem o sol tombar no horizonte, Adão e Eva passaram a clamar a Deus por socorro, pois sabiam que somente um milagre poderia providenciar-lhes, naquele derradeiro momento, um cordeiro para o sacrifício.

Aos olhos dos habitantes do Universo, o grande milagre pelo qual o ser humano clamava, já se processava à quase uma semana: Guiado pelo Criador, um imaculado cordeiro deixara o Éden e seguira os rastros do casal em sua caminhada para o exílio. Em sua longa jornada, esse animalzinho teve de enfrentar muitos desafios e perigos, mas protegido e guiado por Yahwéh prosseguia em sua missão.

Quando as sombras do anoitecer começaram a envolver a colina, o casal que vivia tão dura prova de fé, discerniu um pontinho branco que saltitava no gramado vindo em direção deles. À medida em que se aproximava, aquele vulto parecia falar de esperança, de vida e calor. Ao verem que o grande milagre acontecera, correram ao encontro do cordeiro, envolvendo-o nos braços. Ele estava fatigado, mas não descansaria: daria descanso. Estava sedento, mas não beberia: daria de beber ao altar que clamava por sangue. Aquele cordeiro tinha vontade de viver nos braços do homem, mas morreria, para que esse pudesse viver nos braços de Deus. Era um perfeito simbolismo do Redentor que deixaria Sua glória, vindo em busca do pecador.

As trevas de mais uma noite prefigurativa baixaram lentamente envolvendo toda a natureza em sua prisão. Sua força, porém, seria quebrada diante do ser humano, pelo brilho de um fogo especial, aceso pelas mãos do divino perdão sobre o corpo sem vida do inocente cordeiro.

Tudo estava preparado para o doloroso golpe: ato que apagaria daqueles olhinhos meigos a última estrela de vida, mergulhando-os na fria escuridão de uma eterna noite: escuridão que geraria luz; frio que geraria calor; morte que geraria vida - dons imerecidos; frutos do divino amor oferecidos às mãos pecadores, prestes a ferir.

Em meio à silente noite o altar clama; o homem triste exclama, enquanto o cordeiro, mudo, não reclama ao ser estendido para a morte.

As mãos que construíram o altar erguem-se agora, não para acariciar como outrora, mas para ferir, sangrando o preço do perdão. Só um gesto, nada mais, e a estrela se apagará para sempre dos olhos inocentes, fazendo brilhar na face culpada a luz da salvação.

Adão, trêmulo hesita em compaixão. No cordeirinho manso e submisso, pronto a morrer em seu lugar, vê o Salvador prometido. Com o coração arrependido, num esforço doloroso, crava o cutelo de pedra no peito do animalzinho que perece em suas mãos sem sequer dar um gemido.

O poder da noite imediatamente é quebrado pelo brilho do fogo da aceitação. Sua luz revela ao ser humano sua trágica condição: Vendo as mãos manchadas pelo sangue inocente, o casal sente-se culpado por aquela morte. Em pranto ajoelham-se ante o altar que já não lhes reclama sangue, mas oferece luz, aceitando o imerecido perdão.

Erguendo-se, o casal contempla demoradamente o corpo ferido do pobre cordeirinho, sem poder agradecer-lhe pela riqueza concedida em troca de seu tão rude golpe.

Banhados pela suave luz do sacrifício, Adão e sua companheira permanecem silentes a meditar, até serem vencidos por um profundo sono. Recostando-se ao solo coberto de relva macia, adormecem

docemente sob os cálidos raios do perdão, certos de que seu brilho e calor perdurariam até serem as trevas daquele sábado desvanecidas completamente pelo fulgurante sol.

----\*\*\*----

A luz do cordeiro, desde que fora acesa sobre o altar naquela noite, permanecia em constante guerra com as trevas. Por várias vezes crescia em brilho, afugentando para distante a fria escuridão, banhando a natureza com os seus raios de vida. Por vezes, as trevas trazendo o seu vento frio, quase bania por completo a chama. Essa, todavia, num grande esforço alimentava-se do sangue do cordeiro, lançando ao alto sua ardente chama, inundando de luz e calor tudo aquilo que havia ao redor.

O conflito entre a luz nascida do sacrifício e as trevas naquela noite, descerravam aos fiéis do Universo muitas lições importantes - verdades que ocupariam suas mentes por toda a eternidade. Naquela chama, ora ardente em seu brilho, ora fustigada pelos ventos da noite, os fiéis viam uma representação do conflito milenar entre o bem e o mal; conflito que sem trégua se estenderia até o alvorecer eterno. Yahwéh, no penhor de Seu futuro sacrifício, acendera em meio das trevas, a luz da verdade, e essa seria mantida acesa no coração do ser humano, em virtude de Seu sangue que seria derramado para remissão da culpa. Contra essa luz, o inimigo arremessaria todos os ventos frios da maldade, banindo do coração de muitos o seu doce brilho. Quantos jazeriam perdidos por recusarem a luz do perdão divino, ficando envoltos pelas trevas da escura noite!

Depois de longas horas de combate, surge no céu os sinais do amanhecer. A escuridão que com ira havia lançado seus ventos sobre a imorredoura chama procurando bani-la, torna-se confusa ante os sinais do amanhecer. O céu tingido de um vermelho vivo, faz lembrar o sangue que jorrara do peito do cordeiro para que a chama do perdão pudesse iluminar a noite humana. Em meio ao colorido de sangue, surge no horizonte o fulgurante sol, trazendo em seus aquecidos raios o sabor da vitória, envolvendo tudo com sua vida. O alvorecer em seu saudoso afeto, acaricia o distante paraíso, levando de seu amado seio em sua brisa matinal o aroma da saudade, numa mensagem de consolo e esperança às criaturas sofredoras do vale da morte.

Banhados pelos cálidos raios e pela brisa da esperança, o casal desperta em mais um sábado, cujo simbolismo aponta para o descanso no reino de Deus, ao culminar o grande conflito entre a luz e as trevas.

Para além daquele altar coberto de cinzas, Adão e Eva contemplam demoradamente o saudoso paraíso. Ainda que distantes em seu exílio, alegam-se com a certeza de que o sacrifício do Messias fará raiar para eles o sábado dos sábados: aquele de lágrimas para sempre banidas; de sol sempre a brilhar num límpido céu; de cordeiros sempre vivos a brincar pelo gramado; dia sem anoitecer, quando não haverá mais altar coberto de sangue e cinzas. Suspiram por esse dia de glória, quando Deus se fará eternamente visível, levando nas mãos as marcas de Seu infinito amor pelos Seus filhos.

----\*\*\*----

Antes da queda, o ser humano, assim como a todas as hostes celestiais, aprendia aos pés do Criador que com paciência ensinava-lhes os tesouros da sabedoria contidos no vasto compêndio da natureza. Tudo no Universo, desde o ínfimo átomo ao maior dos mundos, testificava em sua perfeita existência do caráter do divino Rei. Muitos ensinamentos, porém, permaneceram ocultos nas páginas desse grande livro no período que antecedeu à queda: Eram como as estrelas que, ocultas durante o dia, revelam seu brilho ao baixarem as sombras da noite.

Tendo a natureza cativa, o inimigo, no intento de bloquear a revelação da Eterna Sabedoria, introduziu nela borrões de egoísmo, destruição, infelicidade e morte. Não sabia que esses borrões

fariam evidenciar na face da criação a profundidade da justiça e amor de Deus, levando os fiéis a amá-Lo e reverenciá-Lo ainda mais. Para o casal, assim como para todos os filhos da luz, a natureza ferida rompeu o seu véu, revelando novos aspectos da bondade do Criador ocultos até então.

Adão e Eva que estavam acostumados às flores eternas no paraíso, aquelas que não as viram desabrochar, viam-nas agora surgirem em tenros botões, em meio às ameaças de espinhos prontos a ferirem. Essas tenras flores, sem importarem-se com os espinhos, exalavam perfumes suaves de louvor e gratidão, jamais se cansando de agradar o ambiente. Quando fustigada pelos ventos frios da noite, essas flores não se ressentiam, mas ofereciam seu aroma, que transformava a fúria dos ventos em brisas perfumadas de um alvorecer.

Movidos por profunda gratidão, o casal acompanhava atentamente o ministério de amor daquelas flores que, jamais se cansavam de abençoar, oferecendo sua beleza e perfume como alívio para aqueles que eram feridos pelos rudes espinhos.

Aquelas flores singelas e puras, depois de mostrar em sua curta vida que o perdão e o amor são mais fortes que todos os ventos e espinhos, num último esforço de comunicar alegria, exalavam seu perfume, tombando murchas e sem vida sobre o solo frio. Ali, esquecidas, transformavam-se em insignificante pó que era espalhado pelo vento.

A morte das flores, ainda que parecesse fracasso, revelou ao casal o mistério do renascimento da vida: Morrendo, as flores davam vida aos frutos que, por sua vez, depois de servirem de alimento, doavam suas sementes cheias de vida. Na morte dessas sementes, renascia o milagre da vida, multiplicando as árvores com suas flores prontas a repetir o ensinamento do amor e do sacrifício.

A natureza, portanto, embora maculada pelo pecado, revelava o mistério oculto do plano da redenção. Cada flor a desabrochar em meio aos espinhos, em sua curta vida de amor, era um símbolo do Salvador que nasceria entre os espinhos da maldade, para com o seu perfume consolar o coração dos aflitos. Semelhante à flor, o Messias depois de provar que o amor e o perdão são mais fortes que todos os ventos do ódio; que a verdade e a justiça do reino de Deus são maiores que todos os enganos e injustiças do reino do inimigo, verteria a seiva de sua vida, morrendo para redimir os culpados.

----\*\*\*----

Consolados pelas revelações da natureza, Adão e sua companheira, alunos na escola do sofrimento, aprendiam a cada dia a amar mais o Salvador. Cresciam em sabedoria, humildade e santidade. Todas as virtudes destruídas pelo pecado, renasciam no coração.

Com ânimo o casal dedicava-se ao labor edificante: plantavam jardins que pelo poder de Deus enchiam-se de perfumadas flores e deliciosos frutos. Seu lar no exílio tornava-se num refúgio para os animais perseguidos dos vales.

A colina, sob a proteção dos anjos da luz, tornou-se numa miniatura do Éden distante. Entre os animais reunidos e domados com amor, haviam muitas ovelhas. Adão e Eva não conseguiam pousar os olhos sobre esses dóceis animais destinados ao sacrifício, sem provar no profundo da alma um misto de dor e gratidão. Na noite que antecedia cada sábado, Adão tinha, por ordem do Criador, de repetir o doloroso ato. Quanta amargura e arrependimento sobrevinham ao casal ao baixarem as trevas da noite do sacrifício! Quanto consolo lhes trazia a chama do perdão que jamais deixara de brilhar sobre o altar, naquelas noites prefigurativas!

O decisivo valor do sacrifício, para que a vida pudesse florescer sob a proteção divina, levou o casal a valorizar imensamente o seu pequeno rebanho. Cada sexta-feira, contudo, passou a trazer

consigo, além da dor, uma inquietação: - Quem doará seu sangue ao altar quando a última ovelha perecer?

Aos olhos do casal maravilhado, aconteceu enfim o milagre do amor, renovando-lhes a esperança de viverem outras semanas sob o brilho da chama do perdão: uma ovelha, a mais gorda delas, passou a sangrar como em sacrifício; De sua dor, nasceram-lhes quatro cordeiros.

Cheios de alegria e gratidão, Adão e Eva prostraram-se ante o Salvador invisível, tendo nas mãos aquelas novas criaturas que traziam em seus olhos a mesma meiguice e disposição para o sacrifício.

Seguros de que novos milagres multiplicariam seus dias, o casal uniu sua voz como outrora, num cântico de gratidão e adoração ao Criador que, como os cordeiros nasceria também da dor para cumprir em sua vida o maior de todos os sacrifícios, para salvação da humanidade.

----\*\*\*----

Yahwéh, embora invisível aos olhos de Seus filhos humanos, permanecia bem próximo, acompanhado por um exército de anjos, em incansável ministério de cuidado e proteção. O casal estava inconsciente de que a doce calma e paz reinantes naquela colina, bem como toda a sua prosperidade, eram frutos de tão intensa luta. Se os seus olhos fossem abertos para as cenas que ocorriam invisíveis, ficariam tomados de espanto; Quão terrível era o inimigo e suas hostes em suas constantes investidas com o propósito de arruinar o ser humano, arrebatando-o das mãos do Criador.

Vendo que o emprego da força não lhe redundaria em vitória, o inimigo em sua astúcia idealizou uma armadilha com a qual poderia enlaçar o casal. Reunindo os seus exércitos, revelou-lhes seus planos dizendo:

- Ao ser humano foi ordenado sacrificar cordeiros, como símbolos do Salvador vindouro. Os tentaremos a olhar para esses símbolos como portadores de perdão e vida, fazendo-os aos poucos esquecer a realidade do sacrifício prometido por Deus. Será um processo lento, mas de segura vitória”.

O Criador conhecendo o perigo dessa armadilha, entristeceu-se, pois ao olhar para o futuro, pode ver tantos filhos Seus sendo desviados do caminho da salvação. Quantos se apegariam aos símbolos julgando encontrar neles virtude!

Deus em seu amor e cuidado, não os deixaria inconscientes do perigo que os ameaçava. Sabia o quanto Adão e sua companheira amavam aqueles cordeiros que, ao morrerem sobre o altar, ofereciam-lhes luz e calor. Facilmente poderiam ser induzidos a vê-los como fontes de vida e luz, passando a reverenciá-los.

----\*\*\*----

Muitas semanas já haviam passado, trazendo consigo as noites de dor e sacrifício, seguidas pelos dias de esperança e saudade dAquele Pai carinhoso, o qual depois de fazer-lhes promessas e enxugar suas lágrimas, tornara-Se invisível diante de seus olhos. Cada dia que passava, trazia para o casal novo fardo de saudade, fazendo-os indagar a cada entardecer: - *Quando beijaremos novamente Sua face? Quando seremos envolvidos por Seus braços, caminhando sob a luz de Seu amor?!* Quanta saudade sentiam daquelas noites edênicas, quando adormeciam no colo macio de seu divino Pai!

Mais uma semana de trabalho e lições aprendidas estava findando. O sol em seu declinar anunciava outra noite de arrependimento e de sangue inocente a banhar o altar. O silente casal estava longe de imaginar que naquela noite, o doloroso golpe que sempre era seguido pelo fogo, revelaria-lhes a face bendita do Pai.

Com as mãos trêmulas, Adão ergue o cordeiro que, mudo, não faz nenhuma resistência ao ser depositado sobre o altar. Lágrimas rolam em seu rosto ao pensar que mais um inocente animal mergulhará nas odiadas trevas da morte, para com seu sangue gerar a luz. É doloroso sacrificar, mas não há outro caminho de salvação. Unicamente através do sangue derramado do cordeiro, poderão viver para contemplar no futuro a face do Pai.

Num penoso esforço Adão faz cair aquela pedra pontuda sobre o cordeirinho que, num gemido de dor derrama o seu sangue. Uma Luz gloriosa logo banha as trevas inundando toda a colina com seus raios de vida. Através das lágrimas o casal então contempla em meio ao fogo do altar, o Criador.

Num gesto de amor, Deus abre os Seus braços como outrora, e com um sorriso caminha para o tão almejado abraço. Sem encontrar palavras que expressem sua imensa saudade, o casal lança-se ao Seu peito e chora amargamente divino Pai, comovido, também chora, mas procura consolar seus filhos, com seu doce sorriso.

Com emoção o casal contempla a face do Pai, envolvendo-a com beijos e carinhos. O amor deles por Ele fora intensificado pelo sofrimento.

Gratos e felizes, caminham ao lado do Criador, mostrando-lhe os jardins carregados de flores e frutos. Contam-lhe das lições aprendidas junto à natureza; Mostram-Lhe o rebanho domado pelo afeto.

Iluminados pela suave luz do Eterno Pai, o casal assenta-se aos Seus pés como outrora, para ouvir Seus ensinamentos. O Criador, olhando-os com ternura, passa a adverti-los do perigo. Orienta-os a respeito dos sacrifícios de cordeiros, que eram importantes no sentido de manterem sempre em mente a certeza de um Salvador vindouro que, como os cordeiros, seria sacrificado para redenção dos pecadores. Os cordeiros, contudo, não possuíam em si poder para perdoar as culpas, pois consistiam apenas símbolos do Messias Rei.

Depois de serem conscientizados do perigo de apegarem-se aos símbolos buscando encontrar neles a salvação, o casal recebeu a incumbência de transmitir essas orientações aos seus descendentes.

----\*\*\*----

Depois de advertir o ser humano, o Criador pousando o olhar sobre as ovelhas que jaziam adormecidas junto aos seus filhotinhos, exclamou: - Como são belos os cordeirinhos! O casal, num misto de felicidade e dor acrescentou:- Eles quando acordados saltam de prazer, esquecidos de que ao nascerem e ao morrerem causam tanta dor!

Depois de contemplar os cordeirinhos, Deus fitou o casal com ternura, revelando-lhes algo que os surpreendeu e alegrou:

*-Quando desses cordeiros trinta e seis houverem subido ao altar, os vossos braços envolverão o primeiro filho que, como eles surgirá também da dor. Esse filho em sua infância lhes trará alegria saltando como os cordeirinhos em vosso lar. Devereis instruí-lo com dedicação nas leis da harmonia, mostrando-lhes o caminho da redenção. Como vocês, ele será livre para escolher o rumo a seguir. Aceitando o ensinamento, sua vida será vitoriosa; rejeitando-o, caminhará para a derrota.*

Adão e Eva ouviram com alegria a promessa divina, mas ao mesmo tempo experimentaram no profundo do ser um temor ao conscientizar-se da responsabilidade que teriam. Sabiam que Satã faria todos os esforços para levar a criança prometida à perdição.

Era noite alta quando o Criador, depois de acariciar seus filhos, os deixou adormecidos sobre o gramado macio.

----\*\*\*----

Depois da promessa, cada cordeirinho levado ao altar fazia pulsar mais forte no ventre materno a esperança da alegria que em breve alcançariam. Trinta e seis finalmente baixaram às trevas cumprindo o tempo determinado pelo Criador em que a primeira criança receberia a luz.

Com as mãos ainda manchadas pelo sangue do sacrifício, Adão amparou sua esposa que, aos pés do altar prostrou-se vencida pela dor que lhe trouxe o primeiro filho. A pequena criança não trazia na face a alegria da liberdade, mas o choro de sua prisão; Esse pranto duraria a noite inteira, não fosse o brilho daquela chama aquecida de esperança que, logo atraiu a atenção de seus olhinhos atentos. Envolvendo-o com alegria, Eva consolada de seu sofrimento, disse: “Alcancei do Senhor a promessa”. Deu-lhe então o nome de Caim.

Depois de envolver o filhinho com as peles macias de um cordeiro, o casal permaneceu acordado a meditar. Muitos eram os pensamentos que ocupavam suas mentes: pensamentos de alegria, de gratidão, de esperança e de anseio pelo senso da responsabilidade que agora pesava sobre seus ombros.

Acariciando com ternura a pequena criança, o casal amadureceu em sua experiência, compreendendo melhor o misterioso amor de Deus que, para salvar Seus filhos, dispôs-se a morrer em lugar deles.

Adão e Eva não estavam sozinhos em suas reflexões: todos os seres inteligentes do Universo consideravam com interesse sobre o futuro daquele indefeso bebê que no íntimo trazia um reino de dimensões infinitas, a ser disputado pelos dois poderes em luta. Quem seria o Senhor de sua vida?! Trilhariam os seus pés o caminho ascendente que leva à vida, ou a estrada descendente que termina no abismo de uma eterna morte?!

Vendo a criança esboçar o seu primeiro sorriso, o casal subitamente lembrou-se da promessa do Criador que era confirmada em cada sacrifício : Ele nasceria da mulher como criança, com a missão de redimir a humanidade. Não seria Caim já o cumprimento da promessa? O infante com seus olhinhos brilhantes de alegria se parecia tanto com os cordeirinhos que nasciam e cresciam com a missão de serem sacrificados! Considerando assim, o casal apertando o filhinho junto ao peito começou a chorar sem consolo. Quão terrível, seria oferecer seu filhinho inocente ao rude altar!

Para o casal compungido pela dor, surgiu em fim o brilhante sol fazendo reviver com seus cálidos raios as promessas que apontavam para um Salvador que, ainda no futuro, nasceria também da dor para cumprir o eterno plano de redenção.

----\*\*\*----

Abençoada pelo Criador e envolvida pelo amor e cuidado dos pais, a criança se desenvolvia em sua natureza física e mental, tornando-se a cada dia alvo maior de uma incansável batalha entre as hostes espirituais.

Adão e Eva, ansiosos por fazê-lo compreender as verdades da salvação, tomavam-no nos braços a cada alvorecer e, à beira do altar lhe apontavam o Éden distante, contando aquelas histórias de emoção as quais o pequeno Caim ainda não conseguia compreender. Qual foi a alegria daqueles pais, ao vê-lo numa manhã de sol, apontar com a mãozinha para o lar da saudade, pronunciando o nome sagrado do Criador. Emocionados tomaram-no nos braços, pedindo-o para repetir esse sublime nome que, qual chave de felicidade, sempre descerrava-lhes um paraíso de eterno amor.

Todas as hostes da luz inclinaram-se com alegria ao ouvir a pequena criança pronunciar o nome do divino Rei.

----\*\*\*----

As semanas iam se passando trazendo consigo novas vítimas para o altar, e o pequeno Caim, alvo da atenção e cuidado de Deus, das hostes da luz e daqueles amantes pais incansáveis na missão de instruí-lo, agrupando suas poucas palavras, sempre curiosos com tudo passou a interrogar.

O dia declinava quando o menino, que jazia ao colo de sua mãe, perguntou-lhe:

*-Mamãe, por que o sol sempre vai-se embora, deixando a gente no frio da escuridão?"*

Eva, surpresa contemplou seu filho, sem encontrar palavras para responder-lhe a indagação que trouxe-lhe à lembrança o passado de felicidade destruído por sua culpa. Após um momento de silêncio, beijando a face do pequeno Caim, disse-lhe:

*- Filhinho, um dia o sol virá para ficar, trazendo em seus raios um mundo só de harmonia; já não haverá animaizinhos a brigar, nem cordeirinhos a morrerem sobre o altar"*

O pequeno Caim desejando ver raiar logo esse dia, disse para sua mãe:

*-Mamãe, amanhã o sol nascerá no paraíso; Pede para ele ficar! Assim poderei brincar, brincar, e nunca mais dormir".*

Ansioso em ver raiar o dia que não teria fim, o pequenino Caim somente adormeceu após fazer sua mãe prometer que pediria ao sol para permanecer .

----\*\*\*----

Um novo dia de sol radiante a caminhar pelo céu surgiu para Caim, trazendo em seus raios alegria e calor. Enquanto brincava no jardim, seus olhinhos curiosos voltavam-se muitas vezes para o sol que parecia acariciá-lo com um sorriso de esperança. Vendo-o, porém, caminhar em direção do ocidente, o pequeno correu para sua mãe, perguntando-lhe:- Mamãe, ele prometeu ficar?"Eva, tomando-o nos braços, sorriu-lhe procurando fazê-lo compreender com palavras simples, enquanto apontava-lhe o paraíso distante, a história da redenção. O sol viria um dia para ficar.

Caim, insatisfeito com as palavras da mãe, demonstrou não ter paciência para aguardar esse dia que jazia em distante futuro. Repetia em pranto: -"Eu quero o sol hoje , amanhã não!"

Eva, pacientemente, procurou acalmar seu filho, falando sobre a luz de Deus, que pode tornar a noite em dia. Ele o amava e poderia encher seu coraçãozinho de brilho, de alegria e paciência. Poderia assim, aguardar feliz o dia de seus sonhos.

Balançando a cabecinha em rejeição ao consolo da mãe, Caim proferiu entre soluços:- *"Eu quero o sol porque eu posso vê-lo, Yahwéh não"*.

Como uma seta dolorosa as palavras de rebeldia de Caim penetraram no coração de Eva, fazendo-a chorar amargamente. Os fiéis em todo o Universo uniram-se nesse pranto. Uma tristeza infinita pairava sobre o coração do Criador rejeitado. Esboçavam-se nos gestos de Caim os primeiros passos pelo caminho descendente da rebeldia. Quantos o seguiriam rumo à morte!

----\*\*\*----

Inconsciente da tristeza que abatera-se sobre o reino da luz, Adão, ao ver o sol declinar no horizonte, deixou seu trabalho no campo rumando-se para casa. Tinha um cântico no coração ao caminhar para mais um encontro com os seus.

Ao aproximar-se do altar, viu junto dele sua companheira prostrada em pranto. O pequeno Caim jazia também ali a chorar. Tomando-o nos braços, Adão perguntou-lhe com anseio: - *"O que aconteceu meu filho?"* Caim tristemente respondeu: - *"Mãe deixou o sol ir embora"*

Amparando o filho com seu braço esquerdo, Adão pousou sua mão direita sobre o ombro de Eva, mas não encontrou palavras para consolá-la. A frase dita por seu filhinho, pareceu rasgar-lhe o coração, fazendo-o reviver a queda.

Depois de refletir, Adão sentindo-se culpado respondeu para Caim:- *"Foi o papai quem deixou o sol ir embora meu filho!"*.

Com soluços de grande grande tristeza, Adão uniu-se a eles no pranto. A lembrança do Salvador, contudo, o consolou. Enxugando suas lágrimas e as de seu filhinho, disse-lhe com ternura:- *"Podemos nos alegrar filhinho, pois Deus prometeu fazer o sol para sempre brilhar no céu; ele será como o fogo que surge no altar, banindo as trevas da noite"*.

Com os olhinhos voltados para o último clarão do arrebol, Caim permaneceu sem consolo.

Naquele entardecer, não houve como de costume um alegre jantar. A pequena família, entristecida, permaneceu silente a meditar por longas horas, até sonolentos adormecerem sob a luz das estrelas.

----\*\*\*----

O inimigo e suas hostes, em sarcasmo de maldade zombaram naquela noite do sofrimento de Deus e Seus fiéis. Repetindo as palavras de rebeldia do pequeno Caim, ufanava-se como vencedor. Num desafio ao Criador pronunciou: - *Veja como esse meu pequeno escravo te rejeita! O mesmo se dará com todos aqueles que hão de nascer. Estou certo de que o direito de domínio jamais sairá de minhas mãos.*

Todas as hostes rebeldes repetiram em eco as afrontas do enganador, humilhando os súditos da luz que sofriam do lado de Yahwéh.

Com suas afrontas, o inimigo procurava fazer Deus desistir de Seu plano de redenção. Se isso acontecesse, seu reino de trevas se estenderia por toda a eternidade, suplantando o domínio da luz.



Em resposta ao desafio do inimigo, Yahwéh afirmou solenemente : - *Ainda que todos me rejeitem , Eu cumprirei a promessa.*

----\*\*\*----

O Criador não suportava o pensamento de ver o pequeno Caim caminhar para a perdição. Por ele intercedia a cada dia, oferecendo ante a justiça o Seu sangue que verteria. Anjos poderosos guardavam-no a cada momento, espancando as trevas espirituais que o acercavam procurando torná-lo insensível aos benefícios da salvação , que eram ilustrados pelos símbolos.

Adão e Eva em seu incansável ministério de amor, todos os dias ensinavam a Caim as lições espirituais ilustradas na natureza. Em cada sábado procuravam firmar em sua mente juvenil a esperança de uma vida eterna, que seria fruto do sacrifício do Salvador. Ele depois de viver uma vida sem pecado, morreria como um cordeiro , para poder expulsar para sempre as trevas.

Caim comovia-se às vezes com os ensinamentos , mas quase sempre questionava vacilante. Revoltado perguntava: - *Por que Samael foi se rebelar?!*

Certa noite, recusando ouvir os conselhos de seus pais, os acusou de todo o mal dizendo: -*Se agora não temos um sol a brilhar, é por culpa de vocês.*”

----\*\*\*----

A contemplação do Éden distante banhado em sol fez nascer no coração juvenil de Caim pensamentos de aventura. Ele começou a pensar : “Este paraíso não está tão longe como afirmam papai e mamãe. Por que esperar e sofrer tanto tempo?! Ele é tão belo! É dele que surge todos os dias o sol! Se o conquistarmos, será fácil deter a luz em sua nascente; Assim viveremos num paraíso de eterno sol.

As idéias de aventura de Caim, enchiam o coração de Adão e Eva de tristeza. Viam que seu interesse era somente pelo tempo presente; ele sonhava com um paraíso de felicidade e luz conquistado por sua força. Em seus planos, não sentia necessidade de um Salvador; - Para que, se era tão jovem, inteligente , cheio de vida e ideais?- dizia.

----\*\*\*----

Os dias de lutas, intercessões e sacrifícios pelo destino de Caim foram se passando. Oportunidades preciosas surgiam em cada dia diante dele para se apegar ao Salvador, mas a todas rejeitava, uma por uma. Em sua incredulidade chegou a duvidar da existência desse Deus, o qual jamais vira.

Aos pais que, aflitos mas sempre com paciência, procuravam livrá-lo da perdição para a qual estava caminhando, prometeu um dia , após sorrir com ar de incredulidade, crer no Criador e em Seu plano de salvação, caso Ele se tornasse visível na hora do sacrifício.

Com ardente fé, aqueles pais passaram a clamar ao Eterno. Sua presença visível poderia, quem sabe, salvar aquele filho querido que a cada dia tornava-se mais rebelde.

O Criador ouviu o clamor dos pais aflitos. Embora soubesse que Sua aparição dificilmente quebraria no coração do jovem Caim seu espírito rebelde, estava disposto a cumprir o pedido. Estenderia os braços amigos a Caim, procurando com amor conquistar-lhe o coração. Como conhecia os seus anseios e sonhos de aventura, facilmente poderia identificar-Se com ele, cativando-o, pois era também Alguém que sempre carregara no peito sonhos de aventura; Não fora a criação do Universo uma grande aventura?! Não fora o Seu sonho vê-lo cravejado de sóis fulgurantes, iluminando bilhões de mundos com o seu brilho?! Não era também o Seu maior atravessar o vale da morte, em busca da conquista do Éden distante, prendendo para sempre o Sol em seu céu?! Tinham muita coisa em comum!

Caim estava curioso naquela sexta-feira. Na face dos pais, via ânimo e alegria, frutos de uma fé grandiosa. Incentivado por essa expressão de confiança, o jovem passou a ajudá-los nos preparativos para o santo sábado.

O Sol finalmente esquivou-se rolando para o poente, deixando como de costume seu rastro de saudade que anunciava medo. Em meio às trevas, Caim discerniu o vulto branco do cordeiro sendo erguido para o altar pelas mãos do pai - esse incansável sacerdote que sempre estava implorando ao Criador pela salvação de seu amado filho.

Com a mão erguida, Adão preparava-se para o golpe que poderia, quem sabe, quebrar no coração de Caim sua incredulidade, fazendo nascer num só momento a crença na salvação. De seus lábios escapa-se então a prece da fé: - *Pai Eterno, ouve o meu pedido; Meu filho precisa de Ti! Somente um olhar Teu poderá conquistá-lo. Venha Senhor!!*

Esta oração sincera caiu nos ouvidos daquele filho comovendo-o. Somente a prece já seria suficiente para convencê-lo da existência real de um Salvador.

Enquanto enxuga as lágrimas da emoção, Caim estremece ao ouvir o ruído do golpe da morte. Tudo era solene naquele momento; Viria o Criador do mundo em resposta à oração do amor?! Como O encararia em sua incredulidade?!

Um forte brilho envolveu logo toda a colina banhando também o vale oriental. Os olhos arregalados de Caim pousaram então nos olhos amáveis do Criador, que trazia na face um brilho superior ao do sol, mas não ofuscante. Contemplando-O com admiração, Caim exclamou: -*Ele é jovem como eu, e se parece com o Sol!*

Adão e Eva, comovidos pela grande saudade tinham vontade de saltar ao peito do Salvador e beijá-Lo, mas deixaram que Ele Se encontrasse primeiro com Caim. Com alegria, viram o precioso filho envolvido nos braços do grande amigo, que era parecido com o seu astro.

Depois de longo abraço, Deus abraçou e beijou também o querido casal, companheiros no sofrimento.

Com alegria, saíram a passear pelos jardins da colina. Ao centro iam o Criador e Caim, ladeados por Adão e sua companheira. Quanta felicidade experimentavam nesses passos! Estavam completos.

Caim, conquistado pela afeição do Pai Eterno, mostrou-Lhe seus animais de estimação e seu pequeno jardim carregado de lindas flores. Como estava encantado por vê-los coloridos naquela noite desfeita pelo brilho do Criador, como sob a luz do dia! Parecia até mesmo que o Sol baixara a eles.

Ao pensar no Sol, Caim como o amava muito, passou a falar sobre ele dizendo:

*- Como ele é belo e bom! Quando ele vai-se embora, deixa em suas lágrimas de sangue um sentimento de tristeza e temor .Tudo desaparece em sua ausência : os animais, o jardim; até os passarinhos silenciam os seus cantos! ...Mas basta ele dizer que vai aparecer, tudo se enche de encanto; A natureza se desperta de mansinho, parecendo ainda temer as trevas, mas quando as vê fugir , fica alerta e canta; Os animais, os passarinhos, o jardim,... tudo volta a viver feliz! Mas, esta felicidade sempre acaba!!!*

Após falar estas palavras, Caim fitando o Criador indagou curioso:

*- Papai sempre diz que foi você quem criou o Sol. É verdade?*

Com um sorriso de sinceridade Deus respondeu-lhe que sim.

*-Quando Você o fez no princípio, continuou Caim, ele já fugia para o poente?*

*-Ele nunca foge, respondeu o Eterno, é o mundo quem foge dele.Ele fica triste com essa ingratidão!*

*--Mas como? Perguntou Caim, contemplando curioso Sua face de luz .*

Com palavras carinhosas, Deus passou a contar-lhe a história de Lúcifer que, em sua ingratidão baniu de seus olhos e dos olhos de uma multidão de criaturas, o brilho de Sua face - o Verdadeiro Sol. Depois de assim agir, iludiu a muitos dizendo que foi o Sol quem fugiu deles. Com sua astúcia, continuou o Criador, o anjo rebelde procurou arrastar o ser humano para as trevas, e conseguiu. O Sol naquele dia, chorou tantas lágrimas de sangue, que banhou todo o céu. Em seu último suspiro de luz, porém, ele prometeu ao mundo já tomado pelas trevas, voltar um dia a brilhar para sempre, enchendo todo o seu seio de vida.

Após falar-lhe estas palavras, o Eterno fitando aquele jovem, com expressão de tristeza nos olhos concluiu dizendo: *- Hoje, o anjo rebelde promete a seus seguidores que irá com sua força deter o sol, mas ele jamais conseguirá realizar esse plano, pois não possui o laço que poderá detê-lo : o amor.*

Cabisbaixo, Caim ouviu dos lábios do Criador essa história de promessas, a qual já se cansara de ouvir de seus pais. Essa história não lhe dava prazer, pois mostrava uma noite longa de sacrifícios sobre o altar, e de um Salvador a perecer em dor. Em realidade, Caim não via razões para tudo isso. Por que não banir logo o sofrimento colorindo as trevas de luz?!

Num esforço para conquistá-lo, o Eterno com muito amor fitou aquele jovem insatisfeito, e disse-lhe que, somente o sangue de Seu sacrifício poderia fazer o Sol para sempre brilhar, num reino de eterna felicidade e paz. Não havia outro caminho para essa conquista. Por isso, deveria ser paciente, descansando-se sob o Seu cuidado.

Após conversar por longo tempo com Caim, na tentativa de fazê-lo reconhecer sua necessidade de salvação, Yahweh voltando-Se para o casal, passou a consolá-los com a promessa do nascimento de outro filho. Mais trinta e seis sacrifícios seriam contados, e seus braços envolveriam o segundo filho. Nasceria também da dor, mas traria nos olhos o brilho e o consolo da salvação. O seu testemunho de fidelidade ficaria perpetuado por todas as gerações, no símbolo de um altar coberto de sangue.

----\*\*\*----

As semanas iam se passando, trazendo ao casal novas de alegrias e tristezas : de um coração cheio de vida a pulsar no ventre de Eva, e de um vazio com cheiro de morte a crescer no coração do jovem Caim. Ainda que ele tenha ficado deslumbrado ante a manifestação de Deus, em nada essa aparição mudou-lhe sua maneira arrogante de pensar sobre o sentido da vida. Ele não via sentido nos sacrifícios oferecidos no altar. Nos dias que seguiram o seu encontro com o Criador, ele argumentava com os seus pais dizendo: - *Se eu fosse poderoso como Yahwéh, eu jamais me submeteria ao sacrifício para reconquistar o reino perdido. Ele é forte, e brilha como o sol. Ele poderia com uma só palavra expulsar todas as trevas, devolvendo-nos o paraíso. Para que tanto sofrimento?!* Com essa argumentação, Caim supunha-se mais sábio que o Criador. Quem sabe, num próximo encontro teria oportunidade de aconselhá-Lo.

Dessa forma, o jovem Caim aprofundava-se cada vez mais no abismo do orgulho e do egoísmo - lugar de ilusões para onde se ia, pensando estar caminhando para a vitória. Não fora Lúcifer juntamente com um terço das hostes celestes atraídos por essa mesma ilusão?! O bondoso Deus , todavia, não selaria o destino de Caim sem antes procurar de todas as formas salvá-lo da ruína eterna. Essa graça imerecida, fruto do divino amor, seria concedida a todo o ser humano que viesse a nascer neste mundo.

----\*\*\*----

As trinta e seis semanas anunciadas pelo Criador cumpriram-se, trazendo a noite do santo sábado, na qual subiria ao altar o cordeiro da promessa - aquele que mergulhando nas trevas, faria brilhar nos olhos de Abel o consolo da luz. Semelhante ao cordeiro, Eva sentia naquela noite a dor de dar a luz. Adão, com suas mãos ainda banhadas pelo sangue do sacrifício, envolveu o frágil corpo daquela criança com as peles macias de uma ovelha - vestes que simbolizavam a justiça protetora do Salvador. Contemplando- o acalentado em seus braços, Adão disse-lhe com carinho: “Filhinho, o teu pai é Deus”. Deu-lhe então o nome de Abel.

Quando no alvorecer Caim testemunhou a alegria de seus pais pelo nascimento daquele filho, foi possuído por sentimentos de ciúmes e mágoas. Com grande ira disse-lhes que, por sua vida, somente os vira chorar. Seria esse pequeno intruso o único digno de suas alegrias?!

Adão e Eva com carinho procuraram mostrar a Caim o quanto o amavam, e que o nascimento de Abel não devia entristecê-lo, mas alegrá-lo pelo privilégio de ter um irmão que lhe seria amigo e companheiro; Poderiam trabalhar unidos na transformação do mundo num paraíso de paz.

----\*\*\*----

Abel, envolvido pela graça divina crescia em sua natureza física e mental. Ainda pequeno, passou a entender o significado daqueles sangrentos sacrifícios. O pensamento de que o Criador do Universo haveria de tornar-se uma criança como ele, com a missão de oferecer-se em sacrifício como aqueles inocentes cordeiros, para redenção dos pecadores, emocionava-o até as lágrimas.

Como Caim, Abel amava a natureza com seus jardins cheios de flores e frutos; Sentia-se também triste ao ver o sol tombar no horizonte, ferido pela escura noite. Contudo, alimentava-se não de sonhos em aventura, mas de esperança e confiança naquele que semelhante aos cordeiros se entregaria ao altar, para depois de aquecer com a luz de Sua verdade o coração do homem em meio à noite de pecado, surgir como o sol de sábado, trazendo consigo a eterna vitória.

----\*\*\*----

O casal, fecundado pelo amor divino, gerou duas meninas que, por sua vez, passaram a ser disputadas na grande batalha espiritual pelo destino do Universo. Conscientes de sua responsabilidade, aqueles pais procuravam imprimir na mente de suas filhas, as eternas verdades do

reino da luz. Nesse esforço, eram auxiliados por Abel, para quem o plano da redenção era o tema de suas mais doces meditações; Bastava olhar para um cordeiro, vinha-lhe à mente a doce lembrança da redenção prometida. Foi seu grande amor pelo Criador que levou-o a tornar-se num pastor de ovelhas.

A influência de Caim, contudo, era negativa sobre aquelas meninas. Ele vivia falando de seus sonhos de aventura. Apontando para o paraíso distante, berço do sol nascente, prometia conquistá-lo um dia com suas forças. Não haveria mais noites, pois ele deteria o sol antes de sua partida. Em sua conquista, transformaria os vales sombrios em jardins floridos repletos de paz. Inspirado por esse ideal, Caim tornou-se lavrador. Plantava jardins que se carregavam de flores e frutos. Lutava insistentemente contra espinhos e cardos, os quais acreditava poder finalmente bani-los completamente com seus esforços. Pobre Caim, escravo de uma ilusão!

---\*\*\*---

Caim tornou-se finalmente em estatura semelhante ao pai. Trazia na face corada as marcas do sol que tanto amava, e em seus músculos a força que julgava necessária para detê-lo antes de sua partida. Movido pelos sonhos alimentados desde a infância, preparava-se agora para uma viagem de aventuras: Desceria ao desconhecido vale e caminharia em direção à casa do sol. Não sabia por quantos dias se ausentaria de seu lar, mas tinha a certeza de que seria vitorioso em sua missão.

Cheio de entusiasmo, Caim revelou aos seus familiares sua decisão de partir. Todos ficaram preocupados, e procuraram insistentemente fazê-lo desistir de seu plano. No vale, disseram-lhe os pais, habitam animais ferozes, sempre prontos a devorar.

Entre risos, Caim procurou convencê-los falando de sua força. Dizia-lhes que em sua jornada, longe de encontrar derrotas, encontraria o caminho perdido que os conduziria à reconquista do sonho desfeito pelo pecado.

Abel, conhecedor do verdadeiro caminho que leva à vitória, com lágrimas de compaixão procurou detê-lo, falando-lhe do plano da redenção. Voltando-lhe as costas, Caim saiu contrariado. Irava-se por não encontrar por parte de sua família, nenhum apêlo para sua tão nobre missão.

Adão e Eva, acompanhados por Abel e as duas filhas, com tristeza seguiram-no implorando para ficar, mas ele adiantando-se em seus passos desceu a colina, mergulhando naquela ameaçadora selva que os separava do paraíso.

---\*\*\*---

O entardecer alcançou Caim já distante do lar, naquela floresta perigosa e hostil. As trevas trouxeram ao seu coração temor; Já não era aquele corajoso lutador que prometera vitória em todos os seus passos. Lembrou-se de casa e teve arrependimento da maneira ingrata como havia tratado seus pais naquela manhã. Ali no vale escuro, pela primeira vez ansiou pelo fogo do sacrifício; Contudo, ele jamais acreditara na redenção simbolizada pela morte do cordeiro! Ele cria no poder de sua vida que, aquecida pelo sol, crescia em força e esperança de um dia poder detê-lo sobre um reino de eterna paz e harmonia.

No lar, seus pais e irmãos não conseguiam dormir. Tinham vontade de ir em busca do amado Caim, mas onde encontrá-lo? Lembravam dos demônios cruéis que invisíveis infestavam o vale, atormentando os animais que dia após dia iam tornando-se mais ferozes. Em agonia prostraram-se aos pés do Criador invisível e clamaram fervorosamente pela sua proteção. Rogavam-Lhe que o trouxesse de volta para o lar, pois sem ele, tudo era tão triste.

Yahwéh amava profundamente a Caim e, jamais o deixaria sozinho naquela floresta. Em resposta às preces daquela família aflita, enviou Seus anjos para protegerem-no de todos os perigos.

Caim, vencido pelas opressivas trevas da noite que traziam consigo os ventos do temor, tombou irresistente ao solo frio. Ali permaneceu até ter sua coragem e força restabelecidas pela luz do alvorecer. Animado pelo brilho da esperança, continuou seus passos de aventura rumo ao berço do sol : paraíso com o qual sonhara desde sua infância.

Seus pés conduziram-no naquele dia através de um vale intensamente marcado pela morte. Com espanto contemplava por todos os lados ossos secos e restos de animais devorados com ferocidade. Aos seus ouvidos atentos, chegavam uivos e gritos de feras ameaçadoras. Embora banhado pelo sol, Caim começou a ficar com medo. Imóvel, lembrou-se do lar, dos conselhos e rogos dos pais; Pensou nas constantes preces que faziam por ele; Estava certo de que não deixariam de clamar por sua segurança ali naquela perigosa floresta, apesar de sua ingratidão.

Tomado de espanto, viu finalmente o sol lentamente caminhar para a sua morte diária. Se em sua presença tremia, o que lhe reservaria a escura noite?! Revivendo, contudo, os sonhos que tivera desde a infância, como um soldado que mesmo atingido por um golpe, se levanta num último esforço de vencer, Caim alimentou-se de ânimo; Venceria o medo, e conquistaria toda a selva, banindo dela todos os ossos secos e os sinais de morte.

Revigorado pelos ilusórios planos, em passos firmes prosseguiu sua jornada . Pobre Caim! O primeiro de uma multidão que, escravizada pelos mesmos sonhos de progresso, caminharia para dentro da noite, julgando encontrar o berço de toda a luz.

Diante dos olhos de Caim que jamais podia imaginar que todo passo que dava o levava para mais longe daquele sol que almejava conquistar, brilhou distante por entre as ramagens uma fulgurante luz. Cheio de curiosidade, apressou os passos, indagando silente : Mas como, se eu o vejo declinar?! Seria outro astro que em seu berço aguardava o momento de partida para aquele suplício diário? Com o coração pulsando forte pela emoção, adiantou-se em seus passos, julgando poder naquele novo dia detê-lo em sua partida; Inauguraria assim um reino de luz, conquistado por sua força. Correndo para a luz, porém, a viu desvanecer quando já próxima; Seria vertigem? Não. Desvanecera simplesmente para revelar-se mais brilhante aos seus olhos.

Observando o brilho intenso, Caim ficou perplexo ao ver que procedia da face de um poderoso querubim protetor que, desde a queda de seus pais permanecera ali velando as divisas do Édem.

Mudo, Caim contemplava a meiga face daquele anjo que, expressiva de amor, fazia renascer em seu coração emoções da infância. Sentia-se agora esquecido de sua missão, revivendo em lembrança o encontro que tivera com o Criador naquela noite de sacrifício. O querubim era semelhante a Deus, tendo no rosto um brilho de sol. Estampando no semblante preocupação, o anjo depois de contemplá-lo demoradamente perguntou-lhe:

*- O que busca meu filho?*

Recordando o seu esquecido ideal, Caim respondeu:

*-Busco a fonte do dia, o berço do Sol."*

O anjo continuou perguntando:

*- O que o leva a procurá-lo com tanto anseio".*

Caim respondeu:

*- Eu sou amante de sua luz que me faz ver em cada dia o fruto do meu labor. Admiro-o desde a minha infância, porisso trago no peito o ideal de um dia detê-lo sobre o céu”.*

O querubim contemplava-o penalizado, sem saber como convencê-lo daquela ilusão alimentada durante tantos anos.

Após um momento de silêncio, o anjo com ar de tristeza, procurando fazê-lo recordar as palavras que o Criador lhe dissera naquele encontro, perguntou:

*- Com que você irá detê-lo?*

Confiante, Caim ergueu os braços em resposta. Não construíra enormes jardins com eles?!

anjo, num esforço de fazê-lo entender que o sol é um símbolo do Salvador, disse-lhe:

*-Caim, nada poderá detê-lo a não ser o amor. Quem ama, caminha na mesma direção. Para onde você o vê caminhar todos os dias? Não é para o ocidente? Segue então os seus passos e jamais o verá chorar lágrimas de sangue. Acompanha-o em sua caminhada e verá que o que você sempre chamou de morte, consiste num alegre alvorecer para um continente além, perdido nas trevas.”*

A afirmação do anjo fez Caim lembrar-se das últimas palavras ditas por Yahwéh naquela noite transformada em dia. Ele dissera que somente o sangue de Seu sacrifício poderia fazer brilhar a luz que triunfaria para sempre sobre as trevas. Contrariado, Caim baixara a cabeça, determinado a não segui-Lo nessa direção.

Abalado, Caim encontrava-se agora diante de uma séria decisão que mudaria o rumo de sua vida e de uma multidão que poderia segui-lo. Mudo e a tremer permanecia prostrado aos pés do anjo, enquanto renhida luta travava-se em seu íntimo. Desde a infância alimentara um ideal, caminhando na direção de um paraíso o qual julgava poder conquistar pela força. Agora o anjo apontava-lhe um caminho oposto, de amor e sacrifício: o mesmo ensinado pelos pais e pelo Criador. Arrependido, Caim desejou retornar para casa, mas o inimigo se opunha inspirando-lhe vergonha; Como encararia sua família, a quem prometera vitória pela sua força, ao retornar de mãos vazias?!

Com o jovem Caim, prostrado aos seus pés, o anjo com voz de ternura instava:

*- Filho, volte ao lar! Não há caminho de vitória além do amor. Ele poderá ter espinhos e no trajeto um altar, mas é um caminho seguro, pois sempre leva o viajante aos braços de uma família amorosa que, com saudade espera o fruto de seu perdão. Não será humilhante voltar; Não é esse o caminho do sol?! O caminho do orgulho é sempre desconhecido; Em seu trajeto pode ter flores e a promessa de que não haverá altar, mas o seu fim é sempre dentro da noite, distante dos braços aquecidos pelo perdão. Volte ao lar filho! Volte!!!*

O anjo com seus amorosos conselhos conseguiu finalmente convencer Caim. Ele estava resolvido a percorrer o caminho do amor, desfazendo os passos até ali movidos pelo egoísmo. Aguardaria agora o sol para com ele seguir humildemente rumo ao altar que, não mais lhe falava de derrota, mas de triunfo sobre a morte.

----\*\*\*----

Na colina distante, permanecia a família rogando incessantemente por Caim. Em seu anseio, não conseguiam ficar longe daquele altar, berço de lágrimas e sangue. Ali junto a ele, Caim viera ao

mundo, banhado pela luz do sacrifício; Ali fora instruído no caminho da salvação. Ali aguardariam com fé, até vê-lo retornar arrependido.

Sob o sorriso do anjo, Caim vencido pelo cansaço de seus sonhos desfeitos, adormeceu a um passo do paraíso de muralhas invisíveis - muralhas que somente poderiam ser finalmente transportas pelo amor que sacrifica.

Uma brisa suave despertou-o naquela manhã, convidando-o a seguir o sol naquela jornada rumo ao altar. Como dois companheiros avançariam sobre os espinhos, quebrando-os com os seus pés feridos; Como guerreiros caminhariam rumo à colina do entardecer, não para serem vencidos pela noite, mas para destruírem-na em sua fuga. Nessa marcha de resgate, tombariam finalmente sobre o altar distante, não vencidos pela morte, mas conquistando a vida nascida da luz.

Com humildade, Caim deu os primeiros passos no caminho do arrependimento - caminho que logo após o altar, lhe descerraria o seu lar de amor. Eram passos movidos por fé, pois diante de si não podia ver a face de seu companheiro, o sol, mas tinha certeza de sua presença, pois nos ombros podia sentir seu calor a acariciá-lo num terno abraço. Eram companheiros de jornada pelo caminho da vitória.

---\*\*\*---

Era o sexto dia. Na colina, a família, ansiosa, encontrava-se reunida desde a manhã ao redor do altar, inconsciente da experiência de transformação vivida por Caim lá nas divisas do Éden.

Com lágrimas rogavam a Deus pelo querido Caim, ansiando vê-lo retornar.

Como era o dia da preparação, uniram-se no trabalho, deixando tudo em ordem para receberem o santo sábado: limpavam os jardins, colheram alimento, prepararam as vestes e separaram o cordeiro para o sacrifício. Foi uma atividade muitas vezes interrompida por idas ao altar, onde estendiam demoradamente o olhar sobre o vale, na esperança verem surgir aquele a quem tanto amavam.

---\*\*\*---

Caim, embora cansado da longa jornada, continuava avançando com ligeiros passos, desejando alcançar o sopé da colina antes da noite. Podia divisá-la ainda distante, banhada pelo sol poente.

O entardecer que até o dia anterior fora visto como a vitória das trevas sobre a luz, processava-se diante de seus olhos. Via agora o sol envolto por nuvens tintas de um vermelho vivo, tombar como um herói vitorioso, prestes a libertar um continente além, do poder da noite.

A escuridão envolveu o vale, e nele Caim que, com os olhos fitos no último clarão a dissipar-se no horizonte, esforçava-se em prosseguir em seus passos.

Na colina, o patriarca Adão, com o coração a palpitar de saudade, anseio e dor, preparava-se para oferecer o sacrifício. Intercederia como nunca nessa noite pelo seu filho, cuja ausência torturava sua alma.

Eva, em passos lentos, cheia de tristeza, seguiu seu esposo rumo ao altar, acompanhada por Abel e suas duas filhas. Sofriam muito naquela noite, pela ausência de Caim. A esperança de revê-lo fora quase que totalmente banida.



Num doloroso esforço Adão ergueu o cordeiro, deitando-o sobre o altar. Quão doloroso era sacrificar, mas não havia outro caminho

Cabisbaixo em meio às trevas, Caim refletia. Todo o seu passado construído por ilusórios sonhos o via em cacos. Estava no limiar de uma nova vida, como uma criança recém nascida sob a luz do altar.

Caim esforçava-se para identificar aquele dia especial, de sua conversão. A lembrança do último sacrifício o conscientiza de ser véspera de sábado. Havia saído de casa no quarto dia da semana, quando os seus passos conduziram-no para dentro de uma noite escura e fria, na qual temeu a morte. Refeito, ao amanhecer do quinto dia, prosseguiu rumo ao desconhecido, até deter-se amedrontado no vale dos ossos, onde a tarde transformou-se em noite. Foi dali que contemplou o brilho do anjo que o atraiu com o seu amor.

Detido em meio às trevas, Caim recordava com emoção os conselhos do anjo que o levaram a uma mudança de rumo. Lembra-se de seus passos de fé que moveram-no durante todo aquele sexto dia rumo ao lar.

Caminhar sob o brilho do sol fora fácil, mas o que fazer agora, quando as trevas o detinham nas selvas?! Caim, porém, alegrou-se ao saber que a escuridão daquela noite seria em breve ferida pela luz do sacrifício. Com anseio aguardava o momento de prosseguir sua jornada, orientado pelo fogo que lhe indicaria o rumo de seu lar.

---\*\*\*---

Movido pela dor da saudade e pelo último raio de esperança em abraçar o seu filho, Adão ergueu o cutelo para matar o cordeiro. De seus trêmulos lábios, escapa-se então uma aflitiva prece em favor de seu filho:

- Senhor, hoje eu compreendo o quanto sofres com a rebeldia de teus filhos rebeldes, que trocaram o teu amor e o calor de uma família amorosa que vive no seio da luz, pelas trevas do vale, onde o desespero e a morte atraem com ilusões de vitória. Neste momento minha mão está erguida para ferir esta inocente ovelha que, com seu sangue precioso alimentará o fogo da esperança em abraçar o meu filho que se encontra perdido. Faça Senhor, com que o brilho desta chama possa alcançar o meu Caim onde ele se encontra, fazendo-o voltar ao lar arrependido.

Todos os súditos de Yahwéh com emoção contemplavam a comovente cena de significado tão grandioso. Naquele pai tremendo e aflito, pronto a sacrificar em favor do filho errante, viam o grande Pai que, para atrair Seus filhos humanos do vale da perdição, ofereceria o maior sacrifício.

Após sua angustiante prece, Adão imolou o cordeiro. O fogo da esperança ergueu-se imediatamente em brilhante chama, expulsando as trevas que envolviam aquela colina.

Caim que movido pela alegria de ser sábado erguera a fronte nas trevas na expectativa de contemplar o brilho da vitória, ergueu as mãos aos céus agradecido quando viu surgir no escurecido horizonte a estrela da aceitação. Cheio de ânimo prosseguiu em seus passos de fé. Embora lhe fosse impossível enxergar e compreender todos os obstáculos que surgiam em seu caminho fazendo-o tropeçar, mantinha o olhar fixo no brilho do cordeiro imolado, avançando sempre, com a certeza da vitória.

Os passos de Caim conduziram-no finalmente para junto da colina, onde podia ver sua família reunida sob a luz do altar.

Com o coração pulsando forte pelo cansaço e pela emoção, galgou em ligeiros passos a colina, detendo-se junto ao altar. Sua família, com os olhos cerrados orava por ele. Não conteve as lágrimas, ao ouvir seu pai clamar:

*-“Senhor! Meu Caim, meu Caim!!!Quando o envolverei em meus braços?! Quisera voltar ao passado, quando com prazer tomava-o no colo. Ele era a minha alegria, e esperava tê-lo sempre salvo junto a mim. Mas oh, Senhor! Ele foi crescendo e se afastando, levado pelos seus sonhos de aventura. E hoje, já é o quarto dia sem o nosso Caim! Meu coração está partido pela sua ausência, e já não suporto viver sem ele! Se for possível Senhor, traga de volta o nosso Caim, e que ele seja feliz ao Teu lado. Amém*

Terminada a prece, Adão abriu os olhos para contemplar a chama do perdão que poderia, quem sabe, atrair seu filho daquele vale sombrio. Seu olhar pousou de cheio em Caim que jazia prostrado junto ao altar. Sem conter a alegria, Adão com um brado de vitória saltou para junto de seu filho, envolvendo-o em seus braços. Toda a família o acompanhou nesse gesto carinhoso, festejando com risos e lágrimas de emoção, o retorno daquele filho e irmão amado.

Sob a luz do altar, todos assentaram-se finalmente, passando a ouvir com atenção a experiência passada por Caim naquela densa floresta. Ele contou do medo que sentiu naquela primeira noite fora de casa; falou do vale da morte, onde viu tantos ossos de animais devorados com ferocidade; contou da luz que surgira ao entardecer, fazendo-o apressar seus passos julgando ser o surgimento de um sol. Falou do brilhante anjo que o atraía para as divisas do Édem, levando-o com seus conselhos e palavras de sabedoria e amor à uma mudança de rumo. Contou de seu retorno, das lutas e tentações que teve de enfrentar a cada passo. Concluiu contando da alegria que sentiu, ao ver naquela noite o surgimento do fogo sobre o altar, que semelhante a uma estrela, guiou os seus passos através daquele vale tomado pelas trevas.

Para a família, consolada pelo retorno de Caim, surgiu finalmente o alvorecer da alegre vitória, trazendo em sua brisa o aroma dos verdejantes prados edênicos cobertos de eternas flores. Naquela manhã de sábado, uniram-se em cânticos de gratidão ao Criador, pela vida, pelo perdão, e pela certeza de que sua feliz união jamais seria maculada pelo pecado.

----\*\*\*----

Desde o momento em que Caim passara a trilhar pelo caminho da salvação, Satã e suas hostes cheios de ira passaram a fazer planos para reconquistá-lo. Decidiram lançar sobre ele densas trevas espirituais, causando angústia e desânimo em sua nova experiência. Estavam certos de que persistindo com essa pressão, alcançariam vitória.

Conhecendo os planos de Satã, Yahwéh ordenou Seus anjos a combaterem as trevas que circundariam o jovem Caim. Ainda que conhecesse o seu futuro de rebeldia, o Criador faria todo o possível para mantê-lo a salvo das garras do inimigo.

Sobre a colina, naquele lar repleto de felicidade, Caim tornara-se após sua conversão no motivo principal dos louvores e comemorações. Como uma criança, humilde e submissa, Caim andava entre os seus tendo na face o brilho do amor e da esperança, que eram nutridos sob a luz do altar. Com lágrimas de gratidão distinguia agora em cada cordeirinho imolado o Redentor vindouro que pereceria em dor para oferecer-lhes a luz da eterna vitória.

Com alegria, Caim testemunhava diante de sua família e diante do vasto Universo, da paz que agora inundava sua alma agora renascida; Jamais experimentara antes sensação de tanta liberdade,

de tanto amor. Sobre sua mente refrigerada, contudo, começou a baixar as sombras da provação que se intensificaram até mergulharem-no em escura noite. Era assediado por tantas tentações que pareciam revigorar em seu coração os sonhos ilusórios de seu passado. Vozes pareciam gritar em seus ouvidos dizendo: - Deixe esse caminho que não leva a nenhuma vitória! Chega desses sacrifícios sangrentos que enaltecem a morte! Contemple os jardins que você plantou, e veja como eles comemoram a vida. Você é sábio e forte, e poderá construir um império de paz e prosperidade, colorido por extensos jardins que florescerão numa eterna primavera de sol.

Sacudido por essa tempestade de tentações, Caim quase vacilando, deixou transparecer em seu semblante a agonia que lhe inundava a alma. Assim, sua aflição foi logo percebida pôe sua família que, preocupada procurou saber dele as razões de sua angústia.

Temendo expor para sua família o que lhe afligia, calou-se afirmando que era apenas um sentimento de pesar que logo passaria. Os pais ficaram aflitos, pois concluíram acertadamente, que era Satã quem estava pressionando-o com o objetivo de arrastá-lo novamente para a escravidão. Com lágrimas, aqueles pais clamaram ao Criador em favor daquele filho que, aflito, caminhava de um lado para o outro procurando encontrar alívio.

Anjos poderosos empenhavam-se insistentemente naquele conflito que travava-se invisível aos olhos humanos. Ainda que severamente provado, Caim não chegaria ao ponto de ser forçado pelo inimigo a render-se ao pecado. Havia um exército ao seu lado para ampará-lo em seus passos de fidelidade. Todo o Universo estava atento para as decisões de Caim, que poderiam influir na experiência de incontáveis seres humanos que seguiriam os seus passos.

Orientado pelo exemplo de seus pais, Caim buscou na oração o refúgio para sua alma torturada. Com fervor implorava ao Criador que firmasse os seus passos. Embora sentisse forte apelo para voltar ao caminho da do orgulho e da aventura, estava decidido a continuar seus passos pelo trilho acidentado do amor e do sacrifício.

Temendo não alcançar o seu objetivo sobre Caim, Satã ordenou seus guerreiros a suspenderem aqueles desesperados ataques. Disse-lhes que através de sutil engano, lograriam a vitória que dificilmente alcançariam pela força. Com isso, a paz voltou a reinar na mente de Caim que, unido à família, cantava louvores a Yahwéh, o autor de sua salvação.

----\*\*\*----

Enquanto aquela família com alegria comemorava mais uma vitória alcançada na vida de Caim, as hostes das trevas estavam reunidas tramando novos planos de ataque. Muitas idéias foram apresentadas, mas prevaleceram aquelas elaboradas por Lúcifer, arqui-enganador. Ele afirmou contiante:

*- Se tão nos aproximarmos de Caim como amigos em sua jornada no caminho da salvação, inspirando pensamentos e sentimentos de fé no Redentor, não nos será difícil introduzir com sutileza as sementes da rebeldia que, germinarão uma a uma em seu coração confiante, fazendo-o menosprezar finalmente os sacrifícios de sangue sobre o altar, com o pensamento de não mais depender desse símbolo para ter em mente o Salvador vindouro. Quando iludido julgar haver alcançado o amadurecimento espiritual, estará novamente no abísimo”.*

Naquela colina, que era centro das atenções de todo o Universo, sucediam para a pequena família dias de alegria, prosperidade e paz. Cresciam cada vez mais em sabedoria e graça, trilhando no caminho da salvação. Por detrás dessa paz, porém, inconsciente à família jubilosa, uma perigosa armadilha se armava.

Yahwéh e Seus exércitos, preocupavam-se com essa situação, pois sabiam que seus inimigos poderiam causar com esse disfarce, uma grande ruína à humanidade, na experiência da qual se processa a redenção do Universo. Os guerreiros da luz agora, não teriam de lutar contra as trevas, mas contra um falso brilho.

Envolvido por influências aparentemente positivas, as quais julgava proceder todas do Criador, Caim tornava-se aos poucos confiante e bem seguro da vitória prometida. Seu amor por Yahwéh parecia tornar-se imenso, e vibrava ao prever a perfeita felicidade que alcançaria no alvorecer do dia eternal.

Satã que atento o acompanhava em sua experiência religiosa, viu haver chegado o momento de atraí-lo com sua falsa luz, desviando-o do caminho da justiça. Orientou mais uma vez seus guerreiros a agirem com cautela e paciência, inspirando subtilmente pensamentos e sentimentos de aparente virtude que o levassem imperceptivelmente a negligenciar por fim o sacrifício de sangue sobre o altar, julgando haver alcançado em sua santificação um nível superior, no qual não se depende mais daquele doloroso rito.

----\*\*\*----

Em seu amor pelo saber, e apego a toda a revelação, Caim começou ter sua atenção voltada para o falso brilho que, inicialmente parecia tornar mais claro e seguro o caminho da redenção. Com ânimo apresentava para seus familiares que, admirados reuniam-se aos seus pés, os pensamentos de aparente sabedoria e graça, gerados pela sua nova experiência. Longe estavam de saber que aquelas idéias tão belas e cativantes, eram originadas por aquele que através da serpente conseguira seduzir Eva.

Em suas palavras e louvores, Caim passou a exaltar o Salvador, bendizendo o Seu futuro sacrifício. Inspirando esses pensamentos, Satã ganhava a simpatia não somente de Caim, como também de toda aquela família.

Todavia, Caim que aparentemente tornava-se num eloqüente mestre e pregador da justiça e da verdade, iludido em sua falsa segurança, começou a menosprezar em seus ensinamentos o sacrifício do cordeiro sobre o altar. Argumentava que somente as ilustrações da natureza e as instruções verbais, eram suficientes para gravarem na mente humana as verdades da redenção. Apelando às emoções da família, dizia que o objetivo estabelecido pelo Criador por meio daqueles sacrifícios, já havia sido alcançado na vida deles; poderiam evitar agora essa dor, apresentando sobre o altar ofertas de flores e frutos, símbolos naturais da redenção.

Um grande laço armara-se sobre aquela família, levando-a à uma grande luta íntima. De um lado estava o caminho da dor e do altar banhado em sangue, e do outro, a alegria de uma aparente vitória, comemorada por um altar coberto com flores e frutos. Caso aceitassem a proposta vinda através de Caim, cairiam sob o domínio do tentador.

Com a família em prova, Satã insistia por meio de Caim, procurando levá-los a decidirem de seu lado, afirmando que Yahwéh não Se importaria com essa mudança, que expressava amadurecimento e gratidão pelo Seu sacrifício, também simbolizado pelas flores e frutos.

Todo o Universo estava em comoção, diante da decisão que aquela família estava preste a manifestar. O que estava em jogo, era o trono do Universo.

Depois de renhida batalha espiritual, conscientes do engano que se escondia nas palavras de Caim, aqueles pais temendo serem arrastados para distante do Salvador, decidiram rejeitar aquela proposta. Influenciados por essa decisão em favor da verdade revelada por Yahwéh, Abel e sua irmã mais nova colocaram-se ao lado dos pais. Somente a irmã mais velha, que cultivava no íntimo grande

admiração por Caim, permaneceu indecisa, favorecendo seu irmão mais velho nas discussões que tiveram lugar.

Embora contassem com a queda de toda a família humana, as hostes inimigas da luz se alegraram em ter novamente Caim como escravo. Batalhariam agora pela conquista daquela jovem indecisa que, unida ao irmão, poderia se tornar mãe de uma geração pecadora, no seio da qual se fortificaria o reino das trevas.

Ao tomarem consciência da posição rebelde de Caim, Adão e Eva, seguidos por seus dois filhos fiéis, passaram a rogar-lhe com amor, tentando convencê-lo do erro. Aquele filho, contudo, mantinha sua posição sem ser agressivo. Estava confiante de ter aprovação do Criador para suas idéias revolucionárias.

----\*\*\*----

Caim estava triste por não ter toda a família a seu lado, mas animou-se ante a manifestação de compreensão e apoio por parte de sua irmã. A afinidade de suas idéias levava-os a passar longas horas conversando sobre o futuro. Foi assim que nasceu entre eles a idéia da construção de um novo altar onde Caim, como sacerdote, pudesse por em prática um culto renovado, oferecendo em lugar de cordeiros, flores e frutos. Isso, evidentemente, significava a formação de um novo lar, pois Adão como sacerdote de um culto conservador, jamais permitiria que o altar de sua família fosse maculado por um culto diferente daquele estabelecido pelo Criador.

O ideal foi crescendo no coração daquele jovem casal, trazendo sonhos de um lar repleto de crianças a brincar num paraíso banhado em sol. Caim, o senhor e mestre daquela nova família, a guiaria numa caminhada de vitória, iluminados pelo brilho de um fogo mais brilhante que o do cordeiro, que se ergueria de seu altar coberto de flores e frutos.

Semelhante a Caim, Abel que se tornara também adulto, enamorou-se de sua irmã mais nova - aquela que desde a infância estivera ligada a ele por laços de íntima afeição. Juntos caminhavam pelos campos, apascentando o rebanho, enquanto consideravam com interesse os ensinamentos escritos na natureza.

Adão e Eva, bem como o Criador e suas hostes fiéis, encontravam consolo e esperança na experiência desses dois jovens que, jamais deixaram de refletir nos olhos a chama aquecida daquele altar que indicava-lhes o caminho sangrento da redenção.

----\*\*\*----

Caim, em seu anseio por constituir um lar, unindo-se àquela a quem amava, aproximou-se finalmente de seus pais, pedindo-a em casamento. Adão compreendeu-lhe o anseio, e pediu-lhe que aguardasse a resposta de Yahwéh. Apresentaria a Ele o seu pedido, e esperariam pela manifestação de Sua vontade.

Adão, o bondoso pai que a cada dia intercedia junto ao altar pela sua família, e de uma maneira especial por aqueles filhos que se aventuravam em caminho de ilusões, apresentou com tristeza o pedido de Caim ao Senhor da luz. Aguardariam dEle a manifestação de Sua vontade sobre aquele passo tão importante no seio da humanidade.

Caim e sua irmã amada, aguardavam agora ansiosamente pelo dia do sacrifício, quando poderiam com certeza ter um encontro com Aquele que tudo criou. Estavam convictos de que Ele não recusaria a concretização de seu sonho, e manifestaria apoio ao seu ideal de culto.

O sol declinou-se ao fim daquele sexto dia, dando lugar às trevas de mais um sábado. Toda a família reuniu-se reverente junto ao altar, enquanto Adão preparava o cordeiro para o sacrifício. Viria o Criador em resposta ao anseio daquele jovem casal?! Esta questão pesava sobre todos eles, e em especial sobre Caim e sua irmã companheira.

----\*\*\*----

Yahwéh ouvira o pedido de Caim apresentado por meio de Adão, e estava pronto a manifestar-se em resposta a esse anseio. Pesava sobre seu Ser, contudo, uma grande tristeza, pois não poderia abençoar aquele jovem casal com a plenitude de felicidade e paz que almejavam obterem naquela união. Unicamente um verdadeiro casamento poderia conferir-lhes essas virtudes.

O Criador estabelecera o matrimônio como um santo legado, de significado eterno. A união do casal, sob a benção divina, deveria simbolizar a união espiritual entre Deus e os ser humano. O casamento, portanto, perderia o seu sentido prefigurativo, para aqueles que menosprezassem o símbolo dessa união, que encontrava, desde a queda do homem, o seu ápice no sacrifício do cordeiro. Yahwéh determinara ensinar por meio da cerimônia do casamento, a verdade fundamental de que, unicamente mediante a morte do Messias, a seu tempo, Ele poderia casar-se com a raça humana, numa eterna aliança de paz. Portanto, Sua benção somente poderia ser obtida por aqueles que se submetessem ao ritual simbólico.

----\*\*\*----

O cordeiro atado sobre o altar, sentiu atravessar seu peito aquele cutelo de pedra que, depois de causar-lhe profunda dor mergulhou-o na escuridão da morte. Sobre o sangue que brotou de sua agonia, nasceu imediatamente uma luz que tornou-se intensa, até afugentar todas as trevas que cobriam aquela colina. Em meio ao brilho, a família reunida pode distinguir a presença gloriosa do Criador, que mansamente inclinou-se sobre eles, com o Seu sorriso amigo. A felicidade daquele encontro era imensa, pois já haviam passado muitos anos desde Sua última aparição, que ocorrera por ocasião do anúncio do nascimento de Abél. Para eles, portanto, aquele encontro era muito especial.

Depois de saudar afetuosamente aquela família, Yahwéh comunicou-lhes as novas que poderiam ser de alegria. Disse-lhes que ouvira o pedido de Caim, que Lhe fora apresentado por Adão, e viera com o propósito de orientá-los acerca dos passos que deveriam dar para concretização daquele sonho. Conscientizou-os primeiramente da responsabilidade que assumiriam diante de dEle e de todo o Universo, pois em sua espontânea união, trariam ao mundo filhos, os quais deveriam ser instruídos no caminho da salvação. Falou-lhes também das funções que desempenhariam em seu novo lar. Caim, semelhante a Adão, seria sacerdote e mestre ; Deveriam, portanto, construir um altar, para sobre ele oferecer sacrifícios. Sua companheira, em semelhança de sua bondosa mãe, deveria ser submissa e sempre pronta a auxiliá-lo nas lides diárias.

Com alegria, Caim e sua companheira ouviram de Deus essas palavras de orientação e aprovação ao casamento.

Abel e sua companheira que aos pés do Criador ouviam atentos Suas palavras de aprovação ao casamento dos irmãos, entreolhavam-se movidos por um intenso desejo de formarem também um lar, onde seguindo o exemplo dos pais, poderiam desempenhar um ministério de amor.

Lendo em seus olhos o desejo nascido no coração, Yahwéh com um sorriso os envolveu com Seus braços, e disse-lhes que poderiam construir também o seu altar.

Com lágrimas de emoção, Abel e sua irmã prostraram-se aos pés do Criador, agradecendo-Lhe por conferir-lhes tão sagrado dom.

----\*\*\*----

Yahwéh passou a orientar aqueles jovens com respeito à cerimônia que os enlaçariam. Ordenou-lhes mais uma vez a construção do altar. Caim construiria o seu altar, e Abel o seu. Preparariam cada um uma oferta especial, para oferecer em sacrifício, na noite que antecederia ao próximo alvorecer do sábado. A aprovação e benção de Deus ao casamento, se manifestaria na presença do fogo que surgiria sobre o altar. Iluminados pelo brilho da presença divina, sua união seria selada diante de todo o Universo, sendo considerados a partir desse ato, uma só carne. Essa união, geradora de vida, consistiria num simbolismo perfeito da união de Yahwéh com o ser humano, em virtude do sacrifício do Salvador. Com essas orientações e ordens de Yahwéh, tornou-se claro para aqueles jovens pretendentes ao matrimônio, que a única oferta aceitável, que poderia trazer a benção da verdadeira união, seria o sacrifício de um cordeiro.

Em meio ao júbilo daquela família, a luz de Deus dissipou-se finalmente, ocultando-O de seus olhos. Sob a luz do altar, permaneceram alegres a conversar sobre aquele futuro de felicidade que acenava-lhes agora tão próximo.

O sol surgiu finalmente, trazendo em seus cálidos raios um alvorecer de brisa mansa a beijar-lhes a face com o aroma do Éden, trazendo-lhes à lembrança as emoções daquele primeiro sonho de Adão.

----\*\*\*----

Caminhando pelos campos férteis sobranceiros à colina, a pequena família, seguindo instruções de Yahwéh, passou a traçar as divisas de seus lares. Caim, sendo o primogênito, escolheu os campos floridos que estendiam-se à direita do lar de seus pais; Ali, muito em breve, ergueria o seu altar.

Enquanto Caim e sua companheira permaneceram nos limites de seu futuro lar, traçando planos para seu futuro, Abel e sua irmã mais nova acompanharam os passos de seus pais até alcançarem aos campos que estendiam-se à esquerda do altar de Adão. Estavam contentes, pois em sua ocupação pastoril, encontrariam ali sempre verdejantes pastagens regadas por refrigerantes mananciais.

Depois de definirem o lugar sagrado do altar, onde sob o calor da primeira chama viveriam a mais íntima união, Abel e sua companheira passearam felizes pelos seus campos onde pastavam os cordeiros; Ali adoraram o grande Deus que, para casar-se com a humanidade em eterna aliança de vida, Se faria cordeiro na pessoa do Messias, para verter Seu sangue em sacrifício redimidor.

O alvorecer do primeiro dia da semana despertou enfim aqueles noivos para uma semana que seria de muitas atividades: Deveriam construir os altares e preparar seus novos lares.

Com ânimo iniciaram o trabalho, ajudados pelos pais. Depois de lavrarem e prepararem os lugares determinados, reuniram as pedras com as quais construíram cuidadosamente os altares. Prepararam em seguida suas moradas, plantando arbustos para servirem de muro protetor. Esses preparativos se estenderam até o quinto dia. Aguardavam agora o sexto dia, quando preparariam a oferta para o altar - oferta que em sua aceitação os uniriam em sagrado matrimônio.

----\*\*\*----

A luz do sexto dia finalmente raiou, trazendo um dia significativo para aquela família. Caim e Abel, juntamente com suas companheiras, haviam sido instruídos desde à infância sobre o caminho da obediência. Havia também recebido orientações diretas de Yahwéh com respeito ao verdadeiro

sacrifício. Agora, eram observados por todos os seres inteligentes do vasto Universo, naquele dia de prova. Se atentassem para o caminho doloroso do cordeiro, seriam unidos num casamento de significado solene; se rejeitassem seguí-lo, não alcançariam a aprovação, nem tão pouco a benção que desejavam receber.

Abel e sua irmã mais nova, caminharam com alegria em direção ao rebanho, onde escolheram o mais bonito cordeiro, tomando-o como oferta ao Senhor. Enquanto isso, Caim e sua companheira, com determinação dirigiram-se aos pomares, colhendo ali os mais belos frutos e flores, para oferecerem sobre o altar.

Yahwéh e seus súditos entristeciam-se ante a atitude de Caim. A oferta que preparavam, consistia numa demonstração de rebeldia diante do plano da redenção. Rejeitando o sacrifício de sangue, estavam menosprezando o único caminho pelo qual o ser humano poderia retornar ao paraíso da eterna vida.

----\*\*\*----

O sol finalmente tombou no horizonte, trazendo em seu arrebol, como num último apelo ao jovem Caim, a lembrança de seus passos naquele anoitecer em que retornava ao lar. Teria ficado retido na selva naquela noite, não fosse a luz do cordeiro sacrificado. Essa lembrança mergulhou-o em profunda luta íntima. Seria aceita a sua oferta de flores e frutos?! Não seria melhor retroceder em seus passos, tomando um cordeiro para o altar?!

Invisíveis aos olhos de Caim, legiões de anjos procuravam influenciá-lo em sua solene decisão. Em sua luta espiritual, chegou quase a abandonar seus planos, mas seu orgulho repelia repeliu finalmente essa opção: seria humilhante àquelas alturas, confessar diante de sua irmã e de sua família, a inconsistência de sua teologia.

Enquanto contemplava no horizonte o último lampejo do arrebol, Caim rompendo com o apelo do Espírito divino, reafirmou-se em sua decisão : Ofereceria flores e frutos em lugar de um cordeiro, inaugurando uma nova modalidade de culto que, certamente, poderia ser aceita por Yahwéh.

----\*\*\*----

As trevas baixaram lentamente sobre aquela colina, até cobri-la em semelhança de um espesso manto. O momento era deveras importante , pois decisões de vida e morte estavam por manifestar-se . O que estava em jogo no posicionamento humano, era o destino do Universo. Nos passos rebeldes de Caim e sua companheira, viam os seguidores de Yahwéh um grande perigo que poderia dificultar e por em perigo o triunfo do plano da redenção. Tomavam consciência naquela noite, de que Satã e suas hostes, procurariam conduzir a humanidade para formas errôneas de culto, baseadas em filosofias atraentes como aqueles frutos e flores colhidos por Caim, mas que em essência seria uma negação do único caminho da salvação, representado pela morte do cordeiro.

Naquela noite, dois novos casais, movidos pelo mais profundo anseio, apresentavam-se diante do Criador com suas ofertas. A aceitação divina descerraria para eles um caminho de felicidade, em resposta aos seus mais acalentados sonhos. Sua união sob a luz do altar, traria para eles um vislumbre das glórias futuras - aquelas que serão desfrutadas pelos redimidos - a alegria de estarem para sempre unidos ao Redentor, o amante Esposo da alma humana. A não aprovação da oferta, traria amarga decepção, pois além de não receberem a benção do Criador, teriam consciência de estarem trilhando por um caminho de rebeldia, desligados do Autor da vida.

Foi com um misto de alegria e tristeza, que Adão e Eva dirigiram-se ao altar naquela noite, depondo sobre o mesmo a ovelha para o sacrifício. Depois de tantos anos junto aos seus filhos, nos quais por palavras e exemplo, procuraram mostrar o caminho da salvação, colhiam agora respostas de



obediência e desobediência. Estavam felizes por Abel, e tristes por Caim. O que mais poderiam fazer por aquele filho rebelde?! Numa última tentativa de fazê-lo reconhecer seu erro, Adão tomando nos braços sua oferta, bateu-se até avizinhar-se do altar de Caim. Ali, com lágrimas a banhar a face, implorou com seu filho a tomar aquela ovelha para o sacrifício. Se aceitasse os seus rogos, veria surgir o fogo da benção divina, caso contrário, permaneceria mergulhado nas trevas. Caim com arrogância, menosprezou a oferta de seu pai, afirmando que o seu altar jamais seria maculado pelo sangue de inocentes animais.

Ferido pela rebeldia e ingratidão de seu filho, Adão retornou ao seu altar, onde juntamente com Eva, continuaram intercedendo pelo futuro de seus filhos.

----\*\*\*----

O momento da prova chegara. Todo o Universo estava atento. No coração de todos os filhos da Luz havia um misto de alegria e tristeza: alegria pela oferta de Abel, e tristeza pela confirmação de Caim no caminho da rebeldia.

Semelhante a seu pai, Abel ergueu com mãos trêmulas o cordeiro que não opunha resistência. Desde a infância se apegara a esses inocentes e puros animais, vendo neles um símbolo do Salvador. Seu apego aos cordeirinhos, levava-o a tornar-se pastor. Ele estremecia ante a idéia de ter de sacrificar aquele animalzinho de estimação, mas sabia que não haver outro caminho para se aproximar de Yahwéh. Unicamente a sua morte poderia descerrar a chama da aceitação, da benção para o seu casamento. Presenciara desde à infância o doloroso ato do sacrifício, mas agora, quando suas mãos deveriam desferir o golpe, hesitava. Tomado por profunda angústia ante seu dever, curvou a fronte em inconsolável pranto.

Caim, movido pelo anseio da união que seguiria à chama da vitória, ergueu as mãos sobre as flores e frutos, invisíveis sobre aquele altar mergulhado na escuridão. Seguro da aprovação divina, voltou os olhos para o céu, e contemplou o fulgor das estrelas. Alegrava-se por saber que em resposta à sua oferta, outra estrela surgiria para se unir àquelas com seu brilho.

Adão com a mão erguida chorava em sua prece, lamentando a perdição de Caim. Por que rejeitara o cordeiro?! O que poderia mais ter feito, para fazê-lo compreender que o seu caminho era de pecado?! Certo de que esgotara todos os meios para ajudá-lo, Adão tombou a cabeça, após desferir o golpe mortal. A chama da aceitação imediatamente iluminou-lhe a face marcada pelo pranto.

Consolado pelo brilho da chama que ardia sobre o altar de seu pai, Abel num esforço doloroso ergueu a mão portadora do cutelo da morte - aquele que em sua queda descerraria-lhes a benção imerecida, após causar a dor. Enquanto trêmulo e pálido permanecia ainda hesitante em suas trevas, Caim do outro lado da chama de perdão acesa no altar de seu pai, clamava pela luz divina. Confiante de estar agradando o Criador com sua oferta, orava:

*-Senhor, Criador e Rei Universal, Teu reino é de luz e alegria; Tu és como o sol que vitorioso percorre o céu, envolvendo toda a natureza com o seu manto de luz, fazendo-a despertar colorida, em pujante vida. A tí que com o Teu amor fazes brilhar o dia, unindo sob teus raios toda a vida, trago estas flores e frutos que são produtos dessa união. Aceita-os como símbolos de nossa vitória, e faça brilhar sobre nosso altar a chama da eterna benção”.*

Abel, movido por uma profunda dor, cravou finalmente no peito do cordeiro aquele instrumento de morte, fazendo-o adormecer para sempre. No impulso do golpe, prostrou-se ao solo onde agonizante demorou, refletindo no significado daquele sacrifício. Podia agora compreender a agonia que seu pai experimentava em todas aquelas noites de sacrifício.

Caim que silente aguardava a resposta de sua prece, inquietou-se pela demora. Sua inquietação tornou-se finalmente desespero, ao ver surgir além a chama da benção descendo sobre o altar de seu irmão. Tomado então por emoções de tristeza e ira, bradou aos céus:

*-Senhor, Senhor, não me ouves?! Não me respondes?!*

Seus rogos, porém, não trouxeram nenhuma resposta além de um eco vazio, perdido naquela noite. Vencido pela vergonha da tragédia, Caim prostrou-se, revolvendo-se em inconsolável pranto.

Satã exultou ao testemunhar o desespero de Caim que, com gemidos maldizia o Criador por não haver se manifestado sobre o altar. Festejava por ter conseguido através do engano levar Caim novamente a manifestar diante do Universo sua rebeldia. Estava contente também em ver que Caim não estava sozinho em sua queda, mas tinha sua irmã a seguir-lhe os passos. Agora, lutaria para mantê-los cativos sob o seu poder, tornando-os inimigos declarados de Yahwéh e de seus seguidores.

O Criador, embora entristecido pela desobediência de Caim, alegrava-se em poder honrar diante do Universo aquele casal obediente que, no cordeiro imolado, via a promessa de um Redentor que no futuro nasceria para redenção de todos os pecadores que o aceitassem.

Abel e sua companheira após consolarem-se da dor do rude golpe, banhados pelos raios aquecidos daquela chama, uniram-se em sublime ato de amor, esse que poderia gerar vida.

----\*\*\*----

Adão e Eva que penalizados já haviam previsto a dura decepção de Caim e sua companheira, atraídos pelos seus gemidos, apalparam-se nas trevas, até avizinham-se de seu altar sem vida. Ali, movidos por grande desejo de mudar-lhes a sorte, procuraram convencê-los a oferecerem um cordeiro; O tempo ainda lhes era oportuno e se quizessem, poderiam buscar nas pastagens o rebanho, tomando um cordeiro para o altar.

Impulsionados pelo orgulho, Caim e sua irmã rejeitaram os conselhos dos pais que somente queriam a felicidade deles.

Remoendo em lamúria sua amarga decepção, Caim permaneceu o restante da noite a revolver-se em insônia. Em seus sentimentos e pensamentos, sobrevinham agora as sombras do ódio e da vingança. Estava irado contra o Criador, por haver rejeitado sua oferta.

Contemplando ao longe a chama da aprovação, sob a qual Abel e sua companheira viviam sua feliz união, Caim encheu-se de indizível inveja que explodiu dentro dele num furor sem limites. Lá estava o filho preferido - aquele a quem não tolerara desde a infância. Por que seria ele mais digno?! Por que poderia gozar maiores privilégios?!

Inspirado pelo espírito maligno, quando o sol já estava quase raiando, Caim começou a maquirar um terrível crime. Disse para si: - *Se eu não sou digno de viver sob a luz da benção divina, nem tão pouco o meu irmão será; Aguardarei o momento oportuno, para apagar de seus olhos todo o brilho da felicidade.*

----\*\*\*----

O sol finalmente raiou revelando com sua luz a face transtornada de Caim. Que mudança! Não brilhavam os seus olhos de felicidade ao entardecer?!

Todas as hostes da luz preocupavam-se com a situação infeliz de Caim. Sabiam que em sua decidida rebelião, Satã o afundaria cada vez mais em maior desespero.

O Criador conhecendo os planos malignos de Caim, manifestou-se a ele no alvorecer, com o propósito de ajudá-lo a compreender sua necessidade. Invisível aos demais da família, Yahwéh dirigiu-se a Caim e, estendendo sobre ele Sua mão amiga, perguntou-lhe:

*- Filho, por que você está tão irado?!*

Em resposta, Caim apontando para o altar coberto de flores e frutos, respondeu:

*- Estou magoado por não teres aceito essa oferta que ofereci com tanta fé.*

Com palavras cheias de compaixão, o Criador explicou-lhe novamente a necessidade humana da salvação, a qual somente poderia ser alcançada mediante o Seu sacrifício, que era simbolizado pela imolação do cordeiro. Disse-lhe que sua oferta de gratidão somente poderia ser aceita, após o sacrifício de sangue.

Não conformado com as palavras de Yahwéh, Caim procurou justificar-se. Suas palavras, contudo, que revelavam a grande mágoa de um orgulho ferido, foram finalmente interrompidas pelos conselhos finais de Deus, que estendia-lhe uma única oportunidade, para romper com sua escravidão espiritual:

*- Somente há um caminho Caim , que é de sacrifício. Se você proceder conforme o seu irmão, será também aceito e abençoado com a chama da benção; Se, todavia, proceder mal, terá selado o seu destino das garras da morte.*

Após afirmar solenemente essas palavras , Yahwéh despediu-se de seu filho, tornando-Se invisível.

----\*\*\*----

As palavras de Yahwéh mergulharam Caim na mais terrível luta íntima. De um lado Satã e seus exércitos esforçavam-se em detê-lo em sua escravidão, do outro Deus e suas hostes, procuravam despertar naquele coração em luta, o reconhecimento do único caminho para a salvação.

Caim, agitado em seus pensamentos e torturado pelo peso de responsabilidade que repousava sobre si, pois seus passos seriam seguidos por muitos outros, chegou, por vezes, a pensar em render-se, tomando para si um cordeiro. Mas esse pensamento, logo era banido, dando lugar a outro, de ódio e vingança.

Em sua agonizante luta, quando o sol já caminhava para o poente anunciando outra escura noite, Caim vencido pelo orgulho tomou trágica decisão: Jamais aceitaria o plano da redenção simbolizado pelo cordeiro sobre o altar. Essa decisão, qual seta dolorosa rasgou o coração de Yahwéh e de suas hostes. fazendo-os prostrar em triste lamentação pela perdição daquele filho amado. Era terrível pensar que muitos no desenrolar o grande conflito pelo trono do Universo, haveriam de seguir os passos de Caim!.

Cessada a batalha, Caim ergueu-se com um sorriso maldoso nos lábios. Não teria mais conflitos em sua consciência! Não seria mais perturbado pela idéia do sacrifício! Lutaria agora, e construiria com sua sabedoria e força, um paraíso de paz e prosperidade.

----\*\*\*----

Mais uma noite surgiu, trazendo com suas trevas a insônia de uma aventura louca, desumana e cruel, que agora era planejada por Caim. Com o coração dominado pelo mal, dizia para si naquela noite, que era a primeira da semana:

*- Assim que raiar o dia, visitarei o lar de Abel. Fingindo estar arrependido, pedirei dele um cordeiro para o meu altar. Pedirei que ele me acompanhe até o rebanho, que pernoita em pastagens distantes; Sei que ele de boa vontade me atenderá. Quando em nossos passos, nos encontrarmos distantes de seu lar, eu o farei compreender a dor sentida pelos cordeiros. Depois de matá-lo, o esconderei na floresta, longe do alcance dos olhos de sua companheira e de seus pais. Comemorarei então o seu fim, unindo-me à minha companheira, como ele o fez após a morte do cordeiro. Quando surgir o entardecer - esse que com seu arrebol não trará mais Abel para o seu lar- fugirei com minha irmã para o vale de onde regresssei outrora, e de lá jamais voltarei à essa colina hostil, onde cordeiros perecem sem culpa. Caminharemos assim até alcançarmos o berço da luz, que estende-se nas campinas do Éden. Ali, longe dos rogos e conselhos desse meu intolerável pai, oferecerei ao Senhor da luz, cultos de flores e frutos : produtos que nascem sob seu brilho.*

O sol em sua marcha oculta, anunciou no horizonte distante os sinais do amanhecer, num clarão que, refletido por uma nuvem, tornava-a parecida a um manto banhado em sangue. Caim que trazia nos olhos as marcas da insônia, ocultou à sua companheira o motivo que não o deixara dormir. Sorriu simplesmente após ver surgir o Sol, e saiu prometendo regressar assim que sacrificasse no campo um cordeiro. Achando estranha sua atitude, sua irmã perguntou-lhe o por que de não oferecer a oferta sobre o altar. Ele desculpou-se dizendo que manteria seu propósito jamais macular o seu altar com sangue de inocentes animais, mas cumpriria a vontade divina, sacrificando um cordeiro para alcançar a benção sobre o seu matrimônio, mas o faria distante, no campo. Após cumprir esse compromisso, retornaria para ela, e seriam a partir de então uma só carne.

Abel alegrava-se naquela manhã ao lado de sua amada que, com um sorriso despertara como de um sonho, reclinada ao seu peito, onde pulsava um coração o qual não podia ela imaginar, enviaria naquele dia, num último esforço, a seiva da vida, para não mais retornar. Abel seria como um cordeiro sobre o altar.

Depois de cingir-se com o instrumento da morte, Caim com passos movidos por uma decisão que não seria revogada, ladeou a casa de seus pais, aproximando-se do lar de Abel que, ainda aos pés do altar, permanecia com sua companheira, trocando juras de um amor eterno. O olhar de ternura de Abel, sob o brilho do alvorecer trouxe para aquela jovem uma lembrança que a comoveu. Acariciando sua face coberta pela barba macia qual lã, com os lábios trêmulos de emoção, sussurrou-lhe:

*- Querido, o seu olhar é para mim como o olhar de um cordeiro: me traz segurança, paz e esperança. Sou grata por poder contemplar esses olhos em que brilha o amor! Tudo o que eu quero, é que eles jamais se fechem para mim!*

Com emoção Abel beijou sua companheira depois de ouvir suas palavras de carinho, e respondeu-lhe com um sorriso:

*- Querida, somente a morte os poderá fechar; mas mesmo a morte não poderá serrá-los para sempre, serrá-los para sempre, pois no alvorecer eternal, eles se abrirão para você com um brilho que jamais será desfeito por essa sombra!*

Abel dizia essas palavras, quando os passos de Caim se fizeram ouvir em aproximação. Ao ouvirem-no chamar por Abel, saíram-lhe ao encontro, e ficaram felizes ao vê-lo expressar sua decisão de sacrificar um cordeiro. Como não possuía rebanho, desejava adquirir um de seu irmão.

Abel prontamente autorizou-o a tomar de seu rebanho, não somente uma ovelha, mas quantas precisasse, até que formasse o seu próprio rebanho.

Caim, com um sorriso agradeceu-lhe a dádiva, mas acrescentou:

*-Meu caro irmão, não aprecio abusar de sua bondade, mas eu gostaria imensamente que você me acompanhasse até o rebanho, pois as ovelhas certamente fugirão de mim que não sou pastor.*

Abel consentiu de boa vontade em acompanhá-lo. Abraçou então sua companheira, prometendo logo regressar - promessa que em dor veria desfazer-se no seu corpo ferido e em seus olhos a escurecer em sangue, semelhante ao triste arrebol que não o traria de volta para os braços de sua amada.

Abel alegrou-se ao saber que seu irmão tomara a decisão de sacrificar um cordeiro. Enquanto caminhavam rumo ao rebanho, conversavam sobre a experiência do casamento: bênção alcançada mediante o sangrento sacrifício.

Quando já estavam distantes de seus lares, avistaram o rebanho que pastava sob o sol matinal. Abel adiantou-se em seus passos fazendo soar sua voz de pastor. As ovelhas de uma só vez ergueram a cabeça, olhando na direção do bom pastor.

Caminhando em direção ao rebanho, Abel pediu a seu irmão que o aguardasse naquele lugar enquanto tomaria um cordeiro gordo para o seu altar. Não ouvindo resposta de Caim, Abel olhou para traz, e surpreendeu-se ao ver que o semblante de Caim estava transtornado e seus olhos não expressavam gratidão, mas ira. Abel voltando-se para ele, perguntou-lhe o por que de sua infelicidade. Disse-lhe que Deus o amava, e visto que estava decidido a oferecer-lhe um cordeiro, o seu casamento seria abençoado e desfrutariam paz na alma. Em resposta às palavras amorosas de Abel, Caim disse-lhe friamente:

*-Você é o cordeiro que eu quero sacrificar”*

Depois de fazer-lhe esta cruel declaração, Caim tirou do interior de sua veste uma faca de pedra e avançou sobre o seu irmão que, pálido rogava-lhe, desferindo-lhe um profundo golpe na face. O sangue imediatamente jorrou como de um cordeiro, fazendo Abel estremecer de medo. Teria já chegado o dia de depor a vida?! Enquanto com um gemido indagava, sentiu outro golpe que em sua violência o fez tombar ao solo. Em sua mente atordoada pela dor, num último esforço de sua consciência, lembra-se daquelas juras de amor trocadas no alvorecer. Em seu delírio de morte, parecia ouvir sua amada dizer-lhe com os lábios trêmulos pela emoção:

*- Querido, o seu olhar é como o olhar de um cordeiro...; Tudo o que eu espero, é que eles jamais se fechem para mim! Revive assim com esforço, seu último beijo acompanhado por sua promessa que a fez sorrir: - Somente a morte os poderá fechar; mas mesmo ela não os poderá serrar para sempre, pois no alvorecer do dia eternal eles se abrirão para você com um brilho que jamais será desfeito por essa sombra.*

Após lembrar este juramento de amor, Abel vencido por um golpe fatal, mergulhou na inconsciente treva, seguro de que em breve essa sombra seria banida de seus olhos, no dia da ressurreição.

Caim somente cessou de golpear seu irmão, depois de certificar-se de que ele estava realmente sem vida. Arrastou-o então até a floresta, deixando-o ali coberto com folhagens de capim.

Retornando para sua casa, Caim mostrou à sua companheira as marcas de sangue em suas mãos, e disse que atendera o pedido divino, sacrificando um cordeiro. Agora, estavam livres para se

unir sob a benção do Senhor. Vencidos pela paixão carnal, uniram-se então sob o brilho daquele sol que já não brilhava para Abel.

Quando o sol tingia o horizonte com seu arrebol, Caim lembrando-se de seu crime levantou-se sobressaltado, e disse para a sua companheira que em seu sacrifício, prometera ao Senhor da luz apresentar suas flores e frutos como uma oferta de gratidão pela benção alcançada. Essa oferta deveria ser oferecida nas divisas do Éden por ocasião do alvorecer. Precisavam, portanto, partir imediatamente.

Sem questionar a vontade de seu marido, aquela jovem reuniu apressadamente suas vestes e a oferta de gratidão, e partiram para dentro da noite. Caim tinha pressa, pois sabia que a ausência de Abel naquela noite, traria a revelação de seu crime, o qual pretendia para sempre ocultar de sua esposa.

----\*\*\*----

Banhada pela luz do arrebol, aquela jovem esposa sorria, certa de que abraçaria o seu Abel antes da noite. Contemplando o sol em seu declinar sobre as campinas de onde esperava vê-lo regressar, com saudade lembrava do alvorecer que em sua luz revelara os olhos de seu esposo, compassivos como os de um cordeiro. Emocionou-se ao lembrar do pedido que num sussurro lhe fizera: - *Tudo o que eu quero é que seus olhos jamais se fechem para mim.* Lembra-se de sua resposta carinhosa: - *Querida, somente a morte poderá fechá-los; mas mesmo essa não poderá cerrá-los para sempre, pois no alvorecer eternal eles se abrirão para você com um brilho que jamais será desfeito por essa sombra*".

Com essa lembrança, a jovem esposa viu enfim o sol mergulhar em seu túmulo de morte e vida, envolvendo com seu último clarão a campina vazia e seu coração que a pulsar com saudade, permaneceria também vazio.

Franzindo a testa com preocupação, aquela jovem indagava:

- *Por que não vem o meu amado?!*

Movida pelo anseio, correu até a casa de seus pais, onde imaginava o encontrar. Chamando-o, porém, não ouviu nenhuma resposta além do ruído dos passos de seus pais que, curiosos saíram-lhe ao encontro, indagando:

- *Filha, você está procurando por Abel? Ele ainda não chegou?*

- *Não,* - respondeu a filha, já com lágrimas nos olhos, - *ele ainda não chegou!*

Embora preocupados, aqueles pais abraçaram a filha procurando consolá-la, dizendo que ele logo estaria em seus braços. Em sua preocupação velada, perguntaram então à filha:

- *Já faz tempo que ele saiu?*

- *Logo após despertarmos, no alvorecer* - respondeu.

A esta resposta, seguiu um silêncio de inquietantes indagações, enquanto juntos tentavam divisar em vão seu vulto sob aquele prado banhado pelo último rastro de luz.

Suspirando profundo, Adão já suspeitando um possível mal, indagou de sua filha:

- *Ele saiu sozinho?*

Soluçando ela respondeu:

*-Caim nos despertou pela manhã, pedindo um cordeiro, e Abel saiu com ele.*

Preocupado, Adão saiu silencioso e dirigiu-se à casa de Caim. Chamando ali por ele, não ouviu nenhuma resposta. Rompeu então através das folhagens para o interior daquela cabana, onde leu no triste vazio um presságio doloroso de traição, confirmado numa veste manchada de sangue, apagando-se na penumbra.

Vencido pela angústia, Adão caiu ao solo rompendo-se em pranto; Não querendo, contudo, revelar seu desespero à sua filha e esposa que precisavam de consolo para vencerem aquela triste noite, Adão num esforço imenso enxugou as lágrimas e firmou-se contra as emoções, ao ouvir os passos delas em aproximação.

Do lado de fora, Eva e sua filha esperançosas de encontrarem ali Abel em visita a seu irmão, indagou:

*- Eles estão aí papai?*

A voz esperançosa de sua filha em meio àquela noite, foi qual seta a sangrar seu coração, e temia responder sua pergunta. Finalmente, caminhou na direção de sua filha, e vendo-a sofrer pela ausência de seu companheiro, procurou consolá-la dizendo:

*-Filha, confie no poder do Criador. Ele cuidará dele, e o trará no alvorecer!*

As palavras de consolo de Adão, contudo, longe de suavizarem o pranto daquela jovem, mergulhou-a em maior sofrimento, fazendo-a reviver em lembranças as promessas de Abel proferidas naquela manhã; Ele havia dito que se algum dia os seus olhos fossem apagados pela morte, eles se abririam para ela no alvorecer do sábado eterno.

---\*\*\*---

Caim e sua companheira em seus passos apressados de fuga, encontraram-se finalmente distantes da colina, mergulhados naquele vale de trevas que jamais entregaria de volta àquelas pais sofredores seus filhos rebeldes. Caim agora, ao lado de sua esposa, ufanava-se zombando das trevas, prometendo desfazê-la em breve com sua força.

Vencidos pelo cansaço, tombaram ao solo, onde adormecidos ficaram até serem despertados pelo alvorecer. Refeitos da fadiga, continuaram a jornada pelo caminho da aventura, em passos que faziam Caim se lembrar daquela caminhada interrompida pela incoerência. Quão tolo havia sido, pensava, em dar ouvido a voz do anjo! Se houvesse continuado em sua missão, possivelmente já teriam um paraíso banhado por uma eterna luz.

Entardecia quando o casal fugitivo alcançou o vale de ossos, lugar em que Caim outrora sentira grande medo. Ao passar por aquele lugar, Caim estremeceu. Temia agora não as trevas que lentamente baixavam sobre o vale, mas a luz.

Percebendo o seu temor, sua companheira perguntou-lhe:

*- Você está temendo as trevas?*

*- Estou temendo a luz, respondeu Cai: - Aquela que me fez caminhar rumo à morte.*

Não entendendo o que ele queria dizer, sua companheira insistiu para que ele esclarecesse o mistério. Com impaciência, Caim revelou que estavam nas divisas do Éden; lugar onde encontrou-se outrora com o anjo. Tendo dito isto, apontou para a esquerda acrescentando: - *Sigamos nesta direção, pois não quero encontrá-lo novamente.*

Tomando-a pelo braço, caminharam rápidos, aproveitando a última luminosidade do arrebol. Quando enfim seus passos não podiam ser dados sem dificuldades por causa das trevas, contemplaram por entre as ramagens um brilho que, mais intenso que o do sol, permaneceu por um momento, desvanecendo-se. Imóvel ao lado de Caim, suas esposa, curiosa indagou:

- *Você viu?*

- *Sim, respondeu Caim a tremer.*

- *O que será?*

À essa indagação, Caim não respondeu, simplesmente tomou-a pela mão e disse:

- *Voltemos. Fugamos dessa luz que nos poderá matar.*

Sem compreender o mistério, a jovem esposa o seguiu em passos rápidos que, aqui e acolá, eram impedidos por tropeções que os lançavam ao chão. Nessa fuga, porém, não conseguiram esquivar-se do brilho que surgiu-lhes mais forte diante dos olhos.

Enquanto espantados tentavam num último esforço fugir noutra direção, foram detidos por uma forte mão que, desvendando os seus olhos, revelou diante deles a face de Yahwéh, mais brilhante que o sol.

Não sabendo como encará-Lo em Sua luz de justiça, Caim temendo ser castigado pelo seu crime, curvou a cabeça entre as mãos. O Criador indagou-lhe então com seriedade:

- *Onde está Abel o seu irmão?!*

Como insistisse nesta pergunta, Caim envergonhado por ter de confessar o seu terrível crime diante de sua companheira, de quem queria ocultar, respondeu simplesmente:

- *Não sei. Sou eu o guardador de meu irmão?!*

Indignado por esta resposta de desprezo e irresponsabilidade, Yahwéh disse-lhe com firmeza:

- *Que fizeste Caim! A voz do sangue do seu irmão clama a mim desde a terra. Agora - continuou Deus - maldito será nesta terra que recebeu o sangue inocente de seu irmão.*

Com voz cheia de tristeza, Yahwéh continuou:

- *Até este dia, o cobri de bênçãos, fazendo prosperar o seu labor na terra, dando-lhe prazer nesta realização; desde agora, já não poderei abençoá-lo, pois pela espontânea rebeldia você cerrou os canais desta benção. Por isso, caminhará sempre vagabundo sobre esta terra amaldiçoada por sua culpa, fugitivo da luz desta face que sempre sorriu-lhe perdão e salvação, até tombar vencido pela rebeldia dentro da eterna noite.*

Depois de revelar sua triste e irremediável situação, o Criador ergueu a voz e chorou amargamente. Duro Lhe era despedir para a morte aquele filho amado que, pela insistente rebeldia selara seu destino eterno.



Caim todo trêmulo, tomado pelo medo e horror pela sua deplorável condição, com desespero clamou a Deus: - Volta Senhor, volta! Conceda-me somente uma benção!

Movido pelo Seu infinito amor, Yahwéh tornou-se para Caim que trêmulo Lhe falou de seu temor:

*- Tenho medo dos perigos da floresta, e daqueles que quererão no futuro procurar-me para vingar o sangue de meu irmão que derramei”.*

O Criador teve compaixão de Caim, prometendo-lhe proteção. Como sinal dessa promessa, acariciou-lhe a face, fazendo-lhe desaparecer a abundante barba.

Depois deste gesto de pai amoroso que acaricia o filho mesmo na eterna partida, Caim viu desaparecer diante de seus olhos o brilho daquela face banhada pelas lágrimas, produzidas por sua ingratidão.

----\*\*\*----

A noite de desespero e pranto foi finalmente foi banida pelo brilho de um novo alvorecer que com sua luz revelaria uma tristeza ainda maior.

Antes mesmo que o sol mostrasse sua face sobre o vale oriental, a jovem viúva juntamente com seus pais caminharam apressados pelos campos rumo às pastagens onde o rebanho pastava naqueles dias. Com o coração ainda a palpitar esperança, avistaram ao longe o rebanho. Chamaram ali por Abel, mas suas vozes não trouxeram nenhuma resposta além de um eco vazio. Seus olhos discerniram então através das lágrimas, as marcas da dor, naquele gramado amassado e coberto de sangue. Vencidos pela tristeza, seguiram dolorosamente as manchas de sangue, até encontrarem o seu corpo dilacerado, sob aquele capim coberto de moscas. Diante desta cena de terrível humilhação, ergueram as vozes em gritos de pavor, não suportando a dor da separação. Ali permaneceram em agonia, até verem o sol tombar em seu mais melancólico entardecer. Quão dolorosa lhes era o pensamento de terem de regressar para casa, deixando alí o amado Abél a desfazer-se em sua fria noite.

Lembrando de sua infância, quando em seu leito o cobriam com amor, prometendo despertá-lo no alvorecer com um beijo, aqueles pais com um doloroso esforço o cobriram novamente com aquele capim, com a certeza de que no alvorecer do dia eterno o beijariam em seu em seu despertar feliz.

Com dificuldade deixaram finalmente aquele lugar já tomado pela noite e apalparam-se na direção daquelas casas vazias, cujas paredes floridas já não traria para eles alegria.

----\*\*\*----

Vencida pelo horror da dura revelação, a esposa de Caim prostrara em desmaio, vindo a despertar pouco depois da partida de Yahwéh. Ali em meio às trevas, lembrou-se da terrível revelação de Deus, e ficou possuída por grande medo. Temia não somente as trevas, mas principalmente a Caim. Pensou em gritar por socorro; mas quem a salvaria?! Dominada por esses sentimentos, ficou atenta, esperando pelo amanhecer que revelou ao seu lado o corpo adormecido de alguém que não se parecia com Caim. Assustada, temendo despertá-lo, afastou-se alguns passos recostando-se num tronco de árvore, onde permaneceu até vê-lo levantar a face lisa, chamando por ela. Reconhecendo ser a voz de seu esposo, moveu-se em sua direção, mas logo deteve-se dominada pelo receio. Indagando em seu coração sobre o mistério de sua face agora lisa, disse-lhe:

*- Tenho medo de aproximar-me de você!*

Depois de expressar o seu temor, revelou outro maior:

- *Tenho também medo de fugir de você!*

Erguendo-se com um sorriso, Caim perguntou-lhe:

- *Por quê você me teme?*

- *Porque temo a morte*, respondeu aflita.

- *Eu também, até ontem era como você, tinha medo da morte*, disse-lhe Caim.

- *Agora não a teme mais?* Indagou-lhe sua esposa.

- *Não a temo*, respondeu Caim, passando a mão no rosto liso.

- *Mas o que banuiu-lhe o seu temor?* Perguntou-lhe a jovem, temendo ainda aproximar-se.

- *Vê minha face agora lisa? Este é o sinal de uma promessa feita pelo Senhor.*

- *Qual promessa?* perguntou-lhe sua companheira, aproximando-se agora sem receio.

Caim falou-lhe então da benção prometida e confirmada naquele sinal, da qual partilharia também ela, se o seguisse em seus passos. Não encontraria segurança e vida, contudo, ausentando-se dele.

Consolada pela promessa de proteção garantida no rosto liso de seu esposo, aquela jovem o seguiu numa longa caminhada em contorno ao Éden. Planejavam contorná-lo, alcançando o vale oriental que estendia-se para além de seu impenetrável prado; Ali construiriam um altar estabelecendo o seu novo lar.

----\*\*\*----

Caim e sua companheira alcançaram finalmente em sua jornada um vale que, coberto por densa floresta estendia-se ao oriente do paraíso. Ali naquele ambiente de aparência hostil teriam temido não fosse a promessa assinalada na face de Caim.

Almejando encontrar além um lugar melhor, construíram ali um altar provisório, onde no alvorecer do primeiro dia de uma nova semana, ofereceram ao Senhor revelado na face do Sol, flores e frutos - símbolos de fecundidade. Sob a luz do alvorecer uniram-se novamente naquele ato comemorativo da vitória que julgavam haver encontrado.

Depois de unir-se à sua mulher, Caim ergueu-se ante o altar dedicando ao Senhor representado pelo sol, o seu lar. Pediu que os tornassem fecundos para darem a muitos filhos o direito de contemplar-lhe a face de brilho.

Caim concluiu sua prece de consagração, com uma promessa confirmada por um sinal, dizendo:

- *Se atentares para a nossa súplica, trazendo em teu brilho fecundidade, construiremos por onde andarmos altares em honra a ti, onde o adoraremos com ofertas de gratidão. Como sinal de nossa fidelidade, consagraremos para o teu culto, este dia que nos unes sob tua luz, o qual chamaremos pelo teu nome: O DIA DO SOL.*

Novos capítulos do Livro de Melquisedeque serão veiculados pela Internet no endereço: <http://www.melon.com.br/sukot>

Leia o livro A Batalha por Sião, do mesmo autor. Disponível em nossa página na Internet.